

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

FÁTIMA GRAZIELE DE SOUZA

**Estudo do marcador *DE REPENTE* sob o enfoque da Teoria das
Operações Predicativas e Enunciativas**

**Cáceres-MT
2018**

FÁTIMA GRAZIELE DE SOUZA

**Estudo do marcador *DE REPENTE* sob o enfoque da Teoria das Operações
Predicativas e Enunciativas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Albano Dalla Pria.

Linha de Pesquisa: Estudos de Processos de Significação

Bolsa: FAPEMAT/CAPES

**Cáceres-MT
2018**

Souza, Fátima Grazielle de

Estudo do marcador DE REPENTE sob o enfoque da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas./Fátima Grazielle de Souza. Cáceres/MT: UNEMAT, 2018.

104f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

Orientador: Albano Dalla Pria

1. De repente. 2. Marcador. 3. Reversibilidade. 4. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. I. Título.

CDU: 81'367.624

**Estudo do marcador *DE REPENTE* sob o enfoque da Teoria das Operações
Predicativas e Enunciativas**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Albano Dalla Pria
Orientador – PPGL/UNEMAT

Dra. Neuza B. da Silva Zattar
Convidada – PPGL/UNEMAT

Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima
Convidada – UFPI

Aprovada em: 27/02/2018

Ao *Papai do Céu*, por ser o alento e a força nessa caminhada de estudos.

A minha mamãe, *Aparecida de Souza e Souza*, e meu papai, *João Carlos de Souza*, pelo amor e incentivo nos estudos.

A *todos aqueles* que já tiveram momentos de dificuldade no percurso acadêmico. Não vai ser difícil para sempre, então, não deixe os obstáculos afetarem o que há de melhor em você.

AGRADECIMENTOS

Que todo o meu ser louve ao *Senhor*, e que eu não me esqueça
de nenhuma das *suas bênçãos!*
(Salmos 103:2)

Agradeço a *Deus*, pela dádiva da vida! Pela graça de concluir esse trabalho com saúde mental e física.

A minha *familia*, pelo amor incondicional, pelo apoio as minhas iniciativas, e principalmente, pelas orações que me motivam a não desistir dos Sonhos.

Ao meu orientador, *Albano Dalla Pria*, que me acolheu nos estudos culiolianos; acreditou nos meus sonhos, lapidou minhas perguntas e compreendeu minhas limitações. Agradeço o carinho, atenção e o respeito com que me trata sempre. Agradeço, por me inspirar a ser uma pesquisadora que admira os fatos de linguagem com entusiasmo, e por me lembrar que “assumir a hipótese do ‘olhar ingênuo’ implica deixar de perceber a projeção de estabilidade operada pelo conceito de ‘sentido’ sobre os observáveis”.

À professora, *Neuza B. da Silva Zattar*, que me trouxe à vida acadêmica, tanto pela disciplina de Semântica, que me fez, logo no primeiro dia de aula pensar “quero estudar Semântica”, quanto, por ter me aceitado como orientanda de trabalho monográfico. Seus comentários sempre pertinentes e sua visão como semanticista muito contribuem em minha trajetória de formação intelectual e pessoal.

À professora, *Maria Auxiliadora Ferreira Lima*, pelas ricas contribuições na escrita desse trabalho, pela disposição de participar dos exames de qualificação e defesa.

Aos *amigos*, pelas alegrias, risos e sonhos partilhados.

À *UNEMAT*.

À *FAPEMAT/CAPES* pela concessão da bolsa parcial.

Há uma epistemologia do compartimentado, do estático e do linear, ao que parece, à prova dos fenômenos, que é necessário substituir por uma *epistemologia do interativo*, do dinâmico e do não-linear, em uma *dialética complexa do rígido e do maleável* na qual *se constroem e se desconstroem as figuras do estável e do instável através de plasticidade regulada da linguagem*.

(Antoine Culioli)

A *linguagem* é um eterno recomeçar que passamos aos nossos descendentes na bagagem genética. Uma *língua natural* é uma conquista contínua que passamos aos nossos descendentes na bagagem cultural. As duas ordens (linguagem e línguas) estão de tal modo imbricadas, que, *privado de uma herança ou de outra, o ser humano não se desenvolve*.

(Letícia Rezende)

Uma palavra abriu o roupão para mim. Ela deseja que *eu a seja*.

(Manoel de Barros)

RESUMO

Este trabalho, inscrito na linha de pesquisa *Estudos de Processos de Significação* do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), tem como objetivo o estudo da locução adverbial *DE REPENTE* como marcador de operações enunciativas. Para tanto, fundamentamos o desenvolvimento da pesquisa na proposta de Antoine Culioli, mentor da Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). Propomos, nessa direção, observar os processos de construção de significação para *DE REPENTE* resultantes das interações do termo linguístico com outros. Nesse caso, buscamos visualizar as operações realizadas durante o processo de estabilização da significação com *DE REPENTE*. Distanciamos-nos, nesse caso, das abordagens de análise estática da língua. Antes, buscamos apreender as marcas do enunciado, incluindo-se *DE REPENTE*, como resultado do processo de construção de representação. Para tanto, constituímos um *corpus* coletado do meio eletrônico *Corpus do Português*. O critério de seleção dos enunciados foi a ocorrência de *DE REPENTE* com formas verbais no modo indicativo, e posposto a conjunção aditiva *e*. Assim, todos os enunciados analisados apresentam essa organização sintática. A metodologia se baseou na atividade de reformulação, também denominada de glosagem ou parafrazação (FRANCKEL, 2011; FUCHS, 1985). Por meio dos procedimentos de reformulação pudemos esboçar um sistema de representação metalinguística para o funcionamento do marcador. Observamos que a significação de *DE REPENTE* vai além dos valores de súbito ou imprevisto, conforme descrito nos compêndios gramaticais. Ao atuar como marcador de operações enunciativas, *DE REPENTE* opera como marcador de reversibilidade, reorientando o projeto de existência de representação. Em outros termos, enquanto, marcador de reversibilidade, *DE REPENTE* traz para o diálogo um ponto de abertura com menos determinismo, um lugar que opera com a plasticidade do trabalho de construção de representações.

Palavras-chave: De repente. Marcador. Reversibilidade. Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

ABSTRACT

This work, inscribed in the research line of *Significance Processes Studies* of the Stricto Sensu Postgraduate Program in Linguistics of the State University of Mato Grosso (UNEMAT), aims to is the study of the *SUDDENLY* adverb as a marker of enunciative operations. To this end, we base the development of the research on the proposal of Antoine Culioli, mentor of the Theory of Predicative and Enunciative Operations (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). We propose, in this direction, to observe the processes of construction of meaning to *SUDDENLY* arising from linguistic term interactions with others. In this case, we show the operations performed during the stabilisation of meaning with *SUDDENLY*. We move away, in this case, from language static analysis approaches. Before, we seek to seize the statement marks, including *SUDDENLY*, as a result of the representation construction process. To this end, we set up a corpus collected from electronic Portuguese Corpus. The selection criteria of the statements was the occurrence of *SUDDENLY* with verb forms in the indicative, and postponed the additive conjunction and. Thus, all listed analyzed statements present this syntactic organisation. The methodology was based on the redraft activity, also called glossing or paraphrase (FRANCKEL, 2011; FUCHS, 1985). By means of the redraft procedures we were able to sketch a metalinguistic representation system for the marker operation. We observed that the meaning of *SUDDENLY* goes beyond the sudden or unexpected values, as described in word classes textbooks. Acting as a marker of enunciative operations, *SUDDENLY* operates as a marker of reversibility, redirecting the existence project of representation. In other words, while, reversibility marker, *SUDDENLY* brings to the dialogue an opening point with less determinism, a place that operates with the plasticity of representations construction work.

Keywords: Suddenly, Marker, Reversibility, Theory of Predicative and Enunciative Operations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Classificação das funções adverbiais.....	44
Quadro 2-Definição e delimitação dos advérbios: modo, modalizadores e circunstanciais..	45
Quadro 3-Posição sintática do advérbio.....	46
Quadro 4-Operações de linguagem com <i>DE REPENTE</i>	85

SUMÁRIO

Uma breve apresentação	12
1.0 O começo de um caminhar: <i>O saber na Linguagem</i>	18
1.1 A articulação da linguagem com as línguas: <i>questões de significação</i>	21
1.2 De repente, não mais que <i>de repente</i>	25
1.3 A linguagem: <i>representação, referenciação e regulação</i>	31
2.0 Um ponto de parada: <i>O estudo dos advérbios</i>	35
2.1 Considerações linguísticas: <i>o advérbio</i>	42
2.2 Ad+vérbio: <i>um estudo para além das categorizações</i>	49
3.0 Caminhando: <i>os fundamentos teóricos</i>	56
3.1 As relações linguísticas	58
3.2 As marcas do sujeito: <i>o projeto do enunciado em construção</i>	61
3.3 As modulações no tempo e no espaço: <i>o aspecto</i>	63
3.4 As operações de quantificação (Qnt) e qualificação (Qlt)	64
3.5 Re-dizer o dito: <i>glosa e paráfrase</i>	66
4.0 De repente: <i>chegamos às análises</i>	69
4.1 De repente: <i>algumas conclusões in(conclusivas)</i>	90
5.0 Outro ponto de parada: <i>reflexões finais sobre o Saber na Linguagem</i>	97
Referências	99

Uma breve apresentação

O trabalho dissertativo, aqui apresentado, resulta de uma investigação sobre a locução adverbial *DE REPENTE*¹, enquanto marcador de operações enunciativas. Para tanto, tomamos, como referencial teórico, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE²), desenvolvida pelo linguista francês Antoine Culioli e colaboradores. O projeto teórico da TOPE sustenta-se na conceituação da linguística como ciência, cujo objetivo é apreender a atividade de linguagem através da diversidade das línguas naturais.

Por atividade de linguagem entende-se a capacidade humana de construção de representação, referenciação e regulação. E, por línguas naturais, os arranjos léxico-gramaticais que se configuram como formas interpretáveis em situações particulares de diálogo. Assumimos, nesse caso, que o ponto de partida, para a compreensão do funcionamento do marcador *DE REPENTE*, em língua portuguesa, seja a enunciação enquanto processo pelo qual o enunciado se constrói. Logo, nem o enunciado nem a enunciação são algo pronto e acabado, mas são perspectivas ora pontual ora alargada de um processo mais amplo que é o processo de construção de significação. (CULIOLI, 1967).

A base desse processo encontra-se sustentada por operações definidas por Culioli (CULIOLI, 1990, 1995, 1999a, 1999b) como operações predicativas e enunciativas. Mais do que explicitar tais operações, nosso objetivo foi observar os modos pelos quais tais operações sustentam os valores que se encontram estabilizados nos enunciados com o marcador *DE REPENTE*.

Para isso, assumimos como orientação a indeterminação da linguagem³, a articulação léxico-gramatical e a inserção do sujeito. Pretendemos ir além dos estudos gramaticais que, ao tomarem por base o conceito saussuriano de *langue*, enquanto entidade estática, não articulam tal dimensão com os processos dinâmicos da atividade

¹ A expressão *de repente* em nosso trabalho, será representada por letras maiúsculas e itálico.

² A partir desse momento, utilizaremos, apenas, a forma abreviada (TOPE).

³ Compreendemos a atividade de linguagem como um trabalho, ou seja, os termos da língua se direcionam constantemente para uma imprecisa direção de sentido, implicado um esforço por parte do sujeito que busca a determinação do que deseja significar (construção do texto).

de linguagem, ou seja, não busca-se visualizar o trabalho do sujeito ao relacionar as formas. Conforme Rezende (2000, p.25),

[...] propor a **indeterminação da linguagem** é propor **uma plasticidade** necessária ao trabalho de construção de representações feito pelos sujeitos. Diferentemente dos estudos lingüísticos que se consolidaram no rastro da teoria do signo, nos quais não fica muito claro com que finalidade os falantes relacionam unidades, se depois de as relacionar, tanto o todo resultante quanto a parte, (a unidade) não se alteram, a proposta de articulação do léxico com a gramática e a sua **fundamental indeterminação oferecem uma razão ao trabalho dos sujeitos**. Ao se relacionar as partes criando um todo integrador, parte e todo se alteram e, nesse momento, **a linguagem pode ser vista como uma forma ou esquema de ação**, que ao mesmo tempo fornece ao sujeito as possibilidades de se constituir. (Idem - grifo nosso).

Intuímos, nessa direção, que *DE REPENTE*, enquanto marcador de operações lingüísticas, situa representações em relação à situação particular de diálogo. Ou seja, partimos da hipótese de que esse marcador opera como localizador abstrato de um conteúdo predicativo (relação predicativa) em relação a uma situação enunciativa determinada no tempo-espço. *DE REPENTE* se integra ao enunciado, gerando valores que resultam, todos eles, de operações da atividade de linguagem, embora os compêndios gramaticais não os contemplem de igual modo. No entanto, os mecanismos que sustentam sua geração, e não a discussão da igualdade de tratamento de valores pontuais, são o foco da nossa pesquisa.

Dada essa hipótese primeira, temos como intento, chegar a uma representação formal do funcionamento de *DE REPENTE*, levando em consideração que o enunciado (produto) traz marcas do processo que o subjaz: o trabalho (apropriação e ajustamento) do sujeito para colocar a linguagem em funcionamento. Cada ocorrência, portanto, é particular, constructo oscilante, inscrito no tempo-espço do diálogo.

Para os propósitos desta pesquisa, constituímos um *corpus* representativo de ocorrências do marcador *DE REPENTE*. Todos os enunciados foram extraídos da compilação de textos denominada *Corpus do Português*. Esse banco de dados foi construído pelo professor Mark Davies e financiado pelo *National Endowment for the Humanities* (2004, 2015). Faz parte da coleção *corpora* da BYU. O *Corpus do Português* atualmente compõe-se de duas plataformas de dados: uma histórica, com cerca de 45 milhões de palavras, e outra, de páginas da *web* com aproximadamente 1

bilhão de palavras. A versão *web* apresenta textos de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique).

Metodologicamente, optamos por constituir um *corpus* com ocorrências em língua portuguesa do Brasil⁴, em que *DE REPENTE* aparece posposto à conjunção aditiva *e*, e às formas verbais no modo indicativo por observamos que essa organização sintática é mais recorrente. Logo, optamos pelas formas mais recorrentes em vista do maior número de enunciados disponíveis à pesquisa.

Quanto à estruturação do trabalho, organizamos as seções com base na metáfora do *Caminhar*. A motivação para apropriação do recurso metafórico, para guiar um trabalho na academia, com normas tão rigorosas, que procuram extrair a subjetividade do pesquisador, pode ser explicada através de uma aproximação com o domínio do texto literário.

No clássico *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL, 2002), a personagem da *Rainha de Copas* perturba e confunde o intelecto, obrigando Alice a buscar novas formas de compreensão das percepções interiores, que terminam por conduzir a menina desorientada, ao princípio da maturidade. Similar foi nosso contato com a TOPE. Se Alice, em sua caminhada, repleta de enigmas, personagens fantásticos, situações mirabolantes, percebe que a resolução de problemas, a priori, insolúveis, no nível racional, pode ter novas interpretações e, conseqüentemente, soluções, sob o prisma da criatividade, também compreendemos que ter como orientação o projeto teórico da TOPE significa questionar as nossas próprias regras, as nossas certezas, enquanto falante de uma língua.

Ter como orientação a invariância da linguagem implica considerar que a imprevisibilidade pode vir de todos os lados e, portanto, o movimento de adaptação e reorientação são constituintes do caminhar. Desse ponto de vista,

o sujeito é estrangeiro para si próprio, há nele uma cisão original e é essa espessura dialógica que o caracteriza como ser humano [...] Essa cisão é o céu e o inferno. É o céu porque, senão, o sujeito seria monolítico, uma pedra, um bloco. É o inferno porque ele precisa constantemente se equilibrar, se encontrar, se construir face a si mesmo como outro, e face ao outro, como o outro mesmo. (REZENDE, 2010, p. 23).

⁴ Destacamos que o site *Corpus* do Português dispõe de ferramentas de verificação das fontes o que viabilizou nossa pesquisa.

Se o leitor apressado conclui que Alice pode ser levada para qualquer lado no País das Maravilhas, por estar fundamentalmente desorientada, surpreende-se ao notar que a menina, assim como a bússola, está à procura do Norte: uma trajetória em direção a si e ao outro.

Encerrando nossa menção ao domínio literário, enfatizamos que ter como suporte uma orientação dialógica implicou abandonarmos os modelos classificatórios de apreensão de fenômenos (ora empirista, ora racionalista) em favor de um modelo dinâmico, que supere as dicotomizações, por buscar articular a atividade de linguagem com as línguas naturais. Por fim, parece-nos que a metáfora do *Caminhar* explicita que a motivação do trabalho, aqui apresentado, tem como objetivo “acolher o inesperado, se deixar surpreender, aceitar a invenção de soluções provisórias sem concluir para obrigar a prosseguir a busca, já que só se pode esperar aproximar-se do inacessível”. (NORMAND, 2009, p. 10). Logo, “admitir que o herói de mil facetas não pode nunca ser completamente apreendido, organizado, catalogado, que, sem cessar, escapa e prolifera de modo irracional e o mais frequentemente imprevisível”⁵.

Dito isso, a seção 1, intitulada O começo de um caminhar: *O saber na linguagem*, marca um percurso acerca dos estudos que contemplam linguagem e língua em diferentes ângulos no correr dos séculos. Refletimos sobre a compreensão de linguagem como *expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma ou processo de interação*. Centramos nossa atenção, nesta seção, ao projeto epistemológico da linguística culioliana: a articulação da linguagem com as línguas naturais. Trazemos, ainda, o objeto de estudo, recortado nesta investigação, a conceituação de atividade epilinguística, e os processos linguageiros de representação, referenciação e regulação.

A seção 2, nomeada de Um ponto de parada: *O estudo dos advérbios*, apresenta um breve histórico sobre a delimitação da classe dos advérbios, com base em gramáticas tradicionais. Constatamos que a abordagem tradicional caracteriza os advérbios como elemento modificador da ação verbal, do adjetivo, do advérbio e da oração. Observamos que os exemplos disponibilizados são enunciados padronizados e com boa formação gramatical. Ressalta-se, nessa medida, uma certa automatização da língua, que não permite visualizar deslizos, equívocos, movimentos enunciativos.

O caráter estável presente nas descrições gramaticais instigou-nos a buscar como a classe adverbial é abordada nos estudos linguísticos. Delimitamos nossa pesquisa à

⁵ Idem, p. 11.

vertente funcionalista, pela vasta bibliografia que essa linha teórica disponibiliza sobre os advérbios, e a fundamentamos, principalmente, em Castilho et al. (2008); Castilho (2009, 2010) e Neves (2000, 2006), apresentamos a pesquisa de Correio (2012, 2015) sobre a trajetória de gramaticalização da expressão *DE REPENTE* no português brasileiro do século XVI ao XX. Observamos que o funcionalismo se centra na ideia de língua como elemento funcional e dinâmico, sujeita a variações. Tais variações se associam a causas contextuais, resultantes de condicionamentos semânticos e pragmáticos. Em última instância, o contexto determina o valor da forma linguística.

As reflexões construídas, em torno dos estudos funcionalistas, nos conduziram ao conceito culioliano de “noção”, que nos permitiu salientar como a significação é variável e dinâmica. As noções, enquanto um feixe de propriedades físico-culturais, conjugam três domínios separados, a priori, nos estudos tradicionais, e até mesmo nos de vertente funcionalista: o domínio lexical, gramatical e o cognitivo. Ressaltamos que as noções, enquanto propriedades, possibilitam a caracterização dos objetos e dos fenômenos do mundo.

Ao trazermos o conceito de “noção”, abrimos espaço para visualizar a construção da significação como movimento dinâmico, resultante do diálogo posto em jogo na enunciação. Pontua-se, nessa medida, que não recortamos a variação⁶, como fazem os estudos de gramática tradicional, e nem assumimos um certo grau de variação (contextual), como os estudos funcionalistas, ao contrário dessas linhas teóricas, o movimento é de princípio. Damos ênfase à compreensão das estabilizações em língua, como resultado de um ponto, dentre outros, que realça para sujeitos particulares em trajetórias fundamentadas pela instabilidade.

A seção 3, *Caminhando: os fundamentos teóricos*, apresenta uma síntese de construtos teóricos da TOPE que fundamentam as análises desenvolvidas nesta investigação. Ressaltamos os conceitos de enunciação e enunciado, as operações construtivas do enunciado (léxis, relação predicativa e enunciativa), as modalidades, o aspecto, as operações de quantificação e qualificação e encerramos com a apresentação dos procedimentos de reformulação da glosa e da paráfrase.

Na seção 4, *De repente: chegamos às análises*, situamos as análises desenvolvidas com o marcador *DE REPENTE*. Nosso intento foi a construção de um

⁶ Compreendemos o termo variação na mesma direção que Rezende (2014, p.81), “colocaremos que existe uma variação radical de experiência (variação espaço-temporal dos indivíduos) e de expressões linguísticas correspondentes”.

sistema de representação metalinguística, cujo objetivo, foi acessar as operações subjacentes à representação na língua com o marcador *DE REPENTE*. Para tanto, procedemos à montagem e desmontagem dos enunciados, de forma a nos apropriarmos dos mecanismos de linguagem que se engendram na construção da significação dos enunciados com *DE REPENTE*.

Para finalizar, trazemos na seção 5, Outro ponto de parada: *reflexões finais sobre o Saber na Linguagem*, concluímos que o movimento é de princípio. Logo, novos caminhos, ainda, serão trilhados, além dos que se esboçaram neste trabalho.

Em suma, pensamos que a definição de homem, proposta por Letícia Rezende (2000, p. 9) sumariza as nossas inquietações: “Um ser que **nasce indeterminado e orientado para o movimento e para o outro** (o diferente dele). E nesse movimento, nesse deslocamento, nessa ação, **ele se define e define o outro**”. (Grifo nosso).

1.0 O começo de um caminhar: *O saber na Linguagem*

E com as *palavras* de vento e de pedras, invento o vento e as pedras, *caminho um caminho de palavras*. (Antônio Ramos Rosa).

Este trabalho dissertativo inicia-se rendido ao encantamento da escrita poética, que tem como projeto a busca pela *imensidão da palavra* e, porque não dizer, pela *imensidão da linguagem*. Em nossa compreensão, a escrita poética é resultado de um olhar “ingênuo”, “curioso”, “criativo” sobre os termos da língua. O poeta, assim, como a criança aprendiz, tem uma visão, em que as formas da língua não estão categorizadas, etiquetadas a priori, como item lexical ou gramatical. Mantém-se, assim, o domínio das múltiplas possibilidades, no qual, *com as palavras de vento e de pedras, inventa-se o vento e as pedras*.

Quando partimos da perspectiva estática da língua, as categorias gramaticais e o léxico são compreendidos como objetos já construídos. Não flagramos o movimento de construção de valores, de estabilização de certos significados e não outros, resultantes da relação dialética entre homem, linguagem e mundo que se marca na própria superfície da língua.

Dito isso, a proposta desta seção consiste em refletir sobre como os estudos linguísticos compreendem o diálogo entre homem, linguagem e mundo no correr dos séculos. Para tanto, iniciaremos nossa caminhada com uma breve exposição cronológica acerca dos estudos que versam sobre *o saber da linguagem*. Inicialmente, mencionaremos os estudos do pesquisador Sylvain Auroux (1998, 2009), para quem, consensualmente, historiadores, filósofos e até linguistas sustentam a ideia de que os estudos linguísticos teriam como ato fundante o surgimento da escrita. Nessa linha, diz o autor:

Para que haja ciências da linguagem, é preciso que a *linguagem* seja colocada em *posição de objeto*. É preciso que ela esteja lá, diante de nós, *manifestação de si mesma* e não de outra coisa, contrariamente ao que se passa em seu uso cotidiano. (AUROUX, 1998, p.77, grifo nosso).

Observamos que o advento da escrita provém de um processo de objetivação da linguagem, isto é, de representação metalinguística. Ou seja, o nascimento das ciências que, toma por objeto a linguagem, encontra-se intimamente ligado à passagem de um *saber epilinguístico*⁷ (saber inconsciente) a um *saber metalinguístico*⁸ (saber consciente), no limiar da escrita.

Para Aurox (1998, p.77), “só há ciência da linguagem quando há um saber metalinguístico, quando se dispõe de uma linguagem (metalinguagem) para representar uma outra linguagem (linguagem-objeto)”.

Historicamente, é possível citar alguns exemplos da referida passagem (epilinguístico-metalinguístico) como, no século III a.C., as listas de caracteres chineses que se relacionavam à dificuldade de ler textos antigos; ainda nesse século, entre os babilônios, foram encontradas listas de palavras; entre os gregos, Prótgoras de Abdère compila no V a.C. um léxico de palavras difíceis que são encontradas em Homero⁹.

Constatamos nesse ponto que, “nessas tradições o florescimento do saber linguístico tem sua fonte no fato de que a escrita, *fixando* a linguagem, objetiva a alteridade e a coloca diante do sujeito como um problema a resolver”. (AUROUX, 2009, p. 25, grifo do autor).

É relevante destacar que as investigações em torno dos fatos de linguagem não têm itinerário preciso e único, logo, linguagem e língua foram estudadas sob diferentes ângulos no correr dos séculos, o que sustentou posições teóricas provindas desde os estóicos, no século I a.C., passando pela gramática de Port-Royal, estruturalismo, pelas teorias dos atos do discurso, etc.

Tomaremos inicialmente a posição que compreende a linguagem como *expressão do pensamento*, surgida em um contexto de discussões fortemente filosóficas, envolvendo o homem e suas relações com o mundo, tendo como gênese a hipótese de que o ato de linguagem se esgota em si mesmo por ser suporte do pensamento humano, quando relacionamos as categorias da língua com as categorias do pensamento.

Conforme Travaglia (2002, p.21), o fenômeno linguístico é reduzido a um ato racional, “monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”. Nessa direção, a exteriorização do pensamento, através de uma linguagem articulada e

⁷ Terminologia criada pelo linguista francês Antoine Culioli.

⁸ Metalinguístico, no caso, como a representação da língua natural a partir dos mecanismos da escrita.

⁹ Conforme Sylvain Aurox (2009, p.25).

organizada, corresponderia a um ato de criação individual. A expressão ‘exterior’ dependeria somente do conteúdo interior, da capacidade do indivíduo de organizar o pensamento de maneira lógica.

Notamos que a língua, nesse caso, passa a ser concebida como um sistema de normas, acabado, fechado, no qual não temos interferência do domínio social, por fim, “o texto é visto como um produto – lógico – do pensamento [...] do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão ‘captar’ essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo”. (KOCH, 1992, p.16).

A segunda concepção que elencamos trata a linguagem como *instrumento de comunicação*, respaldada na Teoria da Comunicação, que coloca como questão principal a comunicação entre os indivíduos por meio da língua, rompendo, nessa medida, com os pressupostos da primeira vertente citada.

O sujeito, nessa perspectiva, teria em sua mente uma mensagem que é codificada e transmitida a outro indivíduo e, por ser a ênfase a questão da comunicabilidade, a língua é compreendida como algo exterior ao homem, um código virtual, um sistema abstrato e homogêneo. Portanto, desvinculada, em certa medida, do contexto empírico. Assim, o texto é compreendido como um produto de codificação, transmitido linearmente do emissor ao receptor, bastando para a efetivação, desse circuito, o conhecimento de ambas as partes sobre o código linguístico empregado.

Observamos que a linguagem é tomada como uma ferramenta de ação entre os interlocutores, desconsiderando-se, nesse caso, o trabalho do sujeito e as situações de uso concreto da língua. A língua, enquanto sistema, “instaura emissor e receptor tão idênticos e tão simétricos que os interlocutores finalmente não existem”. (REZENDE, 2010, p. 12).

Diferentemente dessas perspectivas, a concepção de linguagem como forma ou *processo de interação* preocupa-se com “a inserção do homem, com a interação verbal e com significados construídos em relação a contextos específicos (sejam sociais, psíquicos, culturais, etc.), portanto, significados dinâmicos”¹⁰.

Nessa concepção, a linguagem é compreendida como o lugar da interação humana, de constituição das relações sociais. Os sujeitos deixam de ser meros

¹⁰ Ibid., p.10.

captadores de representações mentais, ou decodificadores de mensagens, e assumem o caráter dialético da linguagem na produção de sentidos.

Mas, para Rezende (2010, p. 11), é pertinente destacar que

[...] a vertente social da linguagem, embora tendo no horizonte a questão da variação e da mudança, não cria protocolos experimentais para visualizar a gênese dessa transformação e o seu desenvolvimento na escala individual e apenas os visualiza quando eles (gênese e desenvolvimento) se materializam com contornos sociais e seus conflitos correspondentes. De um certo modo, a **separação entre estrutura e indivíduo** presente nos conceitos de “língua e fala” se repete em uma outra escala com a psicolinguística e a sociolinguística, ficando a **instabilidade** (gênese e desenvolvimento) para a psicolinguística e a **estabilização** (agora não de sistemas mas de subsistemas) para a sociolinguística. (Idem, grifo nosso).

Observamos na mesma direção de Rezende (2010), que apesar da concepção de linguagem como forma ou *processo de interação* se preocupar com a inserção do homem e com a interação verbal em determinados contextos, ainda persiste em algumas linhas teóricas uma separação entre estrutura e indivíduo, não é pretensão, nesse caso, uma articulação entre a instabilidade e a estabilidade. Ou seja, ainda permanece nas reflexões tecidas por esses domínios uma certa fragmentação, “onde dificilmente poderíamos encontrar a unidade, quer dizer, a linguagem¹¹”.

Nesse caso, encontramos na perspectiva enunciativa (TOPE), que respalda as reflexões tecidas neste trabalho, um projeto que busca a articulação da instabilidade e da estabilidade, propondo, nessa medida, a articulação da linguagem com as línguas naturais.

1.1 A articulação da linguagem com as línguas: *questões de significação*

O que o poeta *quer dizer*; no discurso não cabe; e *se o diz* é pra saber; o que *ainda não sabe*. (Ferreira Gullar)

A atividade de linguagem fundamenta o ato de dizer, tornando-o possível. Ao ser humano cabem as decisões de dizer que se traduzem pelo ato. Nesse processo, aparentemente acordado entre as partes envolvidas, parece-nos que por mais que planejemos e organizemos nosso discurso, ainda assim, sempre fica algo por se dizer,

¹¹ Idem.

algo não formulável, que não ganha contorno, que não realça. Mediante essa inquietação, podemos questionar a ideia de linearidade, de comunicação consensual e compartilhada defendida no correr dos tempos. O programa de pesquisa da TOPE problematiza essa questão, ao buscar apreender a atividade de linguagem por meio da diversidade das línguas naturais, e reabilita, nessa medida,

[...] os pontos de vista divergentes e, em particular, a dimensão individual no que ela teria de generalizável (o indivíduo seria posto em jogo da mesma forma de uma língua a outra: os agenciamentos procederiam de restrições generalizáveis). (VOGÛE, 2011, p. 67).

Ressalta-se que tal programa toma por objeto de estudo, a linguagem como faculdade humana¹². Nesse ponto, Ferdinand de Saussure já advertiu, no *Curso de Linguística Geral*, que

[...] tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos. (SAUSSURE, [1916] 2006, p.17).

As palavras de Saussure traduzem inquietações. Como é possível teorizar algo aparentemente inteorizável? Como observar a complexidade de algo que não se deixa classificar, algo que toca e constitui a especificidade humana?

A ilusão de dar conta da completude da linguagem, não faz parte do projeto teórico da TOPE, opta-se, nessa teoria, por estudar as marcas deixadas nos arranjos léxico-gramaticais (línguas), produto da atividade de linguagem e caminho de acesso de reconstrução de seu percurso gerador. Logo, desvios, erros, falhas, deslizos, ambiguidades não são descartados, mas, considerados deformação criativa, vestígios de operações realizadas para alcançar o resultado desejado.

Nessa direção, o trabalho do linguista consiste em “pesquisar as invariantes que fundam e regulam a atividade da linguagem, tal como ela aparece através das configurações das diferentes línguas¹³”. (CULIOLI, 1999a, p.96). Busca, dessa forma, investigar os momentos anteriores às estabilizações, a fim de compreender como o homem constrói a significação por meio da atividade de linguagem.

¹² Ibid., p. 68.

¹³ No original: “de rechercher les invariants qui fondent et règlent l'activité de langage, telle qu'elle apparaît à travers les configurations des différentes langues”. (CULIOLI, 1999a, p.96).

O anseio culioliano de estudar os processos de significação em língua, retoma uma querela antiga, travada entre as ciências da linguagem. Consideramos que as palavras do filósofo Willard Van Orman Quine sintetizam tal questão, em se tratando de semântica, vivíamos a estranha situação de não saber do que falávamos!¹⁴

Essa estranha situação tem como gênese o dilema que se instaurou sobre a natureza da significação. Pergunta-se, dessa forma: De onde vem que a linguagem signifique? Qual a relação entre linguagem, pensamento e realidade?

A filosofia ocidental debruçou-se sobre essa questão, estabelecendo dois paradigmas, que ainda respaldam os estudos da linguagem. Uma abordagem compreende a significação a partir de uma relação de exterioridade-interioridade, em que as convenções (história) regulam, coercitivamente, a dimensão psíquica (criatividade) do sujeito. A atividade simbólica seria filtrada pela ficção do consenso social, ou seja, as formas, enquanto condicionadas pela história e cultura, não seriam passíveis de deformação, e o sujeito as assimilaria passivamente.

Assim, a atividade de significação teria como ponto de partida aquilo que é social, idêntico, objetivo, um repertório pré-estabelecido com objetos enquadrados em categorias de mundo. Em outras palavras, a representação é uma “caricatura” da coletividade, o indivíduo é considerado um produto do meio, e a dimensão psíquica se molda conforme as convenções exteriores.

Na segunda abordagem, temos como via a interioridade-exterioridade, ou seja, a relação do sujeito com sua representação. Logo, a representação passa a ser considerada de maneira operatória, e o processo criativo do sujeito ocorreria a partir da manipulação das formas. Digamos que, para essa vertente, o sujeito cognoscente se coloca como figura central nas questões acerca do conhecimento, pois, ele detém toda potencialidade, criatividade. Sua observação particular do objeto produz uma (nova) organização da experiência, adaptando-a à realidade objetiva.

Essa concepção, parte da ideia do homem como ser autônomo, livre e independente das influências do ambiente social. Predomina, dessa forma, a atividade do sujeito sobre o objeto do conhecimento, a individualidade em detrimento da coletividade. Teríamos, dessa forma, um sujeito fechado em sua própria subjetividade, que não situa suas representações em relação ao outro, nem em relação a si próprio, nem em relação a tempos-espacos particulares.

¹⁴ Retomamos essa consideração de W. V. O. Quine a partir da leitura de Sylvain Auroux na obra *Filosofia da linguagem* (2009, p.54).

Vemos que tais reflexões, ora tendem a uma submissão às convenções, ora a um inatismo das estruturas cognitivas. O referencial teórico que subsidia esta pesquisa, a TOPE, teoriza os processos de organização da experiência a partir da percepção, desfazendo, nessa medida, a oposição entre aquilo que é interior-exterior e vice-versa. Ao articular essas dimensões, tanto as convenções construídas, quanto aquelas que podem vir ou não a ser, bem como a estabilização ou desestabilização, são objetos de construção de representações. Nesse cenário, a linguagem, enquanto atividade simbólica, permite aos indivíduos organizar sua experiência, tanto aquilo que lhes é interior (mental e emocional) quanto aquilo que é exterior (mundo fenomenológico).

Nesse ponto, tomamos como definição de semântica a “análise das representações mentais desencadeadas e apreendidas por meio do material verbal que lhes dá corpo”. (FRANCKEL, 2011, p.16). Assim, não partimos da clássica separação entre linguagem e realidade. Consideramos que a linguagem “determina formas de pensamento ao dizer o mundo de um modo que lhe é próprio”. (VOGÜE, et al., 2011, p.11). Em outras palavras, “busca-se dizer, aos outros e a nós mesmos, coisas com palavras que querem dizer algo sobre o mundo, o mundo, por sua vez, também quer dizer algo, não existindo mais do que uma superposição parcial “desse algo” em questão”¹⁵. Nesse sentido, a significação resulta de um trabalho de construção, de ajuste constante, de regulação entre homem, mundo e pensamento. Em outros termos, a atividade de linguagem, ao organizar a percepção do sujeito, estrutura tudo aquilo que o homem experencia, enquanto realidade objetiva ou subjetiva. Logo, “tornam-se sempre subjetivadas enquanto realidades percebidas”. (REZENDE, 2000, p. 180).

Reitera-se, dessa forma, o anseio culioliano de que a linguística tenha como objeto de estudo a articulação da atividade de linguagem com as línguas naturais. Articulam-se, dessa maneira, domínios distintos, o trabalho simbólico que possibilita a abstração e a organização do pensamento individual e a memória do trabalho de organização experiencial da coletividade que são as línguas.

A significação, nessa perspectiva, é fruto de uma estabilização provisória do sistema cognitivo e semiótico. O valor não é dado enquanto unidade imutável, estável, pronto para “consumo”. O valor resulta de operações de assimilação e acomodação. Em outras palavras, a significação não é um fenômeno de reprodutibilidade, ainda que se pretenda sua reprodução, mas, sim, um movimento/gesto de representação linguística

¹⁵ Ibid., p.11.

que visa à interiorização de experiências individuais com uma matéria específica, que são as línguas.

Isso posto, reiteramos que os elementos constituintes da linguagem são dotados de invariância de funcionamento que não lhes definem a priori, a estabilidade ocorre no contexto enunciativo. Nesse caso, entende-se que os enunciados são constituídos de marcas que, do ponto de vista da atividade de linguagem, possibilitam ao linguista vislumbrar a observação da transição das representações mentais da linguagem para as representações textuais em língua, na produção e no reconhecimento de enunciados.

Destarte, a proposta culioliana de articulação da linguagem com as línguas naturais tem como objetivo a construção de uma metalíngua, na qual seja possível reconstruir o percurso da linguagem com suas noções primitivas e operações elementares que possibilitam o engendramento dos arranjos de toda língua natural. Sabemos que a significação existe, porém, “o nosso posicionamento teórico procura saber como eles chegam a ser o que são”. (REZENDE, 2000, p. 17). Dito isso, passemos à apresentação do objeto de pesquisa de nosso estudo.

1.2 De repente, não mais que *de repente*¹⁶

Ao invés de tomar a *palavra*, gostaria de *ser envolvido por ela* e levado *bem além de todo começo possível*. (Michel Foucault).

Apresentamos, neste momento, a expressão que recortamos para esta investigação, *DE REPENTE*. Em sentido dicionarizado, significa aquilo que ocorre de maneira inesperada, imprevista, não planejada, abrupta. Sinônimos à parte, essa expressão em nível linguístico, conforme dicionários e gramáticas, diz sobre ações de transição, caracterizando uma certa descontinuidade e tencionando um momento de ruptura com aquilo que se encontra anterior e aquilo que vem a encontrar-se posteriormente.

Propomos nessa direção, simular, ainda que de maneira intuitiva, como algumas vertentes semânticas (estruturalista, formal e cognitiva) podem tomar a expressão *DE REPENTE* como objeto de estudo. Pontuamos que cada perspectiva semântica elege uma noção particular de significado, respondendo de maneira

¹⁶ Tomamos essa formulação do poema Soneto de separação (1946), de Vinícius de Moraes.

individual à questão da relação da linguagem com o mundo. Assumimos, nesse caso, o risco de construir uma “caricatura” da epistemologia dessas vertentes teóricas.

Partimos do ponto de vista da semântica estruturalista, para a qual, “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria”, “[...] só existem diferenças” (SAUSSURE, 2006, p. 31). Nesse caso, o significado passa a ser a unidade de diferença, obtida quando em oposição a outros significados.

Ressalta-se que o significado é o produto de um sistema de signos (língua) desenvolvido por meio de relações estabelecidas entre dois eixos distintos: um eixo de seleção (paradigmático) e outro eixo associativo (sintagmático).

Nesse ponto, ensaiamos a análise da expressão *DE REPENTE*. Partindo do princípio de que o significado dessa expressão se define por não ser outro significado, poderíamos ter algo como:

1. eixo paradigmático: de repente, repentino, súbito, imprevisto, ímpeto, improvisado, irrefletido.
2. eixo sintagmático: Pedro caiu de repente. De repente começou a chover. Maria vinha cantando e de repente caiu no buraco.

A partir desse exemplo, observamos que a expressão *DE REPENTE* tem significado por meio das relações internas que organizam o código linguístico, por meio da relação sintagmática *DE REPENTE* tem valor (nesse caso, tomamos como significado), porque se opõe ao termo que o precede e o sucede na cadeia da frase. Quanto à relação paradigmática, *DE REPENTE* tem valor porque se associa, por meio da analogia¹⁷, a outros termos, tais como, súbito, imprevisto, ímpeto.

Nessa direção, a expressão *DE REPENTE* tem significação na língua natural por estar inserida no sistema de regras que organizam as relações entre as palavras, numa estrita relação intratexto. Em outros termos, em uma semântica estruturalista, a língua é tomada por si mesma, sem vínculo com os usos cotidianos, sem possibilidade de criação ou de rompimento com a norma que o sistema impõe, “não há o mínimo movimento que possibilite fissuras e o aparecimento do processo que colocará em evidência o modo pelo qual, desde sempre, foi construído o que está construído”. (REZENDE, 2000, p.171). Não é possível, nessa perspectiva, flagramos os deslizos, as flutuações que a expressão *DE REPENTE* pode suscitar. Não se parte de uma articulação da atividade de linguagem com as línguas, antes, as línguas são tomadas

¹⁷ Conforme Saussure (2006, p.145), “a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados (ensino, instrução, aprendizagem, educação, etc)”.

como processo acabado, um sistema fechado, um resultado que não comporta a instabilidade.

Para uma semântica formal, o significado consiste na união de duas partes: o sentido e a referência. Para essa vertente teórica, temos a linguagem de um lado e o mundo reportado pela linguagem do outro. O significado, nesse caso, corresponde ao tipo de situação que a linguagem descreve, cuja descrição é equivalente às condições de verdade das sentenças. Dito de outro modo, “as frases representam factos ou estados-de-coisas e, numa língua ideal, estariam em correspondência estrutural com eles”. (LYONS, 1977, p.118). Assim, descreve-se o significado a partir de postulados lógicos, busca-se construir sistemas formais (matemáticos) de representação que modelem as expressões da língua enquanto denotações de propriedades e de indivíduos.

Destarte, a semântica formal restringe seu estudo ao sentido literal das sentenças. Nesse caso, propomos o seguinte exemplo a partir da expressão *DE REPENTE*:

1. As locuções adverbiais são palavras invariáveis.
2. De repente é uma locução adverbial.
3. Logo, de repente é invariável.

Por meios dos exemplos acima, podemos vislumbrar que a semântica formal não tem como objetivo o estudo do significado. Antes, busca-se calcular o que representam ou denotam as expressões linguísticas. Logo, restringe-se a dizer que *DE REPENTE* é uma palavra invariável.

Em outra perspectiva, a da semântica cognitiva, o significado passa a ser o conceito central da investigação. A semântica cognitiva combate a hipótese de pareamento entre o pensamento e as expressões linguísticas. Nesse caso, o significado é de natureza motivada, emerge de dentro para fora. É por meio de nossas ações no mundo que conceituamos os esquemas imagéticos espaciais que dão significado às expressões linguísticas. Assim, o significado se derivaria de esquemas sensório-motores e conceituais. Propomos agora um esboço de como a expressão *DE REPENTE* poderia ser tratada nessa perspectiva. Vemos:

1. João foi de repente para casa.
2. João veio de repente de São Paulo.

Conforme a semântica cognitiva, as significações das frases acima não resultam de uma relação de correspondência com o mundo, nem de uma relação estrutural ao nível linguístico, nem sequer de uma relação dialógica com o outro. As sentenças significam pela presença de um esquema imagético denominado CAMINHO¹⁸. Tal esquema imagético carrega uma memória de movimentação, ou de experiência. Por isso, o significado dos itens lexicais (inclusive *DE REPENTE*) é mais uma questão de cognição do que um fenômeno estritamente linguístico.

Diante das explanações acima, observamos que a expressão *DE REPENTE* pode ser tratada como um componente do sistema linguístico, uma referência externa à linguagem, ou um termo do domínio cognitivo. Nesse ponto, observamos que nenhuma perspectiva elencada busca abordar, de forma articulada, a linguagem e as línguas naturais, enquanto “processo da enunciação com mecanismos cognitivos, semânticos e sintáticos que discriminam certas formas para a expressão, e não outras”. (DAHLET, 2016 apud ZAVAGLIA, 2016, p.17).

Nessa direção, propomos despir-nos de classificações apriorísticas e nos guiar pela semântica enunciativa culioliana (CULIOLI, 1990, 1995, 1999a, 1999b), que tem como objetivo movimentar o domínio daquilo que é imediatamente observável em busca de formalizar os processos de produção e reconhecimento subjacentes às sequências textuais derivadas de um mesmo núcleo semântico (léxis) que contemplam o marcador¹⁹ *DE REPENTE*. Como diz-nos Rezende (2000), o linguista, nesse caso, deve manter juntas duas dimensões em seu trabalho:

[...] descentralização máxima, criatividade, liberdade e, por mais paradoxal que possa parecer, é nessa dimensão que podemos apreender o que é a linguagem. É a dimensão mais objetiva e universal; centralização máxima, coerção, história de língua, cultura e indivíduos, portanto máxima subjetividade. É a dimensão mais subjetiva e particular. Conduzindo o trabalho linguístico por essa via: centralização e descentralização, deve haver, por parte do linguista, um processo de aprender a desaprender, quer dizer, o linguista precisa sair de uma língua dada e caminhar para a linguagem, descentralizando-se e depois voltar para uma língua dada, centralizando-se. (REZENDE, 2000, p.178).

¹⁸ Conforme os estudos de George Lakoff e Mark Johnson (1980).

¹⁹ O emprego do termo “marcador” será tomado enquanto um “ente linguístico que remete à indicação das operações de linguagem que se atualizam no sistema linguístico por meio de diferentes ocorrências de formas engendradas, responsáveis por gerar a significação”. (FLORES, 2009, p. 159-160).

Para tanto, elaboramos como questionamentos iniciais: *DE REPENTE* comporta parâmetros que incidem sobre os processos implicando eventos de ruptura com aquilo que se encontra semanticamente estável? *DE REPENTE* reporta-se a eventos temporais, contrapondo-se àquilo que é com aquilo que pode vir a ser, referindo-se, portanto, a um espaço de expectativa? Como se constrói essa expectativa? De que modo está fundamentando o funcionamento do marcador *DE REPENTE*?

Por meio dessas primeiras indagações, buscamos compreender como *DE REPENTE* se engendra com outras marcas linguísticas para significar. Procuramos, “não só os valores que emergem (os signos, por exemplo), mas também os que submergem (os que estão tentando ser signos)”. (REZENDE, 2002, p. 113). Investigamos, não apenas as categorias que despontam em língua, mas o próprio processo de construção de tais categorias em “um circuito que, ligando as partes, faz o todo funcionar, e o todo, assim funcionando, por sua vez, delimita as partes”²⁰.

Ressalta-se o intento em compreender como o homem constrói representações por meio da atividade de linguagem. Não partimos, nesse caso, da clássica separação entre formas e sujeitos, antes “trata-se não de sujeitos que *utilizam* formas, mas de formas que *marcam* e constroem sua presença, formas que *traçam* a atividade dos sujeitos. (VOGÛE, et al., 2011, p.11).

Ao recortamos *DE REPENTE* como objeto de estudo, pretendemos visualizar, a partir de uma abordagem operatória, como as unidades da língua remetem a noções semânticas indeterminadas, porque relativamente estabilizadas na cultura, mas sempre aberta a um horizonte de sentido que transcende e ultrapassa o que está construído e estabilizado num dado momento para uma dada cultura. Partimos da hipótese de linguagem como “uma atividade que supõe, ela mesma, uma perpétua **atividade epilinguística** (definida como ‘atividade metalinguística não consciente’²¹). (CULIOLI, 1999a, p.19, grifo nosso).

Em outros termos, a estabilidade da produção verbal, concretizada no nível das representações linguísticas, oculta um percurso instável, mutável, em que toda produção linguística é potencialmente ambígua, deformável, um verdadeiro “caos epilinguístico²²”. Logo, compreendemos atividade epilinguística como o diálogo interno

²⁰ Ibid., p. 113.

²¹ No original: “Le langage est une activité qui suppose, elle-même, une perpétuelle activité épilinguistique (défini comme « activité métalinguistique non consciente »)”. (CULIOLI, 1999a, p.19).

²² Conforme a publicação *Onze rencontres sur le langage et les langues* (2005, p.97), em que Claudine Normand dialoga com Culioli acerca da epistemologia culioliana, e citado posteriormente por Márcia

“que sustenta o caminho externo e visível de atribuição de valores, significados, leituras, interpretações, etc.” (REZENDE, 2000, p. 285), e “ao mesmo tempo e conseqüentemente esse diálogo externo que permite a existência e a densidade do diálogo interno”²³.

A colocação de Rezende (2000) recupera a ideia de Culioli (1999), por ser diálogo interno, pois a atividade epilinguística apenas pode ser estudada, considerando-se as devidas reduções, pelos vestígios deixados na superfície da língua. Entendemos que, “por trás de toda exteriorização, existem operações que se fazem presentes e que nela deixam vestígios”. (ROMERO, 2011, p. 155).

Nessa direção, o linguista culioliano, por meio de procedimentos metalinguísticos, tenta “formalizar o que é, por natureza, não formulável, inacessível²⁴”, observando na superfície dos enunciados as marcas deixadas pela atividade epilinguística, questionando como um enunciado vem a ser um enunciado, sua constituição, sua eficácia e, também, o motivo de sua escolha, dentre todas as possibilidades linguísticas ofertadas ao sujeito pela atividade epilinguística.

Em outros termos, propõe-se observar o enunciado não como produto linguístico saturado, mas como vestígio de um projeto de representação. Uma marca das escolhas empreendidas pelo sujeito, regulada por suas experiências particulares. Ou seja, aquilo que é enunciado é apenas uma possibilidade dentre outras, pois “a significação não é veiculada, mas (re)-construída. A relação entre produção e reconhecimento supõe a capacidade de ajustamento²⁵ entre os sujeitos”²⁶. (CULIOLI, 1990a, p.26). Reiteramos que a atividade epilinguística se sustenta em dois processos distintos: o de produção de formas e o de reconhecimento de formas. Não se separa, dessa maneira, emissor e receptor, antes, todo enunciador é, ao mesmo tempo, produtor e reconhecedor de formas.

Ressalta-se que, na epistemologia culioliana, a atividade de linguagem é um incessante trabalho de “colocar em relação”, é produção e reconhecimento de formas

Romero, no artigo *Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização* em Antoine Culioli e Carlos Franchi (2011, p.154).

²³ Ibid., p. 285.

²⁴ Idem.

²⁵ A capacidade de ajustamento, refere-se à regulação que o sujeito realiza consciente/inconsciente ao se apropriar dos mecanismos da linguagem com objetivo de produzir ou interpretar um determinado enunciado.

²⁶ No original: “La signification n’est donc pas véhiculée, mais (re)-construite. La relation entre production et reconnaissance suppose la capacité d’ajustement entre les sujets”. (CULIOLI, 1990a, p. 26).

enquanto traços de operações (de representação, de referenciação e regulação). Trataremos, no próximo item, sobre essas operações da atividade de linguagem.

1.3 A linguagem: representação, referenciação e regulação

O sujeito, ao se encontrar em um determinado contexto situacional, provavelmente sente o desejo de produzir certas formas interpretáveis, cuja interpretação não se distancia daquela que ele acredita (conscientemente ou não) ser a do outro. Propomos, nesse momento, refletir sobre um caminho profícuo que toma a linguagem como atividade de representação, referenciação e regulação.

É relevante iniciar dizendo que a linguagem, na perspectiva culioliana, é colocada como indeterminada. Não se defende a tese da impossibilidade da estabilização da significação. Defende-se, sim, que a estabilidade é o ponto ao qual se pretende chegar, mas quase malograda por razões que são constitutivas do enunciado.

Do ponto de vista dos processos dinâmicos de apropriação da linguagem, só se pode afirmar que, se as formas linguísticas trazem consigo alguma significação, trazem não mais do que horizontes de sentido, uma intuição de significação. Assume-se a existência de uma relativa estabilidade e o enunciado dá por conhecer o ponto em que ela de fato se encontra. Por isso, é importante que compreendamos a linguagem como um trabalho de construção de *representação* por parte do sujeito. Compreender a linguagem como “trabalho, coloca o desencontro, a ambiguidade como fundamentos, e o encontro, a transparência como conquistas”. (REZENDE, 2000, p.7).

Passemos ao primeiro nível de representação, que é subjetivo e centralizado²⁷, ou seja, cada indivíduo, desde a sua infância mais remota, constrói, a partir de suas experiências com o mundo físico e mental, representações mentais que são relacionadas e categorizadas com base em dados linguísticos e extralinguísticos. As representações mentais que se constituem por tipificações, por serem resultado da experimentação individual do sujeito, Culioli nomeou como *noções*, termo que remete ao domínio da cognição, sendo passíveis de reconstituição pelos textos.

É pertinente destacar que a linguagem é constituinte, dependente e se relaciona com o sistema cognitivo. Porém, por fazer parte do domínio cognitivo, seria apressado concluir que temos uma relação simétrica entre as representações mentais e as sequências textuais. Assim, em TOPE, trabalhamos com elementos que não se

²⁷ Ibid., p. 13.

correspondem simetricamente. Por isso operamos com três níveis de classificação dentro do processo de representação: o nocional, o textual e o observacional.

O nível nocional (nível 1) corresponde ao nível da linguagem, é o lugar em que organizamos cognitivamente as nossas representações mentais a partir de nossas experiências individuais. A esse nível o linguista não tem acesso direto, pois corresponde à esfera da atividade epilinguística, de constituição das noções e operações mentais da linguagem.

O nível textual (nível 2) corresponde ao nível das línguas, das representações mentais concretizadas em textos a partir do trabalho das operações enunciativas realizadas sobre as noções presentes no nível 1. Os textos produzidos nesse nível são produtos de agenciamento de marcadores que possibilitam ao linguista rastrear as operações do nível 1.

O nível observacional (nível 3) corresponde ao nível metalinguístico, em que o linguista simula, por meio de reescritura formal, as atividades de representação do nível da linguagem (1), que se materializa em representações textuais no nível da língua (2). Através da atividade metalinguística, o linguista observa que o “dito não é espelho simétrico do dizível” (ZAVAGLIA, 2016, p.49), determinando as relações entre os níveis 2 e 3, para vislumbrar, a partir de uma maneira simulada, as operações do nível 1.

Quanto ao nível da *referenciação*, ele se apresenta como “objetivo e descentralizado” (REZENDE, 2010, p.13), compreendendo o momento em que o sujeito estabelece relações (não simétricas ou lineares) entre o elemento do domínio linguístico (E) e o elemento do domínio extralinguístico (E’), ou seja, é a tentativa de elaboração de coordenadas que auxiliarão no estabelecimento de valores referenciais atribuídos ao enunciado.

Dito em outras palavras, a atividade de referenciação é a construção dos valores referenciais das marcas enunciativas, a partir da relação entre o domínio linguístico e o extralinguístico pelos sujeitos enunciadores. Trata-se de um conjunto de “localizações entre o enunciado, a situação enunciativa (com parâmetros relacionados ao tempo, ao espaço, aos sujeitos e aos eventos implicados na enunciação) e a relação predicativa”. (ZAVAGLIA, 2016, p.52).

Os valores referenciais das marcas linguísticas são movediços, provisórios e dependentes do enunciado, dependentes de uma momentânea estabilidade propiciada pela atividade de regulação que os sujeitos empreendem por meio das operações

enunciativas, visando moldar um sentido preterido de ser compreendido pelo co-enunciador.

Nota-se que, em TOPE, compreendemos referente e valores referenciais de maneira distinta de outras posições teóricas, pois “pode-se convir que o referente provém de um domínio extralinguístico, por oposição aos valores referenciais, produzidos pelos enunciados da língua e cuja existência se faz apenas por meio deles”. (FRANCKEL, 2011, p.45). Em síntese, podemos dizer que a linguagem não reproduz o referente, como querem as teorias pragmáticas, a linguagem constrói valores referenciais a partir do engendramento da matéria linguística e do objeto.

Corroborando essa ideia, Culioli (1999a) diz-nos que os valores referenciais somente serão atribuídos aos elementos se estes fizerem efetivamente parte de um sistema referencial, o qual somente é ativado em uma situação real de enunciação.

Passemos ao nível da regulação, que também é subjetivo, “mas alcançou um outro nível de organização em razão do diálogo com o outro, com o diferente, realizado no nível anterior, o da referenciação e, portanto, é subjetivo e centralizado novamente”. (REZENDE, 2010, p. 13).

Podemos definir a atividade de regulação como a adequação do discurso do enunciador em relação ao seu co-enunciador. É nesse momento, que há um ajustamento entre os interlocutores, em que ambos regulam suas representações, conforme o que pensam a respeito um do outro. Destacamos que não é uma relação simétrica e objetiva, pois o co-enunciador não é a imagem refletida do enunciador e vice-versa.

A atividade de regulação se efetiva ao percorrer três momentos distintos: o subjetivo (inconsciente e consciente), o intersubjetivo e o da estabilização. Nesse sentido, quando o sujeito regula sua produção enunciativa tenta organizar um determinado valor para as formas que emprega.

O primeiro momento (subjetivo) diz respeito à regulação entre o domínio cognitivo das representações, quando consciente e inconscientemente o sujeito elabora questionamentos mentais, percorrendo domínios e classes possíveis. O momento seguinte trata da escolha e da adequação do que se pretende dizer, sendo considerado, nesse ato, o universo físico e cultural compartilhado entre os sujeitos enunciadorees. No terceiro momento, temos um texto sendo enunciado.

Resumindo, o texto enunciado é o produto resultante da construção da imagem de duas representações escolhidas dentre muitas outras; é a escolha de percorrer um

caminho dentre outros; é a estabilização da relação entre representações em relação a uma localização.

Compreender a linguagem como um trabalho de produção, reconhecimento e ajustamento de formas, implica considerar o enunciado como o produto de um diálogo incessante. O movimento é de princípio. As formas estabilizadas são apenas pontos realçados em uma trajetória fundamentada pela instabilidade. O significado não é algo dado a priori, mas uma construção dos mecanismos de linguagem.

Com essas breves reflexões sobre a atividade de linguagem, consideramos necessário um ponto de parada em nossa caminhada para tratarmos, em linhas gerais, da constituição daquilo que se convencionou ser nomeado como advérbio e locução adverbial.

2.0 Um ponto de parada: *O estudo dos advérbios*

[...] E como pera o jogo de enxedrez se requerem dous reis, um de uma cor e outro de outra, e que cada um deles tenha suas peças póstas em cásas próprias e ordenádas com leies, do que cada uma deve fazer [...] assi todalas linguagens tem dous reis, diferentes em género, e concordes em ofício: a um chamam Nome e ao outro Vérbo. Cada um destes reies tem a sua dama: â do Nome chamam Pronome e à do **Verbo, Advérbio**. Particípio, Artigo, Conjugaçam, Interjeiçam, sam peças e capitães que debaixo de sua jurdiçam tem muita pionágem de dições, com que comumente sérvem a estes dous poderoso reies, Nome e Vérbo [...]. (BARROS, [1540] 1971: 293 e segs., grifo nosso).

Tomamos como ponto de partida a metáfora do jogo de xadrez proposta por Barros (1540) acerca das leis estruturantes das línguas naturais, nos termos da classificação das palavras propostas por filósofos na Antiguidade, tendo como princípio a ordenação dos Nomes, dos Verbos e dos seus ‘agregados’. Propomos percorrer um caminho sinuoso, tendo como parâmetro a classe definida como advérbio.

Empregamos o termo ‘sinuoso’, porque concordamos com Dubois (2004 apud RAUBER; DEFENDI, 2011, p.132), quando afirma que “a categoria tradicional dos advérbios agrupa espécies de palavras que nada têm em comum além da invariabilidade”.

Tal afirmação permite-nos questionar a estabilidade proposta pela gramática tradicional que versa sobre um registro linguístico de visão conteudística, terminológica e conceitual sobre os constituintes da língua, em grande parte devido ao legado das reflexões metalinguísticas propostas pelos filósofos greco-romanos acerca da regularidade do uso das formas linguísticas.

Em outros termos, sabemos que o interesse dos filósofos da Antiguidade pela classificação e uso “correto” dos termos da língua foi incorporado à gramática tradicional, produzindo cristalizações, tais como a ideia de que a sintaxe e a gramática seriam o lugar das regularidades, ou de que basta seguir a regra estipulada de ordenação dos elementos dados para se obter uma frase correta na língua. Na esteira desse

pensamento, temos a ideia do léxico como o espaço das singularidades, em que não é possível prever como ocorreram as trocas linguísticas.

Neste ponto, consideramos oportuno refletir acerca da constituição da classe de palavras denominada como advérbios, visto que a delimitação e conceituação adverbial, desde os estudos clássicos, apresenta-se como um trabalho perturbador, devido à mobilidade semântica e sintática dos seus componentes. Vem desses fatores o vício das “restrições antagônicas que conduzem ora a sobrecarregar semanticamente a palavra para não perder nada de sua especificidade, ora a esvaziá-la para que possa abarcar a totalidade de seus empregos”. (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 98).

Passemos a um breve percurso do desenvolvimento da atividade metalinguística no Ocidente, que emergiu no bojo dos estudos lógicos e filosóficos que tratam de problemas tais como a origem da linguagem (naturalismo e convencionalismo), a relação entre a língua e o pensamento (analogia e anomalia) e a definição da natureza da gramática (arte ou ciência).

A Dionísio, o Trácio (séc. II a.C.), reportamos à autoria da primeira obra gramatical, que se definiu como o compêndio do “conhecimento prático dos usos gerais de poetas e escritores de prosa”. Assim, no manual de Dionísio, temos uma das primeiras tentativas de sistematização do dado linguístico, quando recorta a variação e estabiliza algumas ocorrências das unidades linguísticas em classes, elaborando paradigmas e instaurando a noção de erro e irregularidade como aquilo que se desvia do padrão.

Para Dionísio, o Trácio, a classe adverbial corresponde “à parte não flexionável do discurso colocada antes ou depois do verbo. Define-se, pois, por referência ao verbo, o que significa que só é considerado como associado a essa parte do discurso”. (apud NEVES, 2002, p. 56).

Dionísio ainda prossegue, distinguindo os advérbios em simples ou compostos e os subdivide em 26 categorias distintas. Cita, como exemplo, advérbios de tempo²⁸ (agora, hoje, amanhã); posição intermediária (correspondentes aos nossos advérbios terminados em -mente (grego: **-ôs**); qualidade (**lâx**, “com o pé”; **pýx**, “com o punho”; quantidade (**pollákis**, “muitas vezes”); número (**dís**, “duas vezes”); lugar (**áno**, “de cima para baixo, **oíkoi**, “em casa”); desejo (oxalá); dor (**ioú**, “interjeição de dor”); negação (**ouk**, “não”); afirmação (sim); interdição (**mé**, “não”); semelhança (como); admiração

²⁸ Conforme Neves (2002, p. 56-57)

(**babaí** “interjeição de admiração”); conjectura (talvez); ordem (**hexés**, “em seguida”); coleção (**árden**, “inteiramente”); exortação (**eía** “interjeição de exortação”); comparação (mais, menos); interrogação (onde?, como?); intensidade (muito, fortemente); reunião (**háma** “de uma só vez”); negação por juramento (a partícula grega **má**, usada antes do nome da divindade por quem se jura, negando); certeza (sem dúvida); imposição (**pleustéon** “forma neutra do adjetivo verbal em **-teos**, que indica obrigatoriedade); inspiração divina (**euoí**, “evoé”).

A partir dessa indicação superficial, podemos observar que o manual de Dionísio tem como objetivo sistematizar os elementos da língua de maneira isolada em que “as entidades se apresentam compartimentadas, submetidas a classificações e subclassificações explicitamente declaradas”. (NEVES, 2002, p.60).

Diferentemente da obra de Apolônio Díscolo (século II d.C), os elementos linguísticos são observados a partir da perspectiva relacional, uma vez que a sintaxe é considerada como o conjunto de regras que regem a organização dos elementos.

Apolônio nos apresenta a seguinte definição de advérbio: “é uma espécie de adjetivo do verbo; e, do mesmo modo que o verbo é segundo do nome, o advérbio é segundo da preposição, a qual precede o nome”. (DÍSCOLO apud NEVES, 2002, p.65).

Notamos a persistência da definição do advérbio como elemento associado à figura verbal. No correr dos séculos, pouco modificou-se da classificação dada a esse grupo de palavras. Permaneceu, para a maioria dos autores, a ideia do advérbio enquanto modificador verbal. Acrescentou-se a essa conceituação a ideia de modificador de adjetivo, advérbio ou oração.

Parece-nos que a preocupação geral ao longo do tempo não foi abrir a significação, mas restringi-la, delimitá-la, pois, ao se definir o advérbio como elemento de função modificadora, se “traduz uma necessidade de formalismo que atua na gramática: é preciso determinar para poder, ao mesmo tempo, identificar, delimitar (o que constitui um problema de método) e referir, isto é, dar a essas formas uma significação, ancorando-as” (HAROCHE, 1992, p.150), ou seja, a delimitação da classe preenche a necessidade da designação.

Para contextualizar, apresentamos algumas definições disponibilizadas em gramáticas de Língua Portuguesa do Brasil acerca do tratamento conferido à classe adverbial.

1. Advérbios são palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos para intensificar uma qualidade. (CUNHA, 1981, p. 288).
2. O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas. Assim, os chamados advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido de um adjetivo e de um advérbio ou toda a oração. (CUNHA e CINTRA, 2007 p. 541).
3. Advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias *circunstâncias* que cercam a significação verbal. Alguns advérbios, chamados de *intensidade*, podem também prender-se a adjetivos, ou a outros advérbios, para indicar-lhes o grau: *muito belo* (= belíssimo), vender *muito barato* (= baratíssimo). (LIMA, 2008, p. 174).
4. É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. [...] O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira. (BECHARA, 2009, p. 287).

Observamos que nas definições relacionadas à função, as gramáticas tradicionais, citadas acima, assumem a caracterização do advérbio enquanto palavra modificadora do verbo.

Porém, é possível identificar algumas sutis distinções entre os gramáticos. Cunha (1981) se atém especificamente ao conceito de advérbio como palavra intensificadora de processos verbais e adjetivais. Em Lima (2008), observamos a expansão da função intensificadora do advérbio como a palavra que pode ser atrelada inclusive a outro advérbio a fim de indicar um determinado grau de intensidade. Para Cunha e Cintra (2007), a função primordial do advérbio é modificar o processo verbal, sendo que a essas palavra são legadas também funções privativas de intensificar o sentido do adjetivo, advérbio e de todo o segmento frasal. Por fim, em Bechara (2009), vemos a caracterização do advérbio por um viés, digamos, “individualista”, pois conforme as colocações do gramático, é como se os advérbios por si só tivessem o poder de modificar aquilo que se refere ao verbo, ao adjetivo ou inteiramente à frase.

Em Bechara (2009), a inclusão da origem adverbial nos remete a Mattoso Câmara, em *Estrutura da língua portuguesa* (1976, p. 77), que afirma que as palavras estão divididas em nomes, verbos e pronomes. O autor acrescenta que “o advérbio é nome ou pronome que serve de determinante a um verbo”. Em nota, esclarece que alguns advérbios dão uma qualificação a mais a um adjetivo, mas não sendo isso um

aspecto geral, que deva entrar na definição da classe. Nessa medida, Câmara (1976) distingue advérbios nominais e pronominais quanto à origem e à significação. Citamos, como exemplo, os advérbios de base nominal *felizmente*- formado pelo adjetivo *feliz* + *mente* e, ainda, os de base pronominal *quando* e *aqui*.

No que concerne às circunstâncias expressas pelos advérbios, encontramos relativo consenso entre as gramáticas tradicionais, sobre a classificação com base em valores lexicais e semânticos ou critérios funcionais. No primeiro grupo encontramos os advérbios classificados em tempo, lugar, etc. Com base no segundo critério, temos os advérbios demonstrativos, relativos e interrogativos. Nessa direção, tomaremos os exemplos de Cunha e Cintra (2007) a título de exemplificação.

As circunstâncias adverbiais funcionam enquanto ideias acessórias se subdividindo em: **dúvida** (talvez, acaso, provavelmente); **intensidade** (muito, pouco, demais); **lugar** (acima, perto, dentro); **modo** (bem, mal, assim); **tempo** (ainda, amanhã, logo); **afirmação** (sim, certamente); **intensidade** (assaz, quase, bem); **negação** (não). Acrescenta-se, ainda, a essas circunstâncias mais três espécies: **ordem** (primeiramente, ultimamente); **exclusão** (apenas, salvo, senão) e **designação**²⁹ (eis que).

Em Bechara (2009) não encontramos menção aos advérbios afirmativos. O gramático acrescenta outras tipologias circunstanciais, na tentativa de abarcar toda a funcionalidade adverbial, tais como: **assunto** (Conversar sobre a música); **causa** (Morrer de fome); **companhia** (Sair com os amigos); **concessão** (Voltaram apesar do escuro); **condição** (Só entrará com autorização); **conformidade** (Fez a casa conforme a planta); **fim** (Preparou-se para o baile); **instrumento** (Escrever com lápis); e **referência** (O que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos em fama de enérgicos e previdentes colonizadores³⁰).

Observamos que os quadros tipológicos da classe adverbial buscam apresentar categorizações exaustivas, sugerindo que os advérbios da língua portuguesa se distribuem a partir das classes propostas, limitando-se a elencar as palavras pré-determinadas que ocorrem num determinado contexto ideal.

Os critérios classificatórios alcançam as locuções adverbiais, definidas como “o conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. De regra, as

²⁹ Cunha e Cintra (2007, p.541) dizem que tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: “palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, etc.” A NGB admite a existência dos advérbios de exclusão e de inclusão e considera advérbios de oração o que denominamos Palavras Denotativas de Situação.

³⁰ Todos os exemplos foram retirados de Bechara (2007, p. 290-291).

locuções adverbiais formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio”. (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 544).

É unânime, nas gramáticas tradicionais, a definição das locuções adverbiais como associação de palavras distintas que, no contexto frasal, têm funcionalidade adverbial. Considera-se, dessa forma, a semântica dessas palavras. Ressalta-se que as gramáticas citadas acima apenas apresentam listas de palavras soltas como exemplos de locuções adverbiais, não definindo as circunstâncias expressas pelas referidas locuções. Citamos os exemplos: à toa, ao acaso, de repente, lado a lado, às vezes, por milagre, etc.

Percebemos nesses estudos que temos um misto de semântica e sintaxe que se entrecruzam na conceituação da classe adverbial. A ideia de “modificação” pouco contribui para essa conceituação, apesar de ser usual.

Concordamos com Macambira (1997, p. 342) quando diz que “a definição de modificação é obscura”, pois, semanticamente dizendo, o advérbio corresponderia a uma classe gramatical que teria seu significado atrelado a outro elemento, ou seja, é considerada uma palavra vazia de significação; como, no exemplo, *corremos*³¹ que exprime uma ação, e *corremos depressa*, exprime a mesma ação, porém com um acréscimo de significado.

Em nível sintático, a ideia de modificação parece remeter à relação estabelecida dentro de toda a ocorrência como “estar em construção com”³². Tomando o exemplo acima, diríamos que *corremos* está em construção com *depressa*.

Ao caracterizar os advérbios como elementos portadores de modificação, a gramática tradicional encontra-se em uma encruzilhada quando se depara com frases como: “Somente André percebeu a situação”. A palavra *somente* é considerada advérbio e modificadora do substantivo *André*. Ou ainda, “Ela escreve rápido”, em que a palavra *rápido* é considerado adjetivo e modifica a ação verbal.

Diante do exposto, podemos notar que as classificações gramaticais tendem a se definir fora do contexto em que estão inseridas as formas linguísticas, no qual “as unidades, construídas e estáticas, constituem a base para que o jogo de relação formal se efetue”. (REZENDE, 2000, p.12).

A categorização proposta pela gramática tradicional para a classe adverbial situa-se apenas “nos níveis da palavra e da frase, considerando a letra e a sílaba, as

³¹ Os exemplos citados foram extraídos de Macambira (1997).

³² Ibid., p.341.

unidades linguísticas anteriores à palavra”. (GARCIA, 2011, p. 230). Ressalta-se que, em relação às locuções adverbiais, tais como *DE REPENTE*, encontramos um breve tratamento dado pelos gramáticos, que se detiveram à sua classificação semântica a partir das semelhanças com os advérbios.

Essa visão de catalogação se distancia dos pressupostos teóricos da TOPE, que considera as unidades linguísticas como indeterminadas, com potencial significativo (horizonte de significação) que ultrapassa as classificações gramaticais. A TOPE distancia-se, dessa forma, do nível paradigmático e aproxima-se de um nível anterior à construção do léxico e da gramática. Propõe a existência de noções, enquanto feixe de propriedades significativas à disposição do sujeito que constrói combinações ou descombinações de valores estabilizados.

Em outras palavras, a TOPE não opera com o conceito de unidade linguística enquanto detentora de conteúdo estático, que estabelece relações do tipo nome-objeto-predicação em detrimento da relação predicação-objeto-nome, ou seja, os estudos gramaticais tradicionais deixam escapar o trabalho do sujeito que para construir significação, assimila, manipula e modifica as formas linguísticas. Assim, os equívocos e as ambiguidades considerados como inadequados, correspondem a uma escolha dentre outras que o sujeito realizou a partir do modo de organização da sua experiência.

A relação nome-objeto-predicação está sustentada por uma visão estrutural de língua, na qual os termos linguísticos, enquanto convencionados, funcionam como objetos a serem assimilados cognitivamente de maneira igual por todos os sujeitos, visto que o símbolo reflete a realidade num circuito fechado, como se a propriedade/significação fosse dada a priori pelo objeto.

De outro modo, a relação predicação-objeto-nome teoriza o movimento, o fluxo contínuo do estável ao instável. Leva em consideração o trabalho do sujeito que opta por uma ou outra forma, a fim de construir significação. Os valores linguísticos são ressignificados a todo momento pelo sujeito a partir de sua experiência com o mundo físico-cultural-cognitivo.

Em síntese, **uma gramática classificatória, conforme as descritas nesta seção, parte de valores estáticos, resultantes de um processo de categorização efetuado pela linguagem (formal) na língua natural (empírico). Ao se estudar a língua, enquanto gramática, partimos de um resultado com valores pontuais, fixos, estáveis. Não se concebe, nesse caso, a existência de um processo dinâmico que tensiona constantemente aquilo que é recortado como valor estável.**

Ressaltamos que nosso posicionamento teórico busca estudar as línguas na sua articulação com a linguagem, com objetivo de “explicitar não só as categorias resultantes (valores prototípicos), mas também a natureza do próprio processo de construir categorias”. (REZENDE, 2002, p. 113), o que não se encontra nem na tradição lógico-filosófica dos estudos gramaticais nem nos estudos linguísticos que se desenvolveram na esteira do conceito de signo, conforme teremos oportunidade de observar, na seção seguinte, através de uma reflexão sobre a classe adverbial com base nos estudos funcionalistas.

2.1 Considerações linguísticas: o advérbio

Nossa reflexão acerca da classe adverbial será guiada pelos estudos de vertente funcionalista, fundamentados, principalmente, em Castilho et al. (2008), Castilho (2009; 2010) e Neves (2000; 2006). Em princípio, nossa escolha de abordar os estudos funcionalistas deve-se à disponibilidade de uma vasta bibliografia, porém, com base nas leituras, observamos um ponto peculiar que pretendemos discorrer no correr desta seção, referente à questão do contexto.

Dito isso, destacamos que o funcionalismo linguístico caracteriza-se pela oposição à visão formalista que contextualiza a língua numa visão estritamente metalinguística. A gramática é selecionada como elemento normatizador das unidades linguísticas.

Em outros termos, o funcionalismo propõe observar a língua nas interações verbais dos sujeitos, tendo como princípio o fato de que as formas linguísticas são usadas para um determinado propósito, centrando-se, dessa forma, nas análises de âmbito social.

Para guiar nossa reflexão, tomamos as cinco características gerais do funcionalismo, propostas por Dik (1978 apud FRAGOSO, 2003, p. 2). São elas:

1. A língua é um instrumento de interação social;
2. A principal função da linguagem é mediar a comunicação entre os usuários;
3. A capacidade linguística do falante compreende não só a habilidade de construir e interpretar expressões linguísticas, mas também usar tais expressões de maneira apropriada e efetiva, seguindo os modelos da interação verbal que prevalecem na comunidade linguística;

4. As expressões linguísticas são compreendidas quando consideradas dentro do contexto, sendo as propriedades do contexto, determinadas pela informação contextual e situacional;
5. Os universais linguísticos são explicados através dos fins de comunicação, dos contextos em que a língua é usada e das propriedades biológicas, psicológicas e cognitivas dos usuários.

Vejamos que o funcionalismo centra suas análises na produção linguística do sujeito, concebendo a língua como elemento de caráter funcional e dinâmico, sujeita a variações e mudanças. Logo, os termos linguísticos são compreendidos a partir do contexto de uso da língua, a função dos itens linguísticos resultaria, nesse caso, de condicionamentos semânticos e pragmáticos dos usos.

Observamos que a hipótese central se sustenta na ideia de que a estrutura gramatical é “passível de modificação em virtude das pressões do contexto de uso da língua” (RAMOS, SILVA, 2014, p. 83). Tal concepção de contexto revela ser o oposto daquilo que compreendemos em TOPE.

O contexto versado, nos estudos funcionalistas, diz respeito a algo já previsto, já dado, resultado do uso das formas nas situações interacionais. Em TOPE, apenas é previsto que teremos um contexto, ou seja, não partimos da ideia de determinações a priori.

Dito melhor, trabalhamos com as possibilidades contextuais, não se opta por essa direção, à inclusão das formas linguísticas a um “contexto pragmático qualquer” (VOGÜE, 2011, p.66), ou seja, o contexto não diz respeito a algo externo ao enunciado, antes, ele é parte integrante do enunciado.

Retomando Dik (1978), observamos que se enfatiza a habilidade comunicativa do indivíduo atrelada ao uso correto das expressões linguísticas no contexto interacional, ou seja, permanece a visão de “modelo”, de certo ou errado da gramática tradicional, não concebendo, dessa maneira, a linguagem como uma atividade dinâmica, de ajuste constante entre os enunciadores.

Destarte, por procurar universais linguísticos, enquanto uma derivação da universalidade dos usos da linguagem, a perspectiva funcionalista, semelhantemente às pesquisas tradicionais, tende a esgotar o trabalho com as unidades da língua por centrar-se “no esclarecimento das relações entre forma e função que parecem exercer influência na estrutura gramatical”. (CASTILHO, 2012, p.21).

Como se observa, a relação forma-função tem papel central para os funcionalistas. Para Neves (2006), a linguagem é funcional por natureza, porque tem uma finalidade. As formas linguísticas servem a várias funções, isto é, são configurações de funções, e as diferentes funções atendem aos diferentes significados materializados no enunciado.

Nesse sentido, podemos dizer que o funcionalismo não toma um valor como primeiro, mas como um dentre outros. Observa a flutuação de um valor a outro e o associa a causas contextuais. Em última instância, o contexto determina o valor da forma linguística. Usando a metáfora do jogo de xadrez, seria como dizer que o valor da peça resulta da “casa” (contexto) em que ela se encontra. Desse ponto de vista, podemos questionar: O estudioso deverá definir tantas categorias gramaticais quantos forem os usos?

Chegamos, desse modo, a uma das principais noções funcionalistas, a de *gramaticalização* das formas linguísticas, pautada pelo processo repetitório de seu uso, que instaura uma norma, fazendo com que essa forma se insira na gramática dos falantes. Ou seja, “novas formas ou combinações sintáticas são criadas e convivem ao lado daquelas já existentes, sem que necessariamente estas caiam em desuso, pondo em relevo o caráter polissêmico da língua”. (RAMOS; SILVA, 2014, p.83).

Para guiar nossa reflexão em torno do processo de gramaticalização, reportamo-nos aos estudos de Correio (2012; 2015), que expõem a trajetória de gramaticalização da expressão *DE REPENTE* no português brasileiro, do século XVI ao século XX.

Conforme Correio (2015, p. 172), na análise dos dados relativos ao século XVI e XIX, a expressão *DE REPENTE* só foi encontrada em ocorrências desempenhando papel de circunstanciador de modo. Já, no século XX, encontraram-se ocorrências com essa expressão exercendo também papel de modalizador epistêmico de possibilidade e como marcador discursivo. Tudo isso indica que *DE REPENTE* tem ampliado seus empregos e, conforme a autora, segue um processo de gramaticalização.

Enquanto circunstanciador de modo, *DE REPENTE* indica o modo como se desenvolve a ação verbal. Para Correio (2015), essa função é recorrente em todas as sincronias e se acredita que as novas funções que a expressão toma são dela derivadas. O exemplo retirado do trabalho da pesquisadora endossa sua posição.

1. Deus me livre! É uma tristeza! A gente tem que ficar tudo dentro de casa com medo que pode sair uma bala **de repente**. Bala não tem direção, não vem escrita para quem é, não é? (colega fala em paralelo) [Aí tem que ficar quietinha dentro] de casa para bala não atingir a gente. Mas é uma tristeza. (CORREIO, 2015, p. 173).

Enquanto modalizador epistêmico de possibilidade, temos *DE REPENTE* utilizado pelos falantes para demonstrar incerteza acerca de suas declarações. Citamos, como exemplo, a ocorrência.

2. E- É. Folha, com a administração deles eu acho meio difícil não ser, sabe? Agora, há também uma reviravolta aí, não é? Futebol é uma coisa meio incerta. **De repente**, esse <timeco> aí, não é? Do fluminense começa a engrossar. Aliás ele costuma a engrossar com o Flamengo, não é? Está arriscado assim dar uma goleada num- nesse time- (hes.) No campeão do mundo, não é? Não sei! (CORREIO, 2015, p. 174).

Correio (2015) considera que o uso de expressões como “está arriscado”, “eu acho” e “não sei” reforçam tanto a interpretação de *DE REPENTE* como um modalizador epistêmico de possibilidade quanto a relação entre subjetivação e gramaticalização.

Enquanto marcador discursivo, *DE REPENTE* tem seu uso voltado basicamente para a função discursiva, visando assegurar, conforme Correio (2015), a ancoragem pragmática com projeção das relações interpessoais. Para tanto, segue-se um exemplo.

3. F- Treze anos, pô! A gente, pô- quer dizer, uma loucura, não é? Quer dizer, ela se via desesperada. E um filho que não estava muito aí para as coisa, não é? Saía aí pelo mundo e tal. Quer dizer, eu acho que hoje (hes) [esse]- esse mau relacionamento entre ela e com a minha cunhada, eu acho que é muito derivado dessa experiência que ela teve comigo, não é? Sendo um menino, quer dizer, logo assim na perda ("de") meu pai, não é? Enfrentando tudo isso, eu acho que- sabe? Está havendo esse choque hoje muito em cima daquele, sabe? (est) e ela é uma mulher que, **de repente**, sabe? Se viu muito próxima da gente, não é? Deu toda uma vida, não é? Aquela de (inint.) não é? (CORREIO, 2015, p. 176).

Correio (2015) propõe que, no caso descrito acima, a expressão *DE REPENTE*, do ponto de vista da integração da estrutura oracional, atua como unidade independente. Por apresentar-se ao lado de outro marcador discursivo (sabe), essa expressão orienta-se de um falante em direção ao seu ouvinte, buscando a atenção deste e, sinalizando, dessa maneira, um envolvimento interpessoal, dito como um processo de intersubjetivação.

Diante do exposto, para Castilho (2012), as estruturas linguísticas não se encontram fechadas em si mesmas, elas apresentam continuadas gramaticalizações,

tendo em vista as necessidades sociais de expressão e intercomunicação, conforme pode-se observar no caso da expressão *DE REPENTE*.

Prosseguindo nosso percurso analítico, tomaremos como objeto de reflexão, o tratamento dado à classe adverbial em dois exemplares de gramáticas funcionalistas, a *Gramática de uso do português* (2000), de Maria Helena de Moura Neves, e a *Nova gramática do português brasileiro* (2010), de Ataliba Teixeira de Castilho.

Neves (2000) inicia a descrição da classe gramatical dos advérbios apresentando a **forma dos advérbios, que em língua portuguesa podem ser simples (justamente, amplamente) ou perifrásticos (locuções adverbiais). No que se refere à natureza do advérbio, a linguista, em consenso com as gramáticas tradicionais, diz que pelo viés morfológico, os advérbios são tidos como palavras invariáveis. Pelo ponto de vista sintático, é considerado uma palavra periférica que funciona como satélite de um núcleo. Cita-se o exemplo: Não **grita tanto** homem! Em que o advérbio atenua a significação da oração ou proposição.**

Quanto à função adverbial, Neves (2000) destaca que se trata de uma classe heterogênea que pode ser categorizada nas seguintes subclasses:

Funções Adverbiais	Advérbios Modificadores	Afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, fazendo uma predicação sobre as propriedades desses elementos ³³	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Modo ✓ Intensidade ✓ Modalizador ✓ Delimitadores/Circunscritores ✓ Deônticos ✓ Afetivos/Atitudinais
	Advérbios Não-Modificadores		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Afirmação ✓ Negação ✓ Circunstanciais (tempo/lugar) ✓ Inclusão ✓ Exclusão ✓ Verificação

Quadro 1: Classificação das funções adverbiais

Dentre todas essas classificações, chamam-nos, atenção especial, as definições dos advérbios de modo, dos modalizadores e dos circunstanciais que são descritos no quadro que se segue:

³³ Conforme Neves (2000, p. 236, grifos da autora).

Advérbios de Modo	Qualificam uma determinada ação, processo ou estado, modificando, dessa forma, as propriedades dos verbos e adjetivo.	
Advérbios Modalizadores	Expressa alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor do enunciado, ou seja, o falante pode se comprometer com a verdade do que é dito no enunciado de forma afirmativa, negativa, ou ainda se isentar, por considerar o dito uma eventualidade.	Modalizadores delimitadores: o falante circunscreve os limites em que o enunciado deve ser interpretado (basicamente, particularmente, pessoalmente); Modalizadores deônticos: o enunciado apresenta algo que deve ocorrer, devido à obrigação de alguém (obrigatoriamente); Modalizadores afetivos: exprimem reações emotivas do falante do ponto de vista subjetivo, interpessoal (francamente, felizmente)
Advérbios Circunstanciais	Dizem respeito ao lugar e tempo, fazem orientação por referência ao falante e ao aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala ³⁴ .	Fóricos: quando remetem a algum outro elemento, dentro ou fora do enunciado, comportando-se como proformas nominais (aqui, hoje); Não-fóricos: (dentro, antes); Juntivos anafóricos: marcam uma relação de desigualdade entre o segmento em que ocorre e o segmento anterior (porém, contudo, todavia, logo, etc.)

Quadro 2: Definição e delimitação dos advérbios: modo, modalizadores e circunstanciais.

Vemos que não se questiona que as diferenciações propostas na *Gramática de uso do português* (2000) resultem de um refinamento das classificações, a partir de um valor estático, que ignora o trabalho de linguagem realizado pelo sujeito. A proliferação das classificações se sustenta, enquanto resultado de uma ação subjetiva sobre um valor semântico “ideal” de língua, de mundo e de sujeito, que relaciona entidades estáticas sem saber o porquê de fazê-lo.

Ao observarmos as descrições dos adverbiais, no quadro acima, questionamos: O estudioso, ao catalogar as formas adverbiais sabe o que se passa com os sujeitos? São sujeitos monolíticos? A teoria apreende cada sujeito enquanto totalidade transparente?

Na obra de Castilho (2010), *Nova gramática do português brasileiro*, encontramos muitas semelhanças com a gramática de Neves (2000), inclusive na apresentação das tipologias adverbiais. No entanto, Castilho (2010) avança por buscar apresentar um estudo que abarque não somente o comportamento sintático e a posição dos advérbios nos segmentos frasais, mas também a semântica desses termos linguísticos.

³⁴ Idem., (2000, p.256).

Para tanto, o estudioso inicia delimitando a posição sintática em que o advérbio se aplica, observando a sua colocação com relação ao seu escopo e também no interior da estrutura argumental da sentença, configurando, conforme Castilho (2010), quatro posições adverbiais distintas, apresentadas no quadro abaixo.

Posição 1: Sintagma adverbial antes da sentença	realmente você vê que aqui você passa melhor. e agora realmente ele não gasta muito. ³⁵
Posição 2: Sintagma adverbial depois da sentença	você vê que aqui você passa melhor, realmente .
Posição 3: Sintagma adverbial entre o sujeito e o verbo	você realmente vê que aqui você passa melhor. você vê que aqui você realmente passa melhor.
Posição 4: Sintagma adverbial entre o verbo e seu argumento interno	você vê realmente que aqui você passa melhor.

Quadro 3: Posição sintática do advérbio

Prosseguindo, diferentemente da gramática tradicional, que enquadra a classe adverbial à função única de modificação/predicação, Castilho (2010) propõe o acréscimo de duas outras funções semânticas: a *verificação* e a *dêixis*.

Na classe funcional dos predicativos temos os advérbios modalizadores, os qualificadores e os quantificadores. A classe dos verificadores corresponde aos advérbios focalizadores, os de inclusão e os de afirmação e negação. O grupo correspondente à função dêixis é integrado pelos advérbios de tempo e lugar.

Diante dessa breve exposição, podemos inferir que a abordagem funcionalista busca articular aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, pois para Dik (1978, apud CASTILHO, 2012, p.21), “a semântica é dependente da pragmática, e as prioridades vão da pragmática para a sintaxe via semântica”, ou seja, o exterior (semântica/social) determina o interior (sintaxe/cognição).

Em uma leitura mais geral, poderíamos tender a aproximar a perspectiva funcionalista da TOPE, visto o fato de que a vertente funcional compreende a significação das formas linguísticas como construída a cada uso e, portanto, dependente do contexto em que se encontra inserido. Porém, o contexto para a vertente funcional, conforme já dito, compreende um objeto definido, estabilizado, ou seja, admite-se apenas alguma variação na superfície da língua, uma variação respaldada pelo contexto, porque o uso não é dúbio, não é instável.

³⁵ Todos os exemplos foram retirados de CASTILHO (2010, p. 550).

Por outro lado, a TOPE compreende que o contexto não passa somente pelo nível linguístico, em outras palavras, o contexto passa pela percepção do sujeito, não é dado a priori, mas também é construído. Logo, a significação das formas linguísticas é relativamente estável e instável.

Outro ponto de distanciamento entre o funcionalismo e a TOPE refere-se ao fato da dicotomização léxico e gramática, a “própria noção de gramaticalização enquanto aquisição de significações gramaticais por uma unidade lexical é testemunha da verdadeira porosidade entre o que se designa como o lexical e o gramatical”. (PAILLARD, 2016, p.6). Nesse caso, as formas linguísticas são tidas como entidades estáticas, teoriza-se o ápice que é a comunicação, mas não se considera o percurso que o sujeito leva para construir a significação.

Em TOPE buscamos observar o momento anterior às estabilizações, teorizando operações de linguagem, logo, as formas linguísticas não são tomadas como um dado, um *processo concluso e acabado*, antes, buscamos apreender as marcas do enunciado, incluindo-se *DE REPENTE*, como resultado do *processo de construção de representação*. Na próxima seção, apresentamos o conceito culioliano de noção.

2.2 Ad+vérbio: um estudo para além das categorizações

Que coisa dói dentro do nome
Que não tem nome que conte
Nem coisa pra se contar?
(Paulo Leminski)

A reflexão depreendida em torno dos estudos gramaticais e funcionalistas permitiu-nos observar que, no decorrer dos séculos, as palavras que apresentam um comportamento distinto, uma fluidez semântica e sintática, que não se deixam catalogar em inteireza e que, por manterem, às vezes, uma estreita relação com o verbo, foram encapsuladas nessa classe que se convencionou nomear de ad+vérbio³⁶.

Groussier e Rivière (1996, p. 36 apud REZENDE, 2003, p. 2) definem classe como “a totalidade das ocorrências efetivas, possíveis e fictícias, etc., correspondendo a uma definição (conjunto de propriedades) dada”. O fator que possibilita a aglomeração das unidades em uma classe é justamente a possibilidade das ocorrências de elementos

³⁶ Etimologicamente, a palavra *advérbio* vem do latim *adverbium*, composta de *ad-*(junto, em direção) e *verbum* (palavra).

distintos. Nesse caso, fazendo alusão às palavras do poeta Paulo Leminski, perguntamos: O que permite às palavras (advérbios) transporem as catalogações?

Com base nos estudos culiolianos que não se vinculam a um método classificatório compreendemos que toda unidade, “embora se apresente como uma forma construída, ela está em constante construção, ao mobilizar um jogo no qual a significação de um marcador depende das unidades que se configuram à direita e à esquerda em cada contexto de enunciação”. (SILVA, 2011, p. 65).

Nessa direção, propõe-se que a análise linguística deve ter como ponto inicial um grau zero de categorização, no qual, toda forma linguística, inclusive, as unidades léxico-gramaticais, são dotadas de maleabilidade, flexibilidade de funcionamento, por resultarem de propriedades providas do domínio cultural e do domínio das experiências particulares. Sendo esses domínios “nossas fontes para categorizar os objetos e os fenômenos do mundo³⁷”.

Pontuamos, nesse caso, que trabalhamos com um domínio que busca articular léxico e gramática a fim de visualizar o “processo operatório para a geração dos valores e significados para uma mesma unidade”. (REZENDE, 2000, p. 115). Assim, compreendemos que subjaz às ocorrências com *DE REPENTE* um grau zero, anterior à categoria dos advérbios. Por isso, consideramos pertinente trazer o conceito culioliano de *noção* que preenche esse grau zero de categorização por aliar o nível linguístico e o não-linguístico, descrita como

[...] como um complexo feixe de propriedades físico-culturais estruturadas e não deve ser equalizado com rótulos lexicais ou itens reais. Noções são representações e devem ser tratadas como tais; elas sintetizam propriedades (o termo é usado aqui em sentido amplo) derivadas da interação entre pessoas e pessoas, pessoas e objetos, restrições biológicas, atividade técnica, etc. (CULIOLI, 1990, p. 69).³⁸

Vemos que as noções compreendem entidades híbridas resultantes da junção das experiências individuais do sujeito com as possibilidades da língua. Fundamenta-se que tais entidades híbridas operam com a plasticidade do domínio cognitivo juntamente com a rigidez do domínio linguístico, que concerne não somente às experiências

³⁷ Ibid., p.102.

³⁸No original: A notion can be defined as complex bundle of structured physico-cultural properties and should not be equated with lexical labels or actual items. Notions are representations and should be treated as such; they epitomize properties (the term is used here in a very extensive and loose way) derived from interaction between persons and persons, persons and objects, biological constraints, technical activities, etc. (CULIOLI, 1990, p.69).

individuais, mas também às experiências do outro, daquilo que é cultural. Nesse jogo, entre domínios distintos, o sujeito aprende a equilibrar-se, aproximando objetos desde a sua mais tenra idade. Esquemáticamente, poderíamos dizer que o sujeito escolhe³⁹ objetos, atribui-lhes propriedades, ao aproximá-lo de outros objetos. Depreende-se, dessa maneira, o conhecimento que resulta da construção de uma noção.

Digamos que, quando um sujeito diferencia ‘caderno’ de ‘cama’ por meio de oposições como: “coisa para escrever; de papel; com folhas, etc.” *versus* “coisa para dormir; comprida; de madeira; com pés, etc.”, articulando dessa maneira o domínio linguístico e o extralinguístico, constrói-se uma noção. Logo, ao tomarmos um termo da língua, temos a nossa disposição um conjunto de associações que podem permitir algumas construções, que não se referem, nesse caso, a uma liberdade irrestrita, mas a diferentes graus relacionados à noção que proporcionam a construção dos enunciados.

Conforme Culioli (1990), as noções configuram-se como fonte de categorizações dos objetos e dos fenômenos do mundo e sustentam as representações em língua. Formalizando essa conceituação, cada noção pode ser entendida como um predicado, intitulado P, que possui um complementar, chamado de P’. Nessa direção, quando o ser humano tipifica as noções, localiza-as num domínio constituído por um centro organizador (CO), o interior (I), o exterior (E) e uma fronteira (F).

Temos, portanto, P localizando-se no interior do domínio e P’ no exterior. A zona fronteira entre esses espaços corresponde a P e P’. Logo, interior e exterior comportam ocorrências abstratas que poderíamos representar como $p_i, p_j, p_n, \dots, p'_i, p'_j, p'_n$.

Assim, temos, no interior do domínio, um espaço aberto que comporta ocorrências identificáveis com a noção, no exterior encontram-se, digamos, ocorrências antagônicas em relação ao interior, e, na fronteira, temos ocorrências que se identificam em algum aspecto com a noção central.

Tomemos, como exemplo, a palavra “pardal” que, mesmo não estando inserida em um enunciado, o ser humano representa para si aquilo que compreende como um pardal. Essa representação é realizada a partir de certas propriedades comuns a todos os objetos tidos como “pardal”.

Suponhamos, então, algumas ocorrências:

³⁹O processo de escolha não é teorizado em TOPE. A TOPE não teoriza o gosto, o desejo, as preferências, etc. Em TOPE teorizamos os modos pelos quais as escolhas se constroem ou ganham corpo nas representações.

1. – Filho, veja que lindo pardal na árvore. Aquela outra ave é um beija-flor.

Ao distinguir aquilo que é pardal de beija-flor, localizamos a noção no interior do domínio nocional, ou seja, as propriedades atribuídas a pardal são suficientes para estabilizar a noção.

2. – Filho, isso não é um pardal, e, sim, um gato.

Ao definir que o objeto em questão não se trata de um exemplar de pardal, localizamos a ocorrência no exterior do domínio, ou seja, as propriedades de gato não correspondem em nenhum aspecto com o objeto descrito na enunciação.

3. – Mamãe, olhe o pardal! Será que ele canta como pardal, mamãe? Parece que ele canta como uma galinha? Será que é outro tipo de pardal? Mas, a cor dele é igual ao pardal que vi no parque.

As ocorrências, acima, situam a noção <ser pardal> na fronteira do domínio nocional de <ser pardal>, o que quer dizer que se conservam algumas propriedades, tais como, cantar, ter penas, ter bico, etc., correspondentes ao domínio da noção pardal. Porém, as propriedades extraídas das ocorrências não são suficientes para estabilizar o valor da noção, não temos, nesse caso, um exemplar íntegro de pardal.

Diz-se, então, que o “domínio nocional, do ponto de vista metalinguístico, compreende um domínio abstrato, não de representações cognitivas, mas de representações metalinguísticas que estruturam ocorrências das noções”. (PRIA, 2009, p.57), sobre os quais o linguista opera.

Nessa direção, Culioli (1990, p.52) distingue algumas propriedades “p” a partir da constituição do domínio nocional da noção P. São elas:

- semântico: /ser cachorro/, /ser líquido/, /ler/;
- noção gramatical: aspectualidade, modalidade;
- noção quantitativa/qualitativa: avaliação do grau de intensidade ou de extensividade (acabamento, finalização)⁴⁰.

⁴⁰ No original: -sémantique: /être chien/, /être liquide/, /livre/

- notion grammaticale: /aspectualité/, modalité

- notion quantitative/qualitative: évaluation du degré d'intensité ou d'extensité (achèvement). (CULIOLI, 1990, p.52)

Ponderamos, dessa forma, que “[...] toda situação de linguagem remete a uma espécie de enraizamento de procedimentos linguísticos no interior de estruturas cognitivas, quer dizer, remete a ações sobre nossas representações dos conhecimentos”. (REZENDE, 2000, p. 103-104). Compreendemos que cada representação linguística é subjetiva e também partilhada, pois o sujeito tende a modalizar as noções a fim de sustentar certos valores, dados como culturalmente aceitáveis e adequados.

Porém, no universo fenomenológico, “pardal” pode assumir distintas propriedades nocionais a depender dos jogos enunciativos culminando em valores específicos, ou seja, embora os sujeitos possam identificar e utilizar no nível comunicativo a palavra “pardal”, não se partilha integralmente as representações mentais que dizem respeito ao nível da significação da palavra “pardal”.

Em outras palavras, as “representações estão imbricadas em suas próprias gêneses que lhes impõem restrições do funcionamento linguagístico”⁴¹. Vale notar que as restrições do funcionamento linguagístico implicam em dois tipos de conceitos propostos por Culioli, a estabilidade e a deformabilidade.

Parafraseando Rezende (2000), compreendemos por estabilidade os ajustamentos que os enunciadores realizam para que ações como encontro, comunicação e compreensão sejam efetivas. Enquanto que a deformabilidade implica a atividade linguagística fundamentada em um jogo incessante de transformação dos domínios de significado, opinião ou concepção que, aparentemente, apresentam-se como estáveis.

Logo, não é possível reduzir a vida a um sistema binário, em um “tudo ou nada”, e o programa de trabalho culioliano tem como intento justamente aproximar-se de fenômenos linguísticos que se apresentam ao homem todos os dias, a partir da articulação da linguagem com as línguas naturais, uma articulação entre universal e o particular.

Culioli (2002), ao preocupar-se com as polarizações, inclusive, na ciência linguística, diz-nos que

Por razões que ainda são na origem bastante complexas, mas que ainda provêm de problemas empíricos encontrados no estudo de línguas, eu percebi em um dado momento, que não se podia contentar-se daquilo que foi aliás uma característica importante e útil do estruturalismo, **justamente de trabalhar em tudo ou nada**. E de reduzir os **conceitos de diferenciação** a finalmente a negação da

⁴¹ Ibid., p. 104.

propriedade preliminar: branco/não branco, significando unicamente preto.

Trabalhava-se então em **um sistema de dois valores**, de dois estados, de tal maneira que se não fosse um, era o outro. E alias em linguística muitas vezes há pessoas que funcionam com etiquetas e com +/-, que significam presente *ou* ausente.

Ora, eu repito a partir de questões que são questões empíricas, a partir por exemplo da análise de textos que são produzidos muito naturalmente por pessoas em situações de interlocução, por exemplo, vê-se rapidamente que não é assim que funcionamos. (CULIOLI, 2002, p.217- grifo nosso)⁴².

Assim, ao propor o modelo topológico de domínio nocional, Culioli (2002) leva em consideração os ajustamentos intersubjetivos tão essenciais à atividade de linguagem, dizendo, portanto, de um espaço “aberto” que permite sair do campo do “tudo ou nada” e pensar em espaços fronteiros, espaços em que é possível tipificar. Ou seja, a relativa estabilidade é o que justamente pode gerar a deformabilidade.

Nesse caso, interessa ao linguista culioliano observar o movimento de passagem de uma representação considerada típica a outra. Respalda-nos no mundo fenomenológico, seria como perguntar por que “pardal” pode ser considerada uma “ave típica” e ornitorrinco uma “ave que não é ave”, em outros termos, ao se tipificar um dado elemento, aproximamos ou distanciamos de outros elementos considerados típicos.

Desse ponto de vista, ao operarmos com o conceito de linguagem como trabalho, centramos nossas discussões em um sujeito que constrói representações. Porém, conforme dito por Culioli, apesar de tendermos a tipificar, vivemos em constante jogo enunciativo, que transita entre o instável e o estável.

Por tratarmos de uma abordagem dinâmica, teremos o tipo atuando na

[...] organização da fragmentação da noção construindo uma “ocorrência representativa” ou privilegiada. Essa fragmentação é decorrente da localização das ocorrências em uma situação de enunciação. Assim, as ocorrências são representações da noção e, ao

⁴² No original: Pour des raisons qui là encore sont à l'origine assez complexes, mais qui là encore provenaient de problèmes empiriques rencontrés dans l'étude des langues, je me suis rendu compte à un moment donné, qu'on ne pouvait pas se contenter de ce qui a d'ailleurs été une caractéristique importante et utile du structuralisme, justement de travailler en tout ou rien. Et de ramener les concepts de différenciation à finalement la négation de la propriété préliminaire: blanc/pas blanc, signifiant uniquement noir.

On travaillait donc dans un système à deux valeurs, à deux états, de telle manière que si ce n'était pas l'un, c'était l'autre. Et d'ailleurs en linguistique très souvent, il y a des gens qui fonctionnent avec des étiquettes et avec +/-, qui signifient présent ou absent.

Or, je le répète à partir de questions qui sont des questions empiriques, à partir par exemple de l'analyse des textes qui sont produits très naturellement par des gens dans des situations d'interlocution par exemple, on voit rapidement que ce n'est pas ainsi que l'on fonctionne. (CULIOLI, 2002, p. 217).

mesmo tempo, exibem uma dispersão, assumindo propriedades que lhe são próprias em uma situação de enunciação. (PRIA, 2009, p. 60).

Ao lado do tipo, teremos um atrator que, sendo uma ocorrência imaginária, delimita-se em relação a si mesma, diferentemente do tipo, que se delimita ao relacionar ocorrência de uma classe. Digamos que o atrator fornece um valor extremo, um grau máximo de avaliação, algo como, ou é positivo ou é negativo, construindo-se a partir do próprio predicado. É como dizer: Esse é o pardal! Ou seja, o objeto tem o grau máximo de <ser pardal>.

Ou como diz Culioli:

[...] o atrator introduz o contínuo, a orientação em direção ao centro ou ao exterior, em resumo propriedades topológicas, que tornam o sistema plástico e dinâmico, tudo permitindo a estabilização intersubjetiva⁴³. (CULIOLI, 1999b, p.127).

Logo, ao constituir-se como o próprio termo de referência, o atrator permite determinar em que grau a ocorrência relaciona-se com a noção, instaurando uma espécie de gradiente, que são diferentes graus de qualificação. Por exemplo, ao dizer “Esse computador é bom”, transitamos no domínio entre “computador bom” e “computador ruim”, e, ainda, podemos estabelecer gradientes como “computador quase bom” que, em relação ao centro atrator, “não é bom”, mas, ao relacionar-se com a fronteira “não é ruim”, “quase bom” não significa “ser ruim”.

É preciso observar que o tipo bem como o atrator são elementos constituintes do centro organizador do domínio nocional. Deve-se a essa dupla centragem a possibilidade de passagem de uma representação a outra, ou seja, a articulação entre o estático e o dinâmico. Consequentemente,

a representação pode ser vista, analisada, estudada como um evento que se inicia, cresce, toma contornos, solidifica-se, fragiliza-se, diminui e desaparece. Mas ela pode também crescer e se manter ou não conseguir crescer. (REZENDE, 2000, p. 130).

Nessa direção, passemos à apresentação de alguns constructos teóricos basilares para a nossa pesquisa.

⁴³ No original: l'attracteur introduit le continu, l'orientation vers le centre ou vers l'extérieur, bref des propriétés topologiques, qui rendent le système plastique et dynamique, tout en permettant la stabilisation intersubjectiv.e (CULIOLI, 1999b, p.127).

3.0 Caminhando: os fundamentos teóricos

É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 2005, p. 285, grifo nosso).

Émile Benveniste (2005) diz-nos tão poeticamente que a linguagem ensina a própria definição de homem, que não atingimos o homem separado da linguagem, e que esse homem não é reduzido a si mesmo, pois, a consciência de si só é possível se experimentada por contraste. É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, e que também encontra o diferente de si, o outro. Enfim, “a linguagem constitui a experiência humana [...] o humano é considerado senão enquanto é significado pela linguagem, enquanto produção linguagística, e não como alguém que teria uma atividade linguagística”. (VOGÜE, 2011, p.71).

Vemos que, por meio dos estudos benvenistianos, a linguagem é reabilitada como “origem não somente de si mesma [...] posição estruturalista[...], mas também, como origem da condição humana⁴⁴”. Daí a definição de enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. (BENVENISTE, 2006, p.82). Em outras palavras, o locutor ao se apropriar das formas da língua, fazendo-as funcionar produz a enunciação. A língua se sintagmatiza e se transforma em frases. Nesse caso, o significado é o processo de fazer a língua funcionar, logo, a significação distancia-se da concepção pragmática de intenção (mental). O enunciado é compreendido como produto da enunciação do sujeito. Consequentemente, o objeto de estudo, então, é a “maneira pela qual o sujeito se enuncia”. (PRIA, 2013, p.41).

Distintamente, na epistemologia culioliana a enunciação compreende o “processo de constituição de um objeto – o enunciado – isto é, a maneira pela qual um enunciado se enuncia”⁴⁵. O enunciado, nesse caso, passa a ser entendido como o “agenciamento de vestígios das operações realizadas na sua construção”⁴⁶. Destarte, o objeto de estudo compreende o enunciado em sua materialidade formal, enquanto, agenciamento de marcas.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem.

Atentando-nos à perspectiva culioliana, observamos que a enunciação compreende o processo, pelo qual o enunciado se constitui como sequência interpretável.

Para Culioli (2002, p. 27),

[...] um agenciamento de marcas que são, elas mesmas, traços de operações, quer dizer, é a materialização de fenômenos mentais aos quais nós não temos acesso, e dos quais nós, linguistas, só podemos dar uma representação metalinguística, isto é, abstrata⁴⁷.

A citação, acima, permite-nos vislumbrar uma das premissas de seu projeto teórico, a enunciação enquanto registro da linguagem⁴⁸, a enunciação enquanto o modo de constituição dos enunciados, a apreensão por parte do sujeito das operações da atividade de linguagem.

Nessa direção, “enunciar é construir um *espaço, orientar, determinar*, estabelecer uma rede de valores referenciais, em resumo, um sistema de determinação⁴⁹”. (CULIOLI, 1999b, p. 44, grifos do autor). Assim, a construção de um enunciado demanda alguns aspectos primordiais, tais como a presença de um sujeito⁵⁰ que situe a relação predicativa em um determinado espaço enunciativo. Faz-se necessário, ainda, que esse sujeito tome posição e transforme essa relação predicativa em uma relação enunciativa atribuindo-lhe um dado valor modal.

Delimita-se, nesse ponto, uma das mais importantes contribuições da TOPE à linguística, que é a diferenciação entre frase e enunciado. Enquanto, a frase “está relacionada com as regras que definem a relação predicativa pelo conceito de léxis” (ZAVAGLIA, 2016, p.59), o enunciado diz respeito “à localização de uma relação predicativa numa situação de enunciação por um sistema de referência⁵¹”.

Ao observar a sequência “O cachorro late⁵²”, Culioli nota que temos uma frase bem formada, porém, não corresponde a um exemplar de enunciado bem formado, pois, para ser enunciado, a sequência teria que ser inserida em uma situação contextual específica (diálogo), por exemplo, uma situação em que o sujeito enunciator diferencie

⁴⁷ No original: “c’est un agencement de marqueurs, qui sont eux-mêmes la trace d’opérations, c’est-à-dire, que c’est la matérialisation de phénomènes mentaux auxquels nous n’avons pas accès, et dont nous ne pouvons, nous linguistes, que donner une représentation métalinguistique, c’est-à-dire, abstraite” (CULIOLI, 2002, p.27).

⁴⁸ Conforme Vogüé (2011, p.60).

⁴⁹ No original: “Enoncere, c’est construire un *espace, orienter, déterminer*, établir un réseau de valeurs référentielles, bref, um système de repérage” (CULIOLI, 1999b, p. 44).

⁵⁰ Compreendido como um parâmetro operatório na teoria.

⁵¹ Idem.

⁵² No original “Le chien aboie.”

o som produzido pelo cachorro de outros animais, “O cachorro late, o gato mia, a cabra muge⁵³”. Ou ainda, uma situação em que alguém pergunte “O que está acontecendo no quintal? Obtendo como resposta, “Um cachorro está latindo”⁵⁴, “Tem um cachorro latindo”⁵⁵, “Estou ouvindo o latido de um cachorro”⁵⁶.

Vejam os que a construção enunciativa decorre da presença de um localizador que marque a relação do enunciado com a situação enunciativa, logo, o enunciado, nessa perspectiva, não corresponde a um resultado obtido simplesmente a partir de um ato individual de linguagem. Vale notar que o enunciado para a TOPE define-se sob dois aspectos: o teórico e o material.

O primeiro se pode definir como um arranjo de marcadores e, o segundo, como unidade empírica de observação constituída de materialidade. É esse duplo estatuto que viabiliza a articulação do domínio das observações com o domínio teórico, ou seja, do Nível 2 – das representações lingüísticas – com o Nível 3 – das representações metalingüísticas, possibilitando simular, assim, as representações do Nível 1. (PRIA, 2009, p. 39).

Podemos vislumbrar, a partir das colocações acima, que o enunciado induz a estrutura enunciativa a uma rede de orientações, um complexo sistema de coordenadas, um conjunto de possibilidades. Assim, todo enunciado traz consigo a sua “forma de dizer⁵⁷”, mas esse fato não implica afirmar que a significação do enunciado existe a priori, antes “o enunciado define uma forma de cenário no qual se inscreve. Esse cenário faz parte do seu efeito significante. É um conjunto de condições postas para sua interpretação”. (VOGÜE, 2011, p.67).

Sobre essa questão, resta-nos pontuar que a significação, para a TOPE, é contemplada não como um objeto dado, mas como um objeto construído pelos mecanismos da atividade de linguagem.

3.1 As relações linguísticas

⁵³ No original “Le chien aboie, le chat miaule, la chèvre beugle”.

⁵⁴ No original: “Um chien aboie”.

⁵⁵ No original “Um chien aboie”, “Il y a um chien qui aboie”.

⁵⁶ No original: “J’entends l’aboieement d’un chien.

⁵⁷ Conforme Vogüe (2011, p.66).

Neste item, trataremos do caminho que o sujeito percorre quando transforma suas representações mentais em representações textuais. Nas palavras de Rezende (2012, p. 564), “a expressão linguística (oral e escrita) do sujeito é uma espécie de impressão digital. Todas as suas conquistas de crescimento estão nela marcadas.”

Esse percurso, conforme Culioli, inicia-se em um nível primitivo associado às representações mentais construídas pelo sujeito. Por tratar-se do plano da atividade cognitiva, a relação primitiva organiza-se em termos que podem ser denominados como *a* (origem), *R* (relator) e *b* (objetivo).

Os termos tidos como *a* e *b* remetem às noções e também ao universo extralinguístico e à linguagem. Ou seja, a organização possibilitada, pela relação primitiva, a partir da combinação das propriedades nocionais, e compete não apenas ao domínio linguístico, mas também ao domínio daquilo que é cultural e da própria situação enunciativa.

Ao observarmos, por exemplo, os termos “gato”, “leite” e “beber”, inferimos que se pode construir uma relação primitiva ordenada, mas não linear, cujo termo inicial detenha propriedades de bebedor (gato) e outro termo propriedades de ser bebível (leite). Assim, percebemos que essa relação pode ser orientada do bebedor em direção ao bebível, pois, culturalmente, a noção “gato” tem maiores possibilidades de aparecer como origem da relação primitiva, teríamos nesse caso: $a R b = \text{gato beber leite}$.

E, a partir dessa relação primitiva, procede-se a uma etapa relacional, denominada como relação predicativa, construída a partir da ordenação linear dos termos da relação primitiva em uma léxis, descrita como

[...] um esquema, com uma instanciação de seus lugares, de tal maneira que isso nos dê, não um enunciado diretamente, mas um pacote de relações que nos fornecerá, em seguida, diferentes enunciados pertencendo a uma mesma família parafrástica⁵⁸. (CULIOLI, 1976, p. 60-61).

Enquanto esquema abstrato, a léxis tem como organização o preenchimento de três espaços vazios, sendo respectivamente, um termo de partida ε_0 , um termo de chegada ε_1 , e um operador de predicção, relacional π .

⁵⁸ No original: [...] un schéma, avec une instanciation des places du schema de telle manière que cela nous donne, no pas un énoncé directement mais un paquet de relations tel que cela donne ensuite différents énoncés appartenant à une même famille paraphrastique. (CULIOLI, 1976, p. 60-61).

Como observamos, na descrição de Culioli, a léxis garante a plasticidade do enunciado e, na mesma direção, determina também sua identidade de funcionamento, pois o esquema de léxis não é preenchido por noções aleatórias. É necessário que essas noções tenham propriedades primitivas compatíveis que criarão relações primitivas entre elas. Destaca-se que não é possível enumerar as categorias de termos que poderão vir a preencher os espaços no esquema de léxis, pois, do ponto de vista cognitivo, esse esquema é a base da estruturação de um conteúdo de pensamento ou conteúdo proposicional. (DANON-BOILEAU, 1987 apud PRIA, 2009, p. 40). Logo, o esquema de léxis não se confunde com a estrutura sintática (sujeito-verbo-completo). A léxis não “opera com objetos construídos, [...] teoriza a construção desses objetos a partir de um conjunto de relações entre seus constituintes (as noções) e a relação predicativa”. (PRIA, 2009, p. 40).

Vemos, por exemplo, que ao tomarmos os termos *gato*, *leite*, *do*, podemos construir uma léxis em que o espaço do relator seja preenchido por uma preposição como em *o leite do gato*, que oferece um resultado ou a projeção de um provável resultado.

Reiteramos que “uma léxis não é um enunciado: ela não é nem assertada, nem não assertada, pois não está (ainda) situada (localizada) em um espaço enunciativo munido de um referencial (sistema de coordenadas enunciativas⁵⁹). Assim, após a localização da léxis em relação a um sistema de coordenadas enunciativas, teremos a materialização do enunciado que comporta operações de localização espaço-temporal e também marcas de aspecto, modalidade, determinação e diátese que dão forma àquilo que o sujeito enunciador pretende dizer ao seu co-enunciador.

Nesse ponto, Culioli (1999a, 1999b) elabora a seguinte notação formal:

$$\langle \lambda \underline{C} \langle \text{Sit}_2 (S_2, T_2) \underline{C} \text{Sit}_1 (S_1, T_1) \underline{C} \text{Sit}_0 (S_0, T_0) \rangle \rangle$$

Observamos que o enunciado é o produto da localização de uma léxis (λ) que está/é localizada em relação a (\underline{C}), um parâmetro abstrato de coordenadas enunciativas (Sit_0). Temos, ainda, um localizador-origem da situação enunciativa (Sit_1) e um localizador do evento que se refere o enunciado (Sit_2). Respectivamente, o sujeito

⁵⁹ No original: “une lexis n’est pas un énoncé: elle n’est ni assertée, ni non-assertée, car elle n’est pas (encore) située (reperée) dans un espace énonciatif muni d’un référentiel (système de coordonnées énonciatives). (CULIOLI, 1999a, p. 101).

enunciador e o locutor são representados por (S), e os localizadores espaço-temporais da origem enunciativa, do ato de locução e do evento a que se refere por (T).

Em síntese, teríamos:

- Léxis (relação primitiva): <Gato – Leite – Beber> ($\langle \varepsilon_0, \varepsilon_1, \pi \rangle$)

Em que a léxis pode se organizar de diferentes maneiras:

<Gato – beber – Leite> ($\langle \varepsilon_0, \pi, \varepsilon_1 \rangle$) <Leite – beber – Gato> ($\langle \varepsilon_1, \pi, \varepsilon_0 \rangle$)

Determinada a localização das noções, estas são aplicadas às marcas modais de tempo e de aspecto, elevando a relação predicativa ao estatuto de enunciados como em:

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------------|
| a) O gato bebe leite. | d) O leite é bebido pelo gato. |
| b) O gato bebeu todo o leite. | e) O leite foi todo bebido pelo gato. |
| c) O gato não gosta de leite. | f) O leite não foi bebido pelo gato. |

Observemos, nesse ponto, que o enunciado é o vestígio de um projeto de representação baseado na experiência do sujeito, e que os valores se ressignificam a partir de um processo operatório de combinação e des-combinação de unidades, a partir de três níveis relacionais. Logo, os estudos de vertente culioliana buscam acessar esse processo de combinação e des-combinação de valores e significados que determinam o produto final: *o enunciado*.

Ao postular três níveis relacionais, a linguística culioliana indica que cada enunciação realizada, ora pode caminhar ao encontro dos valores estabilizados no sistema linguístico, ora pode confrontar tais valores, depreendendo valores diferentes para uma determinada noção, ou seja, ao buscar simular a relação entre as operações mentais e as marcas linguísticas por meio das representações metalinguísticas, o linguista pode dar visibilidade ao trabalho do sujeito que, por meio da atividade de linguagem, constrói valores e significados.

3.2 As marcas do sujeito: *o projeto do enunciado em construção*

Nas palavras de Sarah de Vogüé (1993 apud ROMERO-LOPES, 2000, p. 38), “o mundo não se deixa dizer tão facilmente. O dizer é um trabalho, que não é sem custo,

nem sem perda, que não é senão que ajustamento, e que não acontece sem deformação e sem reconstrução.”

Vemos que a relação de co-enunciação não é neutra e nem objetiva, por ser um processo mediado por sujeitos, ela supõe um jogo em que os lapsos, desvios, mal-entendidos, ambiguidades vêm à tona constantemente, visto que a significação de um enunciado é o produto de uma acomodação intersubjetiva, de um ajustamento contínuo.

Nesse caso, a co-enunciação é marcada por modalizações constitutivas das operações de construção do enunciado. Conforme salienta Fuchs (1984, p. 80-81), “é impossível falar sobre produzir ou reconhecer um enunciado sem modular, e a ausência de modulação seria ainda uma modulação”. Pode-se inferir que é por meio das modulações que “o sujeito encontra-se, pois, fundamentalmente introduzido na teoria, uma vez que não há enunciados não modulados, e que as modulações são precisamente o vetor das variações intersubjetivas”⁶⁰.

Nessa perspectiva, a linguística culioliana distingue quatro grupos de modalidades, apesar de apresentarmos cada uma isoladamente Culioli (1985) adverte que a operação de modalização pode congrega mais de um tipo ao mesmo tempo. Vejamos:

- Modalidade 1: as de asserção (afirmação ou negação), de interrogação e de ênfase. Elas são primordiais por marcarem uma tematização em relação ao nível predicativo. As de asserção marcam que o conteúdo da relação predicativa pode ser validado como verdadeiro ou falso, positivo ou negativo, sim ou não. Quanto à modalidade interrogativa, ela marca o não compromisso do enunciador em relação ao texto enunciado, nem como algo verdadeiro, nem como falso.
- Modalidade 2: domínio do possível, do eventual, do provável, do hipotético. Essas modalidades constituem-se como uma possibilidade de realização das modalidades do tipo 1.
- Modalidade 3: dimensão apreciativa ou afetiva centrada no sujeito enunciador que imprime um sentimento pessoal ao fato.
- Modalidade 4: injunção, centra a enunciação nos interlocutores sendo estabelecida por meio da permissão, do querer e do deôntico (é preciso, deve-se).

⁶⁰ Ibid., p. 81.

A combinação das modalidades no jogo enunciativo permite-nos, conforme Rezende (2000), a construção de uma certa representação das coisas, remetendo-nos diretamente à relação linguagem e cognição⁶¹ que, por sua vez, implica no problema da noção e introduz o problema da relação intersubjetiva que remete a todos os problemas de aspecto e de modulações enunciativas.

3.3 As modulações no tempo e no espaço: *o aspecto*

O conceito de aspecto para a linguística culioliana resulta da articulação de diversos domínios, é por meio dessa categoria que “o linguista pode estabelecer uma correspondência entre uma noção gramatical (a ser definida) e um jogo de marcadores (específicos a uma língua dada)”⁶². (CULIOLI, 1999a, p. 145). Enquanto categoria, o aspecto recobre problemas em diversas dimensões tais como a diátese, quantificação e qualificação, modalidade, topologia do tempo e a referenciação em relação a um ponto de referência⁶³. (Idem, p. 147-158).

Nessa direção, Culioli (1978 apud VIGNAUX, 1995, p. 580) diz que

[...] o jogo dos valores aspectuais vai, de um lado, se situar no plano do que é construído, quer dizer, daquilo que é predicado no enunciado, marcando, assim, fronteiras, e por outro lado, de algum modo, projetar esse espaço sobre um eixo, localizando-o na ordem temporal (tempo da enunciação, lugar do sujeito em relação ao que ele enuncia, coordenadas que fixam os instantes e amplitude do processo) com o fim de fixar o tipo de representação visada⁶⁴.

Podemos observar que as operações aspectuais são responsáveis por construir o percurso enunciativo desde seu surgimento até a um momento visado, esperado ou atingido, ou seja, são jogos de temporalidade que, quando introduzidos pela noção aspectual, permitem ao sujeito modular o processo desde aquilo que é tido como certo até ao que se apresenta como provável, ou simplesmente hipotético e, ainda, aquilo que

⁶¹ Em TOPE compreendemos cognição como trabalho, ação operatória.

⁶² No original: “le linguiste pose une correspondance entre une notion grammaticale (terme à définir) et un jeu de marqueurs (spécifiques à une langue donnée) (CULIOLI, 1999a, p. 145).

⁶³ Termos no original: le diathèse, quantification, qualification, modalité, topologie sur le temps, opération de repérage par rapport à un localisateur au sens abstrat du terme.

⁶⁴ No original: “Le jeu des valeurs aspectuelles va d’un côté, se situer au plan de ce qui est construit à savoir predique dans l’énoncé, marquant ainsi des frontières, et de l’autre, em quelque sorte projeter cet espace sur um axe le repérant dans l’ordre du temporel (temps de l’énonciation, place du sujet par à ce qu’il énonce, coordonnées fixant les temps et portée du processus) aux fins de fixer le type de représentation visée”. (CULIOLI 1978 apud VIGNAUX, 1995, p. 580).

é improvável. Ou seja, as operações aspectuais modulam no tempo e no espaço o jogo dialógico entre o enunciador e o co-enunciador para que assim seja possível construir, reconstruir, montar e desmontar os domínios da predicação.

3.4 As operações de quantificação (Qnt) e qualificação (Qlt)

*Você vai me emprestar um romance?*⁶⁵

Suponhamos que a pergunta da citação acima esteja inserida em uma situação dialógica em que B sabe que D tem livros de romance e que vai lhe emprestar para leitura e, portanto, formula a pergunta para confirmar. Teremos um enunciador que, na busca de formular uma resposta ao pedido do co-enunciador, possivelmente, irá enumerar e quantificar e também especificar, qualificar uma classe de ocorrências abstratas de noções construídas pelas experiências individuais com o mundo linguístico e fenomenológico.

Conforme já dito no item 2.2, um indivíduo, ao construir uma noção, constrói também, um domínio nocional que comporta ocorrências da noção, individuais e distintas. Por exemplo, se em determinado momento o indivíduo diz, *livro de romance*, e algum tempo depois, diz novamente, *livro de romance*, não significa que a primeira ocorrência seja igual à segunda, visto que a enunciação ocorreu em tempos e espaços diferentes, em situações de enunciação distintas. Nesse caso, “quando uma classe de ocorrências é de certa forma definida, podemos enumerar as ocorrências como se fossem pontos, tornando-as quantificáveis. Também podemos especificá-las, tornando-as qualificáveis. (ZAVAGLIA, 2002, p.53).

Nessa direção, Culioli (1999b) propõe o conceito de operação quantitativa e qualitativa com objetivo de compreender como a determinação se constrói. Ressalta-se que a determinação, nesse caso, não diz respeito a classificação das unidades, mas sim, ao conjunto de operações elementares que nem sempre estão visíveis na superfície das línguas.

A operação de quantificação diz respeito à “operação pela qual se constrói a representação de alguma coisa que se pode distinguir e situar em um espaço de

⁶⁵ No original: *Est-ce que tu as un roman à me preter?* (CULIOLI, 1999b, p.83).

referência⁶⁶”. (CULIOLI,1999b, p. 82). O termo “alguma coisa” refere-se à construção da representação de uma ocorrência no qual um sujeito pode apreender, discernir (como uma forma singular), distinguir (eliminar a indeterminação) e situar (no espaço-tempo).

Ou seja, a simples interrogação sobre um *livro de romance* transforma “alguma coisa” tida como um nada em uma ocorrência possível de “livro de romance”, o que, conforme Culioli, já é um modo de existência. Assim, a operação de quantificação pode ocorrer através de três operações distintas: a extração, a flechagem e a varredura.

Na extração, temos o isolamento, a delimitação dos limites espaço-temporais de uma noção, ou seja, a partir de um conjunto de ocorrências extrai-se um exemplar, uma porção, uma ocorrência específica. Por exemplo, se uma pessoa está em uma loja qualquer e vê um livro, pode dizer: *Aquele livro é um romance!* Neste momento, extraímos do domínio nocional <ser livro> uma das diversas ocorrências que o constituem, que foi atualizado pelos marcadores *aquele e romance*.

Já a operação de flechagem ocorre quando a segunda ocorrência tem a propriedade de ser idêntica à ocorrência anterior, ou seja, a flechagem é como o produto de uma extração precisa. Suponhamos que a mesma pessoa retorne após algum tempo ao lugar e encontre o mesmo livro e diga: *O livro de romance ainda não foi vendido!* Nesse caso, extrai-se uma segunda ocorrência do domínio nocional <ser livro> e identifica-a com a primeira ocorrência, caracterizando uma operação de flechagem.

Por sua vez, quando não se distinguem ocorrências de uma classe, temos a operação de varredura que percorre todos os valores possíveis no interior do domínio nocional, sem se ater a um valor distinto em relação a uma situação particular. Por exemplo: todo livro tem autor; qualquer livro tem páginas, os quantificadores *todo e qualquer* fazem com que se percorra a classe de livro sem que nenhuma ocorrência seja individualizada em relação a uma situação particular.

A operação de qualificação ocorre quando se efetua uma diferenciação ou identificação acerca de alguma coisa. Ou seja, a qualificação afeta alguma coisa existente (pré-construída), possibilitando alargar o domínio daquilo que temos de “registrado provisoriamente⁶⁷”. Citando, uma vez mais, um exemplo disponibilizado por Culioli (1999), observamos a formulação *Apareceu um tigre*⁶⁸. Temos a identificação entre duas ocorrências do domínio nocional de <ser tigre>, primeiramente

⁶⁶ No original: “l’operation par laquelle on construit la représentation d’un quelque chose que l’on peut distinguer et situer dans un espace de référence”. (CULIOLI, 1999b, p. 82).

⁶⁷ Conforme Aguilar (2007, p. 70).

⁶⁸ No original: *Um tigre apparut* (CULIOLI, 1999, p.186).

a identificação que especifica a ocorrência, mostrando que tigre refere-se ou localiza-se em relação a <tigre>. Dito isso, passemos no próximo item a uma reflexão em torno de dois mecanismos básicos teorizados sobre a linguagem: a glosa e a paráfrase.

3.5 Re-dizer o dito: glosa e paráfrase

A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita. (Mário Quintana)

A leitura do poema de Mário Quintana permite-nos refletir que, a cada forma de expressão, uma nova experiência é construída. Deve-se a essa variação radical a defesa do projeto culioliano de que a língua deve ser estudada em articulação com a linguagem. Pois, ao falarmos de linguagem como trabalho interno de montagem e desmontagem de valores e significados, entendemos que a expressão linguística é submetida constantemente à ação da reformulação, ao ato de “esfregar, em um diálogo incessante, as palavras umas contra as outras como panos entrelaçados, até desgastá-las, até ver surgir a sua trama, de confrontar as intuições até uma transparência quase imaterial”. (FRANCKEL, 2011, p.106-107).

Nessa direção, trataremos, de dois mecanismos básicos teorizados sobre a linguagem: a glosa e a paráfrase. Antes, porém, mesmo tendendo à repetição, faremos nossas as palavras de Jean-Jacques Franckel (2011, p.103), visto que a reformulação “trata-se de uma atividade metalinguística, específica da linguagem humana, que apreende o sentido apenas quando o faz circular por meio de formas diferentes, na fluidez de ajustes jamais definitivos”.

Posto isso, temos as glosas enquanto “textos que um sujeito produz quando, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente⁶⁹” (CULIOLI, 1999a, p.74). Observamos que esse mecanismo encontra-se irremediavelmente ligado à atividade epilinguística e exerce papel crucial na vida do homem, sustentando o discurso cotidiano e possibilitando a compreensão do sentido de uma frase ou a desambiguação de um enunciado. Ressaltamos que as glosas são a tentativa consciente de representação metalinguística de um saber inconsciente do

⁶⁹ No original: “textes qu’un sujet produit lorsque, de façon spontanée ou en réponse à une sollicitation, il commente un texte précédent” (Culioli, 1999a, p.74)

sujeito, ou seja, por compreender a atividade significativa do sujeito não como algo totalmente controlável e, por isso, deflagra o modo como a atividade de linguagem funciona, tornando visível o jogo entre o deformável e o invariável.

Distanciamos do pensamento clássico que entende a paráfrase como o falar ou escrever a mesma coisa de maneiras diferentes, visto que a concepção culioliana é de que “a cada forma de expressão, uma experiência psicossociológica diferenciada”. (REZENDE, 2010, p.22). Assim, o mecanismo de paráfrase remete ao domínio daquilo que é passível de regulação e que, por ter regras próprias, pode ser controlada pelo observador, nesse caso, o linguista.

Em outros termos, a paráfrase é a tentativa de o linguista simular as glosas produzidas pelos sujeitos enunciadorees na busca de observar as diferenças sutis e também as maiores oscilações que se marcam na superfície dos enunciados. Ou seja, o linguista, ao se fazer sujeito enunciador, constrói famílias parafrásticas, uma “classe de enunciados, que se pode definir como uma classe de ocorrências moduladas”⁷⁰ (CULIOLI, 1990, p. 137), pois, entendemos que o mesmo enunciado é passível de uma pluralidade de interpretações.

As questões acima levantadas acerca dos mecanismos de reformulação da linguagem sustentam a tese de que não tratamos de um “sujeito psicossociológico acoplado a um núcleo neutro e invariável, mas as variações experiencial e linguística são colocadas de modo radical: só há variação”. (REZENDE, 2010, p.22).

Nessa perspectiva, elencamos que a experiência do sujeito e até mesmo a sua formação contribuem para o encapsulamento dos termos da língua no nível proposicional do significado. Por exemplo, acostumamo-nos a dizer que *DE REPENTE* tem como significado uma ação repentina. Esquecemo-nos, nessa medida, do movimento que culminou na estabilização desse determinado valor para tal termo, um movimento de transição contínuo entre os polos daquilo que é particular ou específico (enunciados dados) ao generalizável (processos cognitivos de organização da experiência).

É a partir desse posicionamento que investigamos como o marcador *DE REPENTE*, ao ser inserido no jogo enunciativo, contribui para a construção de um ponto de equilíbrio que tem a instabilidade por fundamento, em outras palavras, nossas análises terão como orientação a busca pela invariante que constitui a identidade de

⁷⁰ No original: “classe d’énocés, que l’on peut définir comme une classe d’ocurrences modulées” (CULIOLI, 1990, p. 137).

funcionamento do marcador *DE REPENTE*. Ou seja, as operações que subjazem à estabilização dos valores dessa expressão observados nas sequências textuais em língua portuguesa.

4.0 De repente: *chegamos às análises*

Já não quero dicionários
consultados em vão.
Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar.
(Carlos Drummond)

A escrita literária trabalha num domínio que se apropria dos manuais (dicionários e gramáticas) e, com efeito, ela os supera e os dimensiona. O trabalho do escritor com a língua é semelhante ao dos cientistas físicos com a matéria. O escritor observa o universo e se maravilha com a decomposição, a destruição e a composição de micropartículas da língua através da sua intervenção. Ele a conduz ao limite, ao lado de fora, ao avesso e ao interior da linguagem. O escritor busca a apreensão da palavra na sua gênese. Nosso empreendimento se aproximada do escritor, compartilhamos do seu desejo, queremos *só a palavra*.

Nessa direção, passaremos às análises que têm como escopo o redimensionamento do marcador *DE REPENTE*, não enquanto um funcionamento mecânico e de efeitos imediatos e evidentes, mas enquanto funcionamento dinâmico cujo efeito nem sempre aparente pode ser simulado, ainda que de modo aproximado, através de protocolos experimentais teoricamente orientados que dão visibilidade à “invariância como modo de raciocínio que permite apreender a variação” (VOGÜE, et al., 2011, p.13), em outras palavras, *DE REPENTE* é um “caminho possível” que nos guiará na apropriação das operações constitutivas da atividade de linguagem que se articulam com as línguas naturais (no caso, a língua portuguesa) produzindo enunciados.

Reiteramos a posição de Paillard (2016), que diz:

[...] levar em consideração a linguagem (como atividade) é constitutivo da descrição das formas/dos enunciados, descrição em que entram em jogo “três planos”: a. o plano cognitivo e do afeto (operações enquanto tais inacessíveis); b. o plano linguístico (as formas); c. o plano metalinguístico (o das representações). Nessa teoria, as formas da língua têm um duplo estatuto, de um lado, como traços, de outro, como marcadores: **cognitivo-afeto traços formas marcador representações**. (Idem, p. 4-5, grifo do autor).

Nesse caso, quando dissemos que a marca *DE REPENTE* é um “caminho possível”, não postulamos a existência de uma única trajetória que iria da atividade linguageira⁷¹ às formas, antes, as formas remontam noções e operações linguageiras, ou seja, uma pluralidade de caminhos, em que cada caminho é, ao mesmo tempo, contingente e necessário⁷² (mas não qualquer um).

O *corpus* da pesquisa foi constituído de enunciados coletados do site *Corpus do Português*⁷³. Optamos por esse *corpus* porque seus mecanismos de busca favorecem a pesquisa das formas e facilitam o agrupamento de ocorrências próximas ou semelhantes. Num primeiro momento, selecionamos 30 enunciados dentre as inúmeras ocorrências encontradas com o marcador *DE REPENTE*. Contudo, dada a hipótese culioliana de que há um princípio regulador subjacente aos vários empregos do marcador, optamos por analisar 4 enunciados. Em todos eles, *DE REPENTE* aparece posposto à conjunção aditiva *e*, item que, conforme a gramática, liga orações ou palavras, expressando ideia de acréscimo.

Optamos por enunciados que trouxessem ocorrências dos verbos no modo indicativo. Ressaltamos que tal escolha não foi aleatória, deve-se à observação da organização dos 30 enunciados coletados. As formas verbais no modo indicativo (presente e pretérito) eram mais recorrentes do que as do modo subjuntivo e imperativo. Desse modo, optamos pelas formas mais recorrentes em vista do maior número de enunciados disponíveis à observação. Ademais, suspeitamos que a leitura dos enunciados, em que *DE REPENTE* se insere em contextos com formas verbais no subjuntivo e imperativo, demandaria tempo maior do que dispúnhamos para a conclusão da pesquisa.

Não tivemos a intenção de definir um gênero textual em particular na busca por ocorrências de *DE REPENTE* no *corpus*, pois os enunciados analisados pertencem a diferentes gêneros: literário (*A Madona de Cedro*, de António Calado, 1957), biográfico (*Vale a pena sonhar*, de Apolônio de Carvalho, 1997), entrevista (Entrevista de *Leonel Brisola* ao programa *Roda Vida*, 2001) e jornalístico (Notícia do jornal *BBC*, 2015). Não é objetivo deste trabalho tirar conclusões sobre a relação de *DE REPENTE* com

⁷¹ O termo linguageiro refere-se à atividade de linguagem distinguindo-se, nessa medida, do termo linguístico empregado para língua.

⁷² Para Culioli, as formas que dependem, para uma dada língua, desta ou daquela categoria, são não quaisquer umas; não há uma realização tipo de uma categoria: toda realização, em sua singularidade, é legítima. (PAILLARD, 2016, p. 5).

⁷³ Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

algum gênero, em particular, através da análise dos enunciados do *corpus*. Nossos objetivos são outros, conforme já os explicitamos no contínuo deste trabalho.

A metodologia da análise pautou-se na construção de um sistema de representação metalinguística que, através do trabalho de manipulação de enunciados, possibilita a construção de paráfrases do enunciado de partida, coletado do *corpus*. Por um lado, as paráfrases trazem alguma margem de variação sobre a relação forma-conteúdo e, por outro lado, dão visibilidade àquilo que permanece constante sob variações sucessivas, tais como variações das formas pronominais e verbais.

Partimos da hipótese de que os mecanismos geradores da significação não estão acessíveis sem esse trabalho de apropriação e de manuseio das formas que é o trabalho parafrástico, do modo como o entendemos, na esteira de Culioli, quer explicitar. Nesse trabalho, modulações mínimas trazem à observação especificidades do uso do marcador *DE REPENTE*. É essa especificidade que acreditamos ter reconstruído, através do acesso a operações que lhes são subjacentes, através do sistema de representações metalinguísticas configurado neste trabalho. Nessa direção, as análises para o marcador *DE REPENTE* tem como instrumento metodológico a própria metalinguagem. Conforme diz-nos Rezende (2000),

O domínio pelo linguista das técnicas de representação permite, por um lado, a aquisição de um refinamento na sua acuidade perceptiva, a obtenção de uma capacidade de excentração em relação à sua própria língua (uma vez que tal sistema de representação notaria propriedades pertinentes dessa atividade de regulação pertencente à linguagem e presente nas línguas naturais). Por outro lado, a metalinguagem ofereceria uma notação para os problemas encontrados e a possibilidade também de novas descobertas, enriquecendo-se cada vez mais. (Idem, p. 98).

Valendo-nos ainda das considerações de Rezende (2000), pontuamos que o linguista “deve procurar refinar suas glosas epilinguística, resultantes de sua intuição em língua, em um processo gradativo de aproximação entre intuição e formalização⁷⁴”. O linguista deve buscar contruir um sistema de representação que explicita “regras de parentesco formais entre estruturas⁷⁵”.

Antes de passarmos às análises, consideramos pertinente destacar que apesar de analisarmos um marcador específico, temos ciência de que os valores resultantes nos

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

enunciados são construídos através da interação entre os diversos marcadores, que no jogo dialógico, depreendem cada um, operações distintas.

Dito melhor, o objeto de análise de nosso trabalho são os enunciados e não apenas o marcador *DE REPENTE*. Pretendemos demonstrar, nessa direção, a hipótese geral de que todos os termos linguísticos “independentemente da classificação que se lhes atribui, participam de um processo que permite sua própria determinação, projetam mecanismos de invariância que somente são acionados quando eles [os itens linguísticos] são contextualizados.” (BIASOTTO, 2012, p.104).

Apresentamos, a seguir, o primeiro enunciado da pesquisa.

Enunciado1: O trem já estava se movimentando, depois de parar uns instantes, quando Adriano saltou na plataforma e **ORA, AQUELA do Adriano!** – dizia a si mesmo Delfino, por trás do balcão da sua loja. **O amigo tinha se despedido dias antes tão amável e bom sujeito, e de repente mandava-lhe um telegrama quase num tom de ordem.** Ou, se não era ordem, que diabo era aquilo? Recado mais esquisito⁷⁶.

Conforme a leitura dessa ocorrência enunciativa, propomos, inicialmente a paráfrase do enunciado em negrito: *O amigo de Delfino tinha se despedido de Delfino dias antes tão amável e bom sujeito e de repente mandava-lhe (a Delfino) um telegrama quase num tom de ordem.*

A partir do exercício parafrástico, teremos como objetivo observar as operações subjacentes ao enunciado. Dividiremos a construção enunciativa em dois momentos:

1. *O amigo de Delfino tinha se despedido de Delfino dias antes tão amável e bom sujeito.*
2. *e de repente mandava-lhe (a Delfino) um telegrama quase num tom de ordem.*

A construção enunciativa nos possibilita observar que o sujeito enunciativo diz sobre um fato ocorrido no passado, referindo que o acontecimento linguístico situa-se em um instante anterior ao momento da enunciação, ou seja, o tempo origem (T₀) não se identifica com o tempo do enunciado (T₁). Teríamos nesse caso:

⁷⁶Disponível em: <https://docslide.com.br/documents/antonio-calado-a-madona-de-cedro.html>. Acesso em: 15 jun. 2016.

T₀ < Delfino ter alguma coisa (amigo)> e T₁ <O amigo de Delfino tinha se despedido>

O sujeito enunciador, ao situar a enunciação num domínio de tempo posterior, identifica, distingue e valida o projeto de existência da representação /o amigo de Delfino/ valendo-se de marcas de aspecto e perfectivo orientadas pelas noções verbais <tinha> e <despedido> (pretérito imperfeito e perfeito), que contribuem para a identificação de que, no momento em que o enunciado é produzido, já houve realização efetiva daquilo que é tido pelo enunciador como o projeto de existência de /o amigo de Pedro/.

A título de ilustração, podemos dizer que:

1. Delfino tinha ou tem algo que se pode chamar de (amigo) em um tempo X → funcionando como o pré-construído;
2. (O amigo de Delfino) “ele tinha se despedido dias antes” em um tempo Y →funcionando como a retomada do pré-construído.

Em outras palavras, o sujeito enunciador insere duas posições distintas a partir de uma ocorrência de nominalização (amigo): primeiro, temos a existência de /um amigo para Delfino/, e temos, também, o modo como /um amigo para Delfino/ se constrói ou não como um /um amigo para Pedro/.

Para Rezende (2008, p. 136), a nominalização corresponde a

[...] uma relação predicativa não assertada, o seu valor fica na dependência do contexto encaixante que contém a asserção central. Desse modo, a nominalização, como fragmento que é, oscila em seus valores mistos, quer dizer, oscila em seus valores verbais e nominais simultâneos.

Desse modo, intuímos que o “fundo” para esse enunciado, seja esse pré-construto que passa a percepção de coisa já existente, /um amigo para Pedro/, ou seja, o enunciador, ao recorrer à nominalização, constrói uma representação, cujo objetivo, nesse caso, é estabilizar uma ocorrência de predicado que é retomado como /o amigo que Delfino tem/. Assim, o enunciado realça a existência de /um amigo para Delfino /, antes mesmo da noção <amigo> vir a ter existência, referendando dizeres como: *O*

sujeito Delfino tinha ou tem um amigo. Em outros termos, *há um amigo* que é *localizado em relação a Delfino.*

Isso posto, compreendemos que a nominalização /o amigo/, no enunciado, não se confunde com o estado resultante /o amigo que Delfino tem/, mas corresponde a um projeto de existência de representação de *alguma coisa tida como um amigo para Delfino.* A nominalização retoma um possível estado resultante, por isso, passa a intuição da existência de /o amigo que Delfino tem/.

Observamos que a assimetria de predicação em termos de uma física causal não existe nesse contexto, pois a relação de predicação é uma via de mão dupla. Apoiando-nos na definição proposta por Rezende (2003, p. 21), a causalidade compreende um circuito de forças que perpassa o esquema de léxis, gerando transformações e oferecendo resultados, ou seja, o evento de atribuição de /amigo para Delfino/ não determina o resultado final /o amigo que Delfino tem/, visto que, ao partirmos de uma abordagem dinâmica de construção da representação, seria ingênuo afirmar que a causa determina o efeito, e que logo teríamos um único valor polarizado entre ser ou não ser. Antes, a relação de predicação apresenta-se como um esforço empreendido pelo sujeito na construção da significação.

Podemos vislumbrar esse projeto de representação /o amigo de Delfino/ ao desmontarmos o enunciado com a seguinte formulação: *Nossa, mas eu nem sabia que Delfino tem ou tinha um amigo!*

Esse enunciado inviabiliza a representação /o amigo de Delfino/, pois, a atribuição de uma ocorrência de alguma coisa chamada provisoriamente de /amigo/ (que projeta a existência de amigo de Delfino) para Delfino não é ratificado pelo enunciado como /o amigo que Delfino tem/. O sujeito vinha atribuindo a propriedade /ser amigo/ no tempo e no espaço, construindo /o amigo de Delfino/. Porém, em um determinado ponto do processo de predicação, o sujeito encontrou uma força maior que pôde bloquear o projeto desencadeado na origem.

A ratificação do projeto de existência de um amigo para Delfino se confirma no enunciado por meio das marcas de modalidade apreciativa como *tão amável e bom sujeito.* Em resumo, o sujeito projeta a atribuição de um amigo para Delfino. Esse projeto é retomado e ratificado em uma asserção atual. Logo, temos /um amigo para Delfino/, cuja confirmação se traduz por marcas de modalidade favoráveis para que se estabilize /o amigo que Delfino tem/.

Observamos que o enunciado é fruto de um modo de apreensão particular do mundo físico e mental por parte do sujeito. No plano do pré-construído, quer dizer, no plano da léxis, temos um leque de possibilidades apresentadas ao sujeito, enquanto classe de ocorrências abstratas, que se constituíram a partir de uma dada experiência, na qual o sujeito avalia, compara, inviabiliza ou assera, construindo o dizer.

Passemos para a segunda parte do enunciado *e de repente mandava-lhe (a Delfino) um telegrama quase num tom de ordem*. O primeiro ponto que chama a atenção nessa construção refere-se à presença de marcas de modalidades apreciativas desfavoráveis ao projeto de representação que se intui subjacente ao enunciado. Marcas contrárias à existência de /um amigo para Pedro/ tais como *mandava-lhe num tom de ordem*.

Intuímos que *DE REPENTE*, nesse caso, localiza um amigo para Delfino em relação a uma eventual situação enunciativa. Isso se pode notar na operação <x e y> em que < x possui y>, < Delfino possui algo (amigo)>. Porém, *DE REPENTE*, além de sua função de localizador que situa o projeto de atribuição de /um amigo para Delfino/, também se coloca, enquanto uma marca de alteridade que reorienta a predicação, desmontando, nessa medida, o “fundo” do enunciado /um amigo que Delfino tem/, abrindo a representação a outras possibilidades de estabilização.

Assim, podemos parafrasear novamente o enunciado de partida dizendo que *Delfino vinha tendo um amigo* e não que *Delfino tinha ou tem um amigo*. Em outras palavras, o sujeito enunciador vem atribuindo um amigo para Delfino no tempo e no espaço, ou seja, não temos Delfino buscando ter um amigo no tempo e no espaço, antes, temos o sujeito enunciador que observa um amigo como uma propriedade possível de ser atribuída a Delfino.

Dito melhor, um dado sujeito observa várias vezes, no tempo e no espaço, a atribuição da predicação de *amigo para Delfino*. Essa atribuição, em situações distintas (T₁, T₂, T₃, T_n..), encontrou eventuais obstáculos, que foram superados em todas as situações e em todas as ocorrências, ou seja, temos validado e construído *o amigo que Delfino tem*, oferecendo como resultado *o amigo de Delfino*.

Retomando o enunciado *e de repente mandava-lhe (a Delfino) um telegrama quase num tom de ordem*, por um viés conteudista, poderíamos dizer que a marca *DE REPENTE* significa nesse caso que *um amigo de Delfino mudou de atitude* devido à presença das marcas de modalidade apreciativas (amável, bom sujeito) favoráveis anterior à expressão *DE REPENTE*, e desfavoráveis (tom de ordem) posteriormente.

Diríamos que *O amigo que Delfino vinha tendo era amável, logo, era amigo*.
Questionamos: de que modo alguém se faz amigo?

A presença desse marcador no enunciado permite-nos tecer ainda outras indagações: Se um possível amigo de Delfino era amável e mandou um telegrama em tom de ordem, esse possível amigo de Delfino não se faz mais amigo? Deixou de ser o que era (amigo)? E era, então, amigo?

Se o enunciador formular uma ocorrência dizendo que *Delfino não tem mais um amigo*, estará parafraseando que *Delfino tinha um amigo*, antes mesmo de *Delfino ter um amigo*, pois é culturalmente justificada uma certa confusão entre alguém que vem sendo o amigo de alguém com o amigo de alguém, e, ainda, o amigo que alguém tem.

Assim, nesse enunciado temos um projeto de representação de *um amigo para Delfino* que fica equilibrado na ocorrência enunciativa. O sujeito, dadas as suas experiências, ratifica antes do marcador *DE REPENTE*, e não após, o processo de predicação. Nesse movimento, temos a organização nocional da representação *um amigo para Delfino*.

Nesse ponto, compreendemos que o marcador *DE REPENTE* traz à tona a relação sujeito/outro na construção do enunciado, enquanto uma alteridade que bloqueia eventos em curso, bloqueia memória de representação, bloqueia finalizações e abre o caminho para outros possíveis. Em outras palavras, o enunciado é o produto desse ajustamento que tem a instabilidade como princípio, antecedendo ao primeiro ponto de desenvolvimento de um processo de construção de valores.

Observamos que, no enunciado em questão, não temos apenas valores que se polarizam em *ter um amigo*, ou *não ter um amigo*, mas um “contínuo entre a ‘existência de uma representação estabilizada’ (nome) e a ‘instabilidade na construção da existência de uma representação’ (predicado). Temos um jogo de força entre ‘a existência da representação’ e ‘existência não ainda da representação’”. (REZENDE, 2008, p. 55).

No enunciado supracitado, temos um equilíbrio no jogo de interlocução, que transita em uma zona de instabilidade na construção da existência da representação /um amigo para Delfino/ e se estabiliza de um certo modo como /o amigo que Delfino tem/. *DE REPENTE*, enquanto marca de alteridade, questiona o projeto de representação, abre novos caminhos, mas não fecha nenhuma possibilidade, instaurando um jogo que transita entre a possível representação, a representação construída. Logo, o sentido do

enunciado resulta do movimento no espaço que articula o instável e o estável regulados por *DE REPENTE*.

Passemos ao segundo enunciado.

Enunciado 2: Provoquei-o e, quando ele pôs a mão no coldre, desferi o golpe na cabeça. Ele caiu. Peguei a arma dele, um pouco da munição e, de repente, vi o sangue tomando a cabeça dele.
Estado – Foi aí que o sr. se deu conta de que o havia matado?
Apolônio – Só nesse momento.⁷⁷

Metodologicamente, faremos a paráfrase do enunciado negritado e, nele, nomearemos o indivíduo/objeto que recebeu o golpe de Apolônio como “inimigo”: *Apolônio golpeou o inimigo na cabeça. O inimigo caiu. Apolônio pegou a arma e a munição do inimigo e, de repente, viu o sangue tomando a cabeça do inimigo. Apolônio matou o inimigo.*

Tomaremos inicialmente a primeira parte da paráfrase, *Apolônio golpeou o inimigo na cabeça. O inimigo caiu.*, e vamos considerar que as recorrências das marcas aspectuais do pretérito perfeito geram um cenário enunciativo, no qual o acontecimento linguístico distancia-se do momento zero da enunciação (Sito T₀), contribuindo para a identificação de um fato já concretizado no momento da enunciação, nesse caso, o projeto de existência de representação /um golpe de Apolônio para alguém (diferente de si)/ estaria atingindo a finalidade prevista (existência) como /o golpe de Apolônio/.

Teríamos nesse caso:

T₀ < um golpe de Apolônio para alguém (outro diferente de Apolônio) > e T₁ <Apolônio golpeou o inimigo na cabeça. O inimigo caiu. >.

Em outros termos, as marcas aspectuais contribuem para a projeção de alguma coisa que não existe ainda e que, possivelmente, será construída pelo fato de recobrirem operações de tempo e espaço como responsáveis “[...] por situar o enunciator em relação ao seu próprio discurso, em relação ao discurso do outro e em relação à percepção do tempo que se ancora no espaço”. (ONOFRE, 2013, p.73).

⁷⁷ Trecho extraído da obra *Vale a pena sonhar* de Apolônio de Carvalho (1997). O livro traz o testemunho de um participante da resistência à ditadura militar brasileira, e sintetiza o panorama político dos últimos anos da década de 1960.

Retomando o enunciado *Apolônio golpeou o inimigo na cabeça. O inimigo caiu*, observamos que o sujeito busca estabilizar o projeto de existência de representação /*um golpe de Apolônio para alguém*/ valendo-se de alguns aparatos tais como: localizador espaço-temporal (*na cabeça*); marcas de valor processual (*caiu, pegar arma e munição*); nominalização (*o golpe*). Todas essas marcas presentes na superfície do enunciado resultam da tentativa de estabilização da representação como /*o golpe de Apolônio*/ operando como uma retomada do pré-construído /*um golpe de Apolônio para alguém*/.

Esse “fundo” do enunciado de natureza predicativa recobre um jogo de forças entre representações que podem vir ou não a ter existência. Constatamos esse fato com formulações desfavoráveis ao projeto de predicação inicial: *o golpe de Apolônio na cabeça do inimigo não garante que Apolônio golpeou alguém*, ou *que alguém se deixou golpear por Apolônio*, pois podemos dizer que *o golpe de Apolônio na cabeça do inimigo não existiu* porque *Apolônio não tem inimigo*. Podemos dizer, ainda, *que o golpe de Apolônio não foi golpe, foi um tapa*.

Observamos que o sujeito enunciador constrói a situação enunciativa no sentido de rendição de alguém/alguma coisa, à medida que o outro caminha na direção de rendição mais a noção <golpe> vira nome, determinando-se. Em uma direção contrária, conforme observado nas formulações acima, <golpe> não se estabiliza em direção ao nome, o projeto de existência de representação, que tem como orientação inicial a existência de nome, encontra obstáculos e se estabiliza, enquanto valor predicativo, enquanto processo de construção de valores.

Na segunda parte do enunciado parafraseado *Apolônio pegou a arma e a munição do inimigo e, de repente, viu o sangue tomando a cabeça do inimigo. Apolônio matou o inimigo*, observamos que o projeto de existência de representação /*um golpe de Apolônio para alguém*/, que subsidia a construção, é redimensionada na asserção atual e abre-se espaço para um outro projeto de predicação /*Apolônio matador* (de alguém – um outro diferente de Apolônio)/ assertado por marcas aspectuais, tais como a noção verbal <ver> conjugada no pretérito perfeito (*vi, peguei e viu, pegou*), bem como a presença de marcas de determinação, no caso, *o* em “o sangue”.

Construímos então as seguintes paráfrases a fim de observar esse movimento de construção de representações:

(1) *Apolônio golpeou o inimigo, eis o sangue do inimigo, o inimigo está morto.*

(2) *Apolônio golpeou o inimigo, eis o sangue do inimigo, eis o inimigo matado por Apolônio.*

Ao ocultarmos o marcador *DE REPENTE* das paráfrases, é possível observar que teríamos uma relação imediata de causa-consequência, significando que, no momento em que o sujeito vê o sangue, tem-se a percepção de que o golpe matou o inimigo. Porém, quando inserimos o marcador *DE REPENTE* relacionando o contexto de direita e de esquerda, observamos que essa interpretação de imediatez de causa-consequência fica mitigada, visto que, ao remetermos ao mundo fenomenológico, ver sangue não implica necessariamente um estado de morte, e nem um estado de morte implica a presença de sangue.

Retomando a segunda parte do enunciado em negrito, intuímos que *DE REPENTE* opera como marca de reversibilidade, situando a situação enunciativa observada em 1, em uma outra situação enunciativa 2, reorientando o projeto de existência de representação.

Na situação enunciativa 1, anterior ao marcador *DE REPENTE*, temos um projeto de representação que tende a se estabilizar com um valor processual como *golpear alguém*, ou seja, temos uma existência presumida se estabilizando como /o golpe de Apolônio para alguém (outro)/, as marcas aspectuais orientam a representação para *nome de processo*. Na situação enunciativa 2, posterior ao marcador *DE REPENTE*, observamos que as marcas aspectuais orientam a representação para um valor nominal como *nome de alguém/algo*, nesse caso, a noção <golpear> tende a se estabilizar como *nome de indivíduo*. Ou seja, /alguém ou alguma coisa (outro) ser golpeado por Apolônio/.

Pontuamos que o enunciado em estudo tem uma leve tendência a se tornar uma ambiguidade, visto que a situação enunciativa é construída por valores que oscilam entre processo e nome, e o sujeito enunciador empreende uma tentativa de elaboração de coordenadas que visem estabilizar a representação como *nome de indivíduo*.

Conforme pontua Rezende (2007, p. 236), “a ambiguidade ocorre apenas com fragmentos que ficam oscilando entre os valores nominais e predicativos simultâneos”, logo, o contexto encaixante é o recurso disponibilizado para desambiguar tais construções nominalizadas.

É possível vislumbrarmos esse contínuo que transita entre valor processual e valor nominal, por meio de uma formulação contrária a */um golpe de Apolônio para alguém (outro)/* em */um golpe do inimigo por Apolônio/*, nesse caso, um golpe que, ao funcionar como diátese, inviabiliza o pré-construído, maleável e passível de deformação, pois, o efeito está sendo colocado como antecipação, nesse caso, já foi tomado o golpe por alguém.

Retomemos o projeto de representação: */um golpe de Apolônio para alguém (outro)/* e façamos algumas manipulações a partir do seguinte questionamento: *O golpe foi golpe? Se golpe foi o golpe o inimigo morreu, se golpe não foi golpe o inimigo não morreu.*

(1) *Apolônio golpeou a cabeça do inimigo que morreu.*

Nessa construção, temos a existência de uma ocorrência de *golpe* estabilizada do ponto de vista intersubjetivo, a noção <golpe>, nesse caso, situa-se no centro do domínio nocional, enquanto atrator que tem como característica a singularidade, conservando em inteireza as características da noção <golpe> como algo que conduz o outro a um estado de morte. Temos assim um circuito causal que se fecha, os possíveis obstáculos foram superados e o projeto de existência de representação */um golpe de Apolônio para alguém/* ganha existência com um valor nominal assertado por marcas aspectuais (*golpear, morrer*).

(2) *Apolônio golpeou a cabeça do inimigo que não morreu.*

Nesse enunciado, temos a modalidade de asserção *não* operando como uma alteridade que cria obstáculo ao projeto de existência da representação */um golpe de Apolônio para alguém/*, golpe que, nesse caso, não remete às propriedades do domínio nocional de <ser golpe>. O sujeito enunciator, ao empregar uma operação de diferenciação da ocorrência atual de *golpe* com outras ocorrências da noção <ser golpe>, avalia como não pertencente ao domínio de ocorrências da noção.

Chegamos a esse ponto com a seguinte formalização *golpe sendo algo que não é golpe*, aqui a alteridade cria obstáculos e não se alcança estados resultantes, o modo de ser de algo (golpe) impediu que alguma coisa fosse (existisse – o golpe de Apolônio), assim, o projeto de representação */um golpe de Apolônio para alguém/* se estabiliza momentaneamente como um valor processual, não temos estados resultantes no circuito da causalidade.

As manipulações acima possibilitaram-nos concluir que, no enunciado, *DE REPENTE*, enquanto marcador de reversibilidade, reorienta o projeto de predicação que, inicialmente estava estabilizado, enquanto nome de processo, deforma-o, retornando ao plano do pré-construído, que oferece novas possibilidade de organização para o sujeito que, ao buscar validar o projeto inicial de predicação, o re-estabiliza novamente como nome de indivíduo. Em síntese, *DE REPENTE* convoca um contexto encaixante no qual *golpe* passa a ter unicidade, estabilidade no tempo e no espaço, nominaliza-se a ocorrência que passa de predicado e se estabiliza como nome.

Em suma, o enunciado em estudo traz marcas de uma trajetória em busca da equilíbrio que se iniciou a partir das experiências do sujeito enunciator em um projeto de existência de representação */um golpe de Apolônio para alguém/*, projeto que transitou por um espaço de instabilidade, em que poderia vir a ter existência ou não, e se estabilizou como valor nominal.

Passemos na sequência ao terceiro enunciado.

*Enunciado 3: Precisamos é de governantes empreendedores para fazer a prosperidade do nosso povo. Estamos patinando com esse governo. P. A desilusão com o PT e a nova construção partidária. Como o Senhor analisa? B. Eu confio no que eu costume chamar de processo social. Às vezes parece que está tudo perdido e não está. O processo social vai surgindo. É caprichoso, se desenvolve dando voltas. Às vezes parece que estamos indo pra certa direção e de repente estamos voltando.*⁷⁸

O enunciado 3 chamou nossa atenção pela riqueza descritiva daquilo que se compreende o que seja processo social. A formulação do enunciado tem como objetivo a linearidade, a clareza do sentido, porém, em alguns momentos, esse objetivo não foi devidamente alcançado, tornando a formulação ambígua. Nessa medida, vamos interpretar que processo social diz respeito a um certo modo de como as pessoas se relacionam, tendo em vista o cenário político brasileiro.

Propomos, nesse caso, a seguinte paráfrase do enunciado destacado.

B. Confia no processo social. Às vezes parece que tudo está perdido (pessoas não se relacionando de um determinado modo), e não está. O processo social

⁷⁸ Trecho da entrevista de Leonel Brizola ao programa *Roda Viva* (2001).

vai surgindo (modo de ser). É caprichoso (ainda não é o modo como deveria ser). O processo social se desenvolve dando voltas (modo não determinado). Às vezes parece que estamos indo pra certa direção (modo de ser de processo social) e de repente estamos voltando (um modo de ser processo social que é outro que não é processo social).

Nossa discussão será guiada novamente pela presença de uma nominalização /o processo social/ que corresponde a uma noção, cuja existência, nesse enunciado, está sendo construída. Ou seja, o enunciador, ao construir o enunciado, realça o modo como a existência de /o processo social/ é colocada, mas não enfatiza se /o processo social/ foi desenvolvido ou não, e ainda se /o processo social/ será desenvolvido ou não. Conforme Rezende (2000, p.153), “o que existe antes da nominalização é alguma coisa que não existe ainda (trata-se de uma projeção de existência) e que deverá ser construída”.

Temos, nesse caso, a seguinte diretiva, que o projeto de existência de representação subjacente a essa construção é aquilo que o sujeito enunciador compreende como processo social, esse é o “fundo” do enunciado, *a existência de algo (processo social) para alguém.*

Podemos simular essa relação a partir da elaboração de uma classe de eventos enunciativos: <modo de se relacionar> → processo social

Situação 1: *Processo social* pode vir a ter existência ou não.

Situação 2: Elaboração de uma classe de eventos

- (1) O processo social se desenvolveu rápido e na direção certa. (um evento) sit i (ti)
- (2) O processo social talvez se desenvolva não tem como garantir. (outro evento) sit j (tj)
- (3) O processo social não se desenvolveu, porque não existe processo social no Brasil. (outro evento) sit k (tk)

Na sit i (ti), o sujeito enunciador emprega marcas aspecto-modais positivas à existência da representação /processo social/, tais como a noção <desenvolver> e as marcas modais favoráveis (rápido) e (direção certa). Nesse caso, temos um projeto de existência de representação com valor predicativo se estabilizando como nome, ou seja, *o modo de ser* das pessoas se relacionarem se desenvolveu na direção que era esperada,

se existiram obstáculos, no momento, todos já foram superados e já se apresenta estados resultantes positivos. O determinante *o*, nesse caso, marca uma operação de retomada por identificação de uma ocorrência cuja existência e estabilidade é o pré-construto para a ocorrência atual de “processo social”.

Em $sit_j (t_j)$ temos uma incerteza, uma oscilação que transita entre os valores de vir a ser e não vir a ser do projeto de representação /processo social/ sustentado inicialmente pela modalidade de dúvida (talvez) e pelas modalidades apreciativas negativas a existência da representação (não tem como garantir). Assim, o sujeito enunciador constroi um enunciado que não alcança uma estabilidade enquanto nome e nem apresenta estados resultantes favoráveis ou desfavoráveis ao projeto de predicação subjacente que se estabiliza provisoriamente como nome de processo.

Já em $sit_k (t_k)$ o projeto de existência de representação /processo social/ encontra obstáculos que o conduzem a não existência, temos um estado resultante no caso, desfavorável ao projeto inicial, as marcas aspecto-modais tais como, *não, existir*, indicam que a trajetória na construção da representação apesar de não vir a ser o que era esperado alcançou estabilidade, um estado resultante, algo diferente de processo social, mas que ainda assim, tem existência.

Retomando o enunciado destacado, atentar-nos-emos à noção <confiar> que, na situação enunciativa marcada pelo aspecto do presente, localiza o projeto de representação /processo social/ em uma série de pontos que se aproximam do momento da enunciação, nos oferecendo uma caracterização do projeto de representação como sendo um acontecimento já acabado, determinando a representação e estabilizando-a como nome, ou seja, o sujeito enunciador se vale dessa marca de modalidade apreciativa favorável no contexto encaixante para estabilizar o projeto de existência de representação.

Essa relação em termos de uma perspectiva formal pode ser descrita como: B confia em um modo como as pessoas devem se relacionar. O modo como as pessoas devem se relacionar chama-se processo social. Logo, B confia no processo social.

Não nos interessa esse lugar cujo efeito é dado, a priori e as unidades são portadoras de sentido em si mesmas, mas sim a perspectiva semântica culioliana que busca investigar os momentos anteriores ao efeito e também à causa, assim, ao tomarmos a construção do enunciado, observamos que o sujeito enunciador formula seu dizer buscando estabilizar o projeto de existência da representação principalmente por meio das marcas aspectuais e modais que elencaremos a seguir:

- *Surgindo* (marca aspectual que diz sobre o modo como processo social ganha existência);
- *É caprichoso* (marca modal apreciativa caracterizando que processo social ainda não atingiu o modo como o sujeito gostaria que fosse, todas as possibilidades são mantidas);
- *Se desenvolve dando voltas* (marcas aspecto-modais caracterizando um modo não determinado de as pessoas se relacionarem);
- *Pra certa direção* (marca aspectual caracterizando como tem e deve ser processo social).

Nessa primeira parte do enunciado destacado, merece destaque o movimento que o sujeito enunciator emprega na tentativa de estabilizar o projeto de representação, valendo-se de noções como <desenvolver> ligada à existência da representação /processo social/ e as marcas aspecto-modais que se colocam como alteridade positiva a efetuação do projeto de representação que caminha para se estabilizar enquanto nome.

Passamos à segunda parte do enunciado sendo: *Às vezes parece que estamos indo pra certa direção (modo de ser de processo social) e de repente estamos voltando (um modo de ser processo social que é outro que não é processo social)*. (Grifo nosso).

Observamos que o sujeito enunciator retoma o projeto de representação /processo social/ localizado na situação enunciativa 1 que não apresenta ainda o estado resultante, a existência acabada, e modula seu dizer com marcas apreciativas do campo do provável, do hipotético, da probabilidade, do caráter daquilo que não foi efetivamente realizado (parece, às vezes), trazendo a situação enunciativa à incerteza da efetiva existência do projeto de existência da representação subjacente ao enunciado 1.

O marcador *DE REPENTE* contribui para a desestabilização da representação do projeto de existência de /processo social/, e construímos uma paráfrase nesse caso: *O processo social é algo que Pedro confiava (T₁), mas de agora em diante não temos processo social para Pedro confiar (T₂)*.

A formulação acima desfavorável ao projeto de representação nos permite compreender que a significação é construída a cada uso, o valor polarizado não possibilita visualizar esse engendramento de montagem e desmontagem das formas. Assim, o marcador *DE REPENTE* na situação enunciativa 2 opera como um localizador que situa o projeto de existência de representação /processo social/ na situação enunciativa 1 B. *Confia no processo social. Às vezes parece que tudo está perdido, e*

não está. O processo social vai surgindo. É caprichoso. O processo social se desenvolve dando voltas, e abre espaço por meio de uma relação baseada na alteridade para outros projetos de predicação. Ou seja, DE REPENTE, enquanto marca de reversibilidade, traz para o diálogo um ponto de abertura com menos determinismo, um lugar que opera com a plasticidade do trabalho de construção de representações.

Em outros termos, o enunciado traz marcas de uma trajetória empreendida pelo sujeito enunciador que busca a equilíbrio se iniciando na experiência (memória) como pré-construto de algo tido como *um modo de as pessoas se relacionarem* (pouca determinação) que pode vir ou não a se chamar de *processo social por e para B*. Assim, o sujeito enunciador parte de um projeto de predicação que tem como direcionamento um aspecto positivo que visa à existência da representação, porém, nesse evento, o marcador *DE REPENTE* opera como uma alteridade que cria dificuldades para a finalização do projeto de representação, reorientando, nessa medida, o projeto inicial e abrindo espaço para outros projetos que, nesse caso, não podemos medir no enunciado devido a presença de algumas modalidades de dúvida que geram uma representação instável, difusa, fragmentada, ou seja, uma representação em construção.

Parece-nos, nesse caso, que o sujeito enunciador ao produzir o enunciado transfere a validação da relação predicativa para o seu co-enunciador, as marcas de modalidade de dúvida (às vezes, parece) e o operador *DE REPENTE* sustentam essa relação pautada na indeterminação, é nessa direção que podemos afirmar que “a existência é, portanto, um acontecimento enunciativo. Ocorre necessariamente no contexto de significação que é o enunciado”. (VALENTIM, 1998, p.50).

Para concluir, é importante destacar que o contexto de direita anterior a *DE REPENTE* caminha para uma direção de valor buscando a estabilidade da representação enquanto *nome*, já no contexto de esquerda posterior a *DE REPENTE*, temos a perda dessa determinação e o valor se estabiliza como *nome de processo*. Advém dessa observação a importância do contexto encaixante que termina por determinar a direção do próprio processo de estabilização da representação, sendo possível concluir que “entre o perceber e o dizer (a representação linguística) há um percurso cognitivo tão importante quanto os próprios significados estabilizados”. (CUMPRI, 2014, p.106).

Tomaremos o quarto enunciado:

Enunciado 4: O sono chegava repentinamente, de forma irresistível. "Dirigia minha moto em 28 de agosto e de repente caí no sono",

afirmou um morador ao site EurasiaNet.org. Foi acordar apenas em 2 de setembro. Como também ocorreu com o restante dos moradores, os médicos não souberam dizer o que ocorria.⁷⁹

Iniciamos a análise do quarto enunciado destacando a presença de dois sujeitos enunciadore, ou seja, o sujeito enunciador do enunciado negrito corresponde ao sujeito gramatical do texto. Assim, temos no enunciado uma identificação entre o sujeito enunciador (da enunciação), S₀, e o sujeito do enunciado, S₁.

Em outros termos, a asserção significa: eu (sujeito enunciador) digo: *Eu dirigia minha moto e de repente cai no sono*, e eu (sujeito enunciador), dizendo isso, assumo essa relação, validando-a, enquanto, uma predicação em uma asserção.

Dito isso, inicialmente nos atentaremos à primeira parte do enunciado negrito que corresponde a *Eu dirigia minha moto em 28 de agosto*, observando que temos um projeto de existência de predicação subjacente a essa construção sendo /Eu um dirigidor (de algo)/, assim, o pré-construto para esse enunciado é que dirigir moto é um predicável de alguém, pois Eu (pessoa) conserva características tais como ser homem, animado, ter força, enquanto que moto conserva propriedades como ser inanimado, ser um objeto passível de ser operado pelo homem. O determinante *minha* identifica e qualifica alguma coisa existente (pré-construída) para e por alguém (Eu) (ter alguma coisa/ moto).

Nesse caso, propomos por meio da léxis, instanciada por três noções semânticas, <Eu dirigir moto> as seguintes construções:

- (1) Eu dirijo a moto.
- (2) Eu sou um dirigidor de moto.
- (3) A moto é dirigida por mim (o dirigidor de moto).

Consideremos que em (1) o determinante *a* marca a extração de uma ocorrência do domínio nocional <ser moto> e também situa essa ocorrência em relação à situação enunciativa. Por meio dessa operação é trazida à existência alguma coisa que está no momento estabilizada do ponto de vista intersubjetivo, o artigo, no caso, é uma marca de alteridade que fecha o caminho para outros possíveis.

⁷⁹Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150722_misterio_sono_tg. Acesso em: 15 jun. 2016.

Em (2) temos um projeto de predicação subjacente à construção, sendo *Eu dirigir* () e () *dirigir alguma coisa*. Não se observa no caso uma relação determinista, ou seja, alguma coisa que pode ser dirigida por Eu não está determinada a priori. Desse modo, o artigo *o* marca uma determinação, fechando o caminho para outros possíveis, ou seja, *dentre as coisas que Eu posso dirigir, Eu dirijo a moto*, predicando no caso que *Eu sou um dirigidor de moto*, fechando possibilidades outras como “dirigir outras coisas” (carro, charrete, fogão, etc).

Em outras palavras, a propriedade “dirigir moto” está determinando aquele que “dirige”, no caso, “Eu”. O enunciado remete, dessa maneira, a um processo de construção que partiu da observação realizada pelo sujeito enunciator de várias ocorrências no espaço e tempo de um mesmo “dirigir moto” para e por “Eu”. Estamos, nesse caso, passando de uma instabilidade das representações para uma estabilidade que emerge na superfície textual como *Eu dirijo moto*, portanto, *Eu sou o dirigidor de moto*.

Em (3) a construção na voz passiva opera como uma retomada do pré-construto de *Eu dirigidor de algo*, ou seja, não retomamos neste enunciado um objeto para alguém dirigir, mas *um ato de dirigir para alguém* (por alguém que é o mesmo: Eu-Eu). Nesse ponto, observamos que esse pré-construto, de natureza predicativa, permite-nos formular que *A moto não é dirigida por mim, porque a moto não existe*, comunicando, dessa forma, a inexistência da representação.

Por meio das manipulações acima, podemos observar que a nominalização /a moto/ resulta de uma memória que “passa a intuição equivocada de coisas existentes, coisas feitas, passa um valor de voz passiva quando são coisas que poderão vir a existir” (REZENDE, 2000, p.153), assim, a nominalização no enunciado opera como o “pano de fundo” que passa a impressão no nível empírico de representação estabilizada, a partir do projeto de representação: (Eu) *dirigidor de algo* (moto) – Eu dirigia minha moto em 28 de agosto.

Pontuamos ainda que a estabilização da representação no enunciado de partida *Dirigia minha moto em 28 de agosto* deve-se à recorrência de marcas de imperfeito, gerando uma situação enunciativa na qual os acontecimentos linguísticos distanciam-se da situação zero da enunciação (Sito To), corroborando com a impressão de fato concretizado, de estabilização do projeto de existência da representação. A presença de marcas do imperfeito faz-nos orientar o enunciator na cena enunciativa para <(Eu-aqui- agora digo que “dirigia minha moto”) em 28 de agosto>.

Passemos à segunda parte do enunciado negrito *e de repente cai no sono*, o primeiro ponto que chama atenção nessa construção refere-se à impressão de uma quebra de normalidade, a ação desempenhada por alguém (dirigir moto) até o momento, sofre uma interferência brusca.

A noção <cair> questiona o projeto de existência da representação / Eu dirigidor de algo (moto)/ localizado na asserção anterior, e o marcador *DE REPENTE* reorienta justamente esse projeto de predicação, situando-a na asserção atual, operando enquanto alteridade questionando esse projeto subjacente a abrindo caminhos para outros possíveis.

Observamos esse movimento de construção da representação por meio da seguinte indagação: Alguém ao cair no sono deixou de ser dirigidor de moto? Pontuamos que a questão central não é que alguém deixou de ser (dirigidor de moto), pois isso é o “fundo” do enunciado, é uma “sombra” de existência do projeto de representação, vislumbramos assim, que o enunciador projeta que Eu vinha sendo “dirigidor de moto” em representações situadas no tempo e no espaço, logo, a inserção do marcador *DE REPENTE* situa esse projeto de predicação na situação enunciativa atual e reorienta, forçando esse projeto a uma transformação que não se concretiza plenamente como /Eu sou o dirigidor de moto/.

O movimento de organização da representação é perpassado por um jogo de forças instanciadas na léxis por meio das relações apreendidas pelas noções, instaurando um circuito de causalidade. Fazendo um parêntese, ressaltamos que nos distanciamos dos preceitos lógicos de que a causa necessariamente é maior e anterior ao efeito por ela causado, ou seja, algo anterior traz as coisas à existência, visto que compreendemos a causalidade como um acontecimento filtrado pela percepção do sujeito, sendo que esse direcionamento nos conduz a compreender a enunciação como um produto gerado por uma relação que sempre se transforma (variante) e na mesma medida algo sempre se mantém (invariante), em um jogo incessante entre desequilíbrio e equilíbrio.

Assim, podemos formular uma paráfrase em que o sujeito enunciador ao enunciar *Eu vinha dirigindo minha moto*, empregando a marca aspectual *vinha* significando que Eu dirijo moto (sit_i (t_i); Eu dirijo moto (sit_j (t_j); Eu dirijo moto (sit_k (t_k), construindo *Eu dirigidor de moto* em tempos e espaços distintos pode nos conduzir a um posicionamento apressado de que

[...] o estado E de um sistema S em um momento t determina toda a trajetória de S através do espaço de estados possíveis antes e depois de t. Dois sistemas em E em um momento t compartilham passados e futuros idênticos. (JUCÁ, 2010, p. 93).

O raciocínio acima, provindo de uma física causal, diz-nos que se *Eu dirijo moto* em tempos e espaços distintos, logo *Eu sou um dirigidor de moto*, a causa gera o efeito, mas o efeito não determina a causa, por ser menor que a causa. Porém, de nosso ponto de vista direcionado pela TOPE, a pretensão principal não é medir o que é causa ou efeito, por considerar que o linguista busca observar pelo diálogo como se sustentam a relação enunciativa (instável) e a relação predicativa (estável) que comportam impulsos de força de natureza altamente predicativa, diluindo o que compreendemos em física como causa ou efeito.

Mediante essas considerações, intuímos que o marcador *DE REPENTE* no enunciado desestabiliza *Eu dirijo* e conseqüentemente desestabiliza também o projeto de existência da representação *Eu dirigidor de moto*, o efeito, para dizermos em termos de uma física causal, se apresenta, nesse caso, como uma anticausa, forçando o sujeito enunciativo a readequar, reorientar o projeto de predicação inicial.

Assumimos nesse ponto que “a variação é de princípio e a invariância - aquilo que não varia - está marcada no empírico” (PRIA, 2014, p.117-118), ou seja, a indeterminação é o fundamento, não se presume, no caso, uma etiquetagem para os termos do enunciado, por entender que a identidade de funcionamento dos termos resulta de contornos “da atividade (trabalho) cognitiva (operações) dos sujeitos sobre uma materialidade que se encontra construída em uma cultura”⁸⁰.

Nessa direção, é possível inferir que *DE REPENTE* traz à tona a relação dialógica sujeito-outro, operando como um localizador enunciativo que promove uma ruptura, um desligamento com o valor absoluto suscitado pela predicação em sua gênese, abrindo, nessa medida, a representação para outras trajetórias, nesse ponto, *DE REPENTE*, como uma marca de alteridade, conduz-nos a ultrapassar o caráter instrumental tão corriqueiramente atribuído aos termos linguísticos.

Compreender a locução adverbial⁸¹ *DE REPENTE* como uma alteridade que implica pensarmos sobre a diversidade experiencial dos sujeitos, que compreende a diversidade das formas de expressão e como esse sujeito equilibra o que concerne ao

⁸⁰ Ibid., p. 117.

⁸¹ O termo “locução adverbial” é empregada como tributo a uma tradição que não se pretende ignorar nesse trabalho.

domínio particular (sistema cognitivo) e ao domínio social (sistema semiótico), visto que as palavras têm uma memória, e que é justamente essa tênue relação de domínios que o sujeito tenta se equilibrar, por meio da atividade de linguagem que dilui esses contornos, deformando as representações.

Vale ressaltar que, nesse caso, compreendemos o texto como um construto, a representação em língua (textos orais ou escritos) é resultado do esforço empreendido pelo sujeito que busca regular a sua experiência particular com a “diversidade de experiências, de formas de expressão e de meios expressivos com quais entra em contato”. (PRIA, 2013, p. 52).

É nessa direção que, por meio das reflexões depreendidas em torno de *DE REPENTE*, observamos que o sujeito enunciativo, a todo momento, busca a adequação do enunciado, a adequação da trajetória de construção da representação visada que, nesse percurso, pode encontrar obstáculos à estabilização, ou seja, *o movimento é de princípio, e a parada é uma conquista, um momento*.

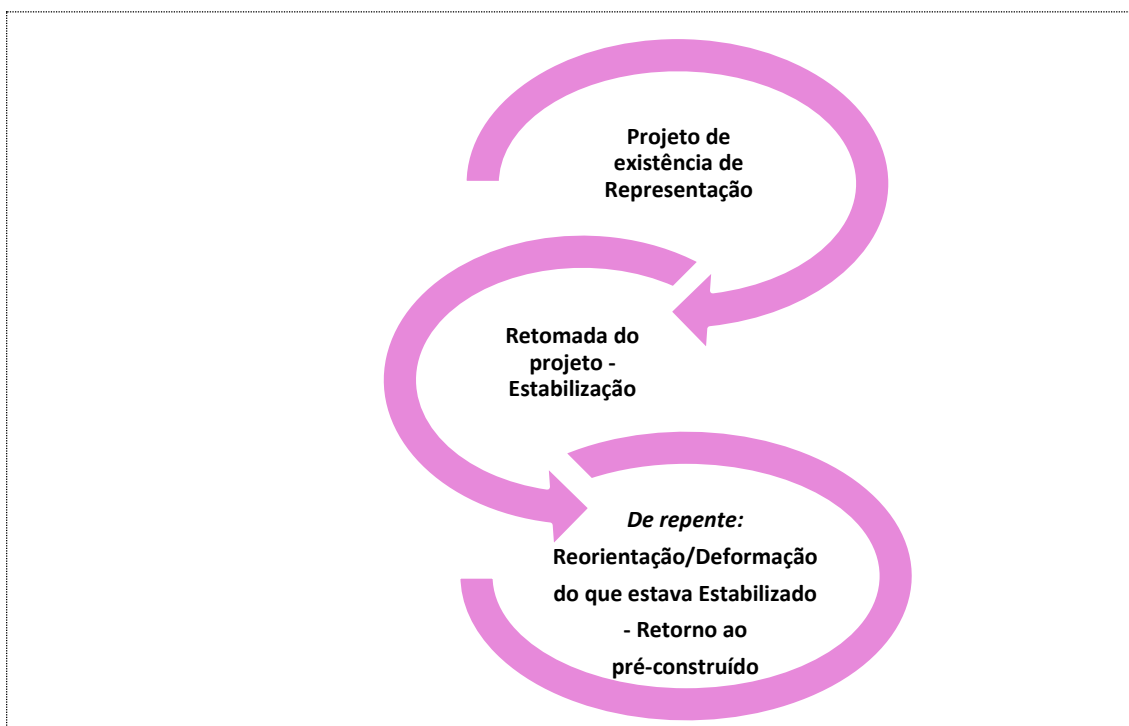
4.1 De repente: algumas conclusões in(conclusivas)

A abordagem semântica culioliana tem como hipótese central o fato de que a identidade de funcionamento de uma unidade linguística não é definida por um sentido de base que se encontra catalogado em/e por instrumentos formais (dicionários, gramáticas), mas deve-se ao “papel específico que ela desempenha nas interações constitutivas do sentido dos enunciados nos quais ela é posta”. (FRANCKEL, 2011, p.23).

Nessa direção, tomamos cada enunciado com *DE REPENTE* como particular. A significação construída por esse marcador não se equivale a um fenômeno de reprodutibilidade. O sentido desse termo linguístico é construído no/pelo enunciado ao mesmo tempo em que *DE REPENTE* determina o sentido dos enunciados de que é constitutivo. Os valores dos enunciados estudados são valores aproximados, pois, “o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma épura, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo”. (idem, p.23).

A partir das reflexões empreendidas nesta seção, identificamos que *DE REPENTE* convoca operações de quantificação e qualificação imbricadas com marcas

de aspecto e de modalidade. Valendo-nos de uma forma gráfica, ilustramos essa leitura que inferimos das análises.



Quadro 4: Operações de linguagem com *DE REPENTE*

A forma gráfica acima ilustra o potencial de caminhos que o sujeito pode percorrer para chegar a uma determinada forma, visando à construção de uma significação particular. Partimos, em nossas análises, daquilo que se encontra estável (enunciados) e, ao procedermos à desmontagem dos enunciados, observamos que *DE REPENTE* opera como um marcador de reversibilidade, reorientando a situação enunciativa e o projeto de representação, ou seja, deforma aquilo que já tinha atingido uma possível estabilidade, (re)conduzindo a representação ao plano do pré-construído e à abertura de valores potenciais para uma situação enunciativa particular, em suma, produzindo indeterminação e instabilidade enunciativas. Assim, a leitura dos enunciados nos conduziu a identificar dois parâmetros convocados por *DE REPENTE*:

1. O marcador *DE REPENTE* aciona relações de alteridade no enunciado

Observamos na construção dos enunciados de nossa pesquisa uma organização recorrente: parte-se de um projeto de representação de existência que visa à existência

da representação (estabilidade). *DE REPENTE* marca no enunciado uma instabilidade observada pelo sujeito nesse percurso, que tem como orientação a estabilidade da representação. O sujeito enunciador observa que alguém vem atribuindo existência a X, buscando estabilizar X em um dado tempo-espço e *DE REPENTE* marca a reversibilidade dessa orientação. Assim, o sujeito enunciador desloca X para um ponto menos determinado, não na direção de descaracterizar X, como sendo um não-X, mas na direção em que X conserva sua identidade dentro de uma regionalidade de valores potenciais de tal modo que X seja estabilizado como nome de coisa ou como nome de processo.

2. O marcador *DE REPENTE* aciona operações de quantificação e qualificação

A passagem de um item linguageiro (nível 1) ao item linguístico (nível 2), conforme tratada no item 3.4, comporta operações de quantificação e qualificação. São as operações de quantificação que colocam a possibilidade de que a representação venha a ter existência. Os enunciados analisados confirmam essa hipótese de trabalho. As nominalizações presentes em todos os enunciados (o amigo, o golpe, o processo social, o dirigente) resultam de operações de quantificação que buscam trazer à existência uma ocorrência da noção, tais como <amigo>, <golpe>, <processo social> e <dirigente>, sujeita a determinações qualitativas ulteriores.

É pertinente destacar que a operação de quantificação tem como orientação a existência da representação, o *vir a ser*. Porém, no circuito da causalidade que perpassa a léxis, o projeto de existência de representação pode encontrar forças maiores que dificultem, inviabilizem, forcem esse projeto a uma não-existência, bem como podemos ter também a superação desses obstáculos e a estabilização da representação nesse ponto do circuito causal de forças em movimento dentro do enunciado.

Nesse caso, observamos que os enunciados com *DE REPENTE*, em sua parte primeira, têm como orientação a estabilização da representação como *nome/agente* ou *processo*, mas, a parte segunda do enunciado marca a reversibilidade dessa orientação e acabam por se estabilizar nome de *processo* ou *nome*.

Quanto à operação de qualificação, incluiremos aqui as marcas aspectuais e as modalizações, que desempenham papel crucial na determinação. Observamos que *DE REPENTE* marca uma identificação, na medida que retoma o projeto de existência de

representação e, ao reorientar esse projeto inicial, marca uma diferenciação com o valor inicial abrindo espaço para outras operações de determinação (o vir a ser da representação).

O marcador *DE REPENTE*, nesse caso, marca uma instabilidade qualitativa (oscilação) das propriedades que garantiriam a existência de X como tal, ou seja, existe alguma coisa localizada em relação a algo, que passaremos a predicar (distinguir), mas, porque essa coisa não se encontra ligada a um valor absoluto, porque é constitutiva do projeto de representação uma margem de variação, *DE REPENTE* marca essa deformabilidade na predicação que se abre para outros possíveis em razão de operações de determinação.

Os enunciados com *DE REPENTE* resultam de uma trajetória que envolve operações heterogêneas, portanto, indeterminadas. Parece-nos interessante trazer para reflexão um outro domínio científico, especificamente o da *Teoria da Catástrofe*, de René Thom (1972), refenciado por Culioli (1999a) em seus trabalhos. Da perspectiva da matemática, o interesse maior é pelos fenômenos de descontinuidade. A observação de sistemas caóticos, que tem como características a não-linearidade, a indeterminação e a sensibilidade as condições iniciais são o foco da pesquisa. A extensão dessa perspectiva para as leituras dos enunciados *DE REPENTE* possibilitaram-nos a compreensão de que o processo de construção de representação também é indeterminado, sensível ao circuito de causalidade da léxis e passa por momentos de transformação, descontinuidades.

A *Teoria da Catástrofe* (1972) contribuiu para a humanidade na medida em que se passou a observar que as instabilidades são tão reais e necessárias como o estado de harmonia. Nesse sentido, as reflexões permitiram compreender que qualquer sistema, para se desenvolver, passa por etapas de reestruturação, sendo que, mesmo nas mudanças bruscas, temos um reagrupamento de forças que se reorganizam em busca do equilíbrio. Descritivamente, as etapas se caracterizam por um predomínio temporal de uma das forças, o que conduz a organização do sistema a um estado caótico, destruindo a estrutura anterior e, posteriormente, reestabelece-se o equilíbrio em um novo estado qualitativamente diferente.

Fazendo um parêntese, destacamos que não é nossa pretensão aplicar o modelo topológico matemático. Na pesquisa linguística aqui desenvolvida, apenas fazemos menção aos estudos de René Thom, que avaliou que tanto a instabilidade bem como a estabilidade fazem parte de uma variável x, ou seja, uma mesma variável x pode mudar seus valores durante o tempo devido à influência de energias exteriores e

interiores ao sistema. Quando a força empreendida sobre a variável x é pequena, temos uma estabilidade do valor de x . Porém, conforme as forças aumentam e o valor de x estabilizado não apresenta resistência à ação dessas forças, temos um cenário de catástrofe que resulta em uma transformação e conseqüentemente em uma re-estabilização do valor de x .

A “pérola” descoberta por René Thom foi justamente a importância dos parâmetros nos processos dinâmicos⁸², quais sejam, os pequenos fatores, as forças que podem vir a transformar a variável x em x' , por exemplo. Adaptando essa ideia a nossa pesquisa acerca do *DE REPENTE*, podemos dizer que a conceituação de parâmetro na *Teoria da Catástrofe* (1972) corresponde ao imbricamento entre as operações predicativas e as operações enunciativas que culminam na construção daquilo que conhecemos como o enunciado.

Se, por um lado, as operações predicativas constroem o sentido dos termos do sistema linguístico por meio da sintaxe e, portanto, “estáveis do ponto de vista intersubjetivo” (FUCHS, 1984, p.79), as operações enunciativas sustentam a relação predicativa em relação à situação de enunciação. Em outros termos, as operações enunciativas

[...] são responsáveis pela ‘constituição dos enunciados’, e constroem a ‘significação’ (pela atribuição de ‘valores referenciais’), e são instáveis do ponto de vista intersubjetivo, pelo fato de colocarem em jogo ‘modulações’ variáveis segundo os enunciadores.⁸³

A construção do enunciado resulta do ajustamento entre as operações predicativas e enunciativas, não temos conformidade e linearidade. Nesse caso, assim como a mudança dos parâmetros culmina em um estado catastrófico, na perspectiva matemática, gerando um estado novo, por tratarmos de operações, compreendemos que “os sistemas linguísticos formam sistemas dinâmicos que são regulares mas com uma margem de variação devido a fatores diversos. Na atividade de linguagem, lidamos com fenômenos que apresentam estabilidade mas também plasticidade e labilidade” (LIMA, 2016, p.15).

Em outros termos, não operamos sob um domínio que se reserva simplesmente a dicotomizar sintaxe e gramática como o domínio das regularidades e o léxico como o

⁸² Conforme o site: <http://nova-acropole.pt/teoria-das-catastrofes/>. Acesso em: 15 maio 2017.

⁸³ Ibid., p. 79.

domínio das singularidades, em que *DE REPENTE* tem valor fixo de algo súbito ou imprevisto. Assim, em TOPE, conforme a leitura de Franckel e Paillard (2011, p.97),

a própria concepção de léxico se acha transformada: os itens lexicais devem se conceber, não mais como o material pré-constituído instaurado pela organização sintática dos enunciados, mas como lugar de uma variação regrada.

Em resumo, a leitura da *Teoria da Catástrofe* (1972) possibilita-nos compreender que muitos campos científicos, inclusive a linguística, fundamentaram-se epistemologicamente na direção de uma compartimentalização dos fenômenos, sendo que, semelhantemente aos estudos matemáticos da catástrofe, o programa culioliano se funda pelo entendimento de que

[...] deve se substituir por uma epistemologia do interativo, do dinâmico e do não-linear, em uma **dialética complexa do rígido e do maleável** na qual se **constroem e se desconstroem as figuras do estável e do instável através de plasticidade regulada da linguagem**⁸⁴. (CULIOLI, 1999b, p.66, grifo nosso).

É nessa direção que propusemos observar a partir do marcador *DE REPENTE* esse jogo dialético que comporta o rígido e o maleável, na tentativa de compreender que a construção textual, o enunciado, é fruto de uma trajetória empreendida que pode alcançar bom termo. O enunciado é o vestígio do projeto de representação em que o valor dos termos não pode ser tomado como absoluto, tendo em vista que na passagem para o plano das representações linguísticas eles se ressignificam sucessivamente.

Reiteramos que *DE REPENTE* deforma o “fundo” que já se encontrava relativamente estabilizado, o projeto de representação inicial se torna memória enunciativa. Ao se deformar, retorna ao plano do pré-construído (fundo). As operações de predicação que partiram da orientação (projeto de representação) de existência de um nome encontraram resistência no percurso, cujo jogo podemos observar por meio das operações enunciativas marcadas principalmente pelas modalizações e pelo aspecto.

O enunciado é o vestígio desse imbricamento de operações que vai do instável ao estável, sendo que, o valor operatório para *DE REPENTE*, em tais casos, reside no

⁸⁴ No original: [...] qu'il faut substituer une épistémologie de l'interactif, du dynamique et du non-linéaire, dans une dialectique complexe du rigide et du malléable où se nouent et se dénouent des figures du stable et de l'instable, à travers la plasticité régulée du langage. (CULIOLI, 1999b, p.66).

fato de situar o projeto de existência de representação e se integrar a esse projeto culminando em um novo dado, um novo projeto de existência de representação.

4.0 Outro ponto de parada: reflexões finais sobre o Saber na Linguagem

Escrever é reaprender a errar a língua.
(Manoel de Barros)

Ao findar esta trajetória de estudos, consideramos pertinente retomar os questionamentos iniciais em torno do marcador de nosso estudo: *DE REPENTE* comporta parâmetros que incidem sobre os processos implicando eventos de ruptura com aquilo que se encontra semanticamente estável? *DE REPENTE* reporta-se a eventos temporais contrapondo aquilo que é com aquilo que pode vir a ser, referindo-se, portanto, a um espaço de expectativa? Como se constrói essa expectativa? De que modo está fundamentando o funcionamento para *DE REPENTE*.

As questões acima, intuitivas até certo ponto, conduziram a construção de uma reflexão que teve como direcionamento a articulação da atividade de linguagem com as línguas naturais. Partir dessa perspectiva implicou assumirmos que a variação radical é de princípio.

Ao compreendermos a atividade de linguagem como trabalho de construção da significação, buscamos dar visibilidade ao trabalho do sujeito, que nem sempre é visível, quando partimos do princípio saussuriano de *langue*. Do nosso ponto de vista, os enunciados com *DE REPENTE* trazem marcas do processo de origem, do trabalho de apropriação do sujeito em colocar a linguagem em funcionamento.

Se, para os estudos tradicionais, incluindo-se, alguns de linguística, é importante encapsular a significação dos termos linguísticos, nesse caso, o de *DE REPENTE* com valor de súbito ou imprevisto, em nosso estudo, buscamos trazer à tona, valores outros que esse marcador constrói em determinados contextos.

Nesse caso, observamos que, nos enunciados estudados, *DE REPENTE* estabelece uma relação com formas verbais no modo indicativo e com nominalizações. Intuímos que o marcador estudado tem certa predileção por esse contexto, visto que, conforme já apontamos, as formas verbais no modo subjuntivo e imperativo são menos recorrentes.

Nessa direção, ao optarmos em nossas análises pelo contexto que *DE REPENTE* aparece próximo de nominalizações e de formas verbais no indicativo, observamos que o marcador atua como operador de reversibilidade, reorientando a situação enunciativa,

abrindo a predicação para outros possíveis. Assim, a expectativa (sentido usual), dita em nossas perguntas iniciais, nos conduziu à compreensão de que não temos exatamente uma quebra de expectativa (sentido usual), antes, temos caminhos outros que se esboçam ao sujeito por meio da atividade de linguagem.

Reiteramos que *DE REPENTE* se localiza na situação enunciativa por meio das relações que estabelece com os outros termos. Procuramos dar ênfase, nessa direção, ao fato de que as relações nocionais, sintáticas e enunciativas sustentam os valores que despontam em língua, mas não só, visto que outros valores nem sempre são visíveis.

Como já dito, *DE REPENTE* funciona como alteridade, que abre espaço para outros possíveis. Esse funcionamento permitiu-nos observar que a abundância de classificações, no caso, adverbiais, resulta de uma concepção de língua estática, que não leva em consideração os ajustes, a imprevisibilidade, e termina por propor mais conceituações, na busca de um valor semântico ideal que englobe por “completo” as formas linguísticas.

Esperamos ter oportunizado ao nosso leitor a visualização da nossa caminhada, não somente de conhecimentos epistemológicos, mas, principalmente, de refinamento do olhar, tão necessário para visualizar o movimento que se faz para ir “do construído ao que está ainda para se construir e vice-versa”. (REZENDE, 2000, p. 324).

Para finalizar, ressaltamos que, no caminho da escrita, muitas foram as intuições e poucas as certezas. Trabalhar com uma teoria que coloca a indeterminação como constitutiva da atividade de linguagem, a produção e o reconhecimento dos textos como resultante da articulação do léxico com a gramática nos fez aprender (e, ainda, aprendendo), como dito poeticamente por Manoel de Barros (2004), que *escrever é reaprender a errar a língua*.

Ao findar este processo de escrita, mas não a caminhada, concluímos que *aprender o saber da linguagem* implica evitar que *as hipóteses não se cristalizem em certeza, as operações em procedimentos de etiquetagem, em suma, que o espírito, i.e a inquietude e a curiosidade, abandone rapidamente a empreitada, quando a impaciência de se chegar a um fim se sobrepõe à racionalidade paciente (sobretudo quando essa racionalidade não afasta os fenômenos que poderiam incomodá-la, mas, ao contrário, se esforça para considerá-la em sua complexidade)*⁸⁵.

⁸⁵ Formulação citada no prefácio do livro *Linguagem e Enunciação* (VOGÜE, et al. 2011, p. 10) ao retomar A. Culioli, “Préface”, PLE II e PLE III, Paris, Ophrys, 1999.

Referências

- AGUILAR, C. B. S. *Operações enunciativas e valores referenciais* - estudo da marca “apesar de”. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2007.
- ANDRADE, C. D. *A paixão medida*. São Paulo: J. Olympio, 1983.
- AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. Trad. NUNES, J. H. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1998 [1996].
- _____. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. ORLANDI, E. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- _____. *Filosofia da linguagem*. Trad. MARCIONILO, M. São Paulo: Parábola, 2009.
- BARROS, J. *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa, Luís Rodrigues, [1540] 1971 (reprodução fac-similada de L. BUESCU, Lisboa: Faculdade de Letras).
- BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Trad. NOVAK, M. et al. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. *Problemas de linguística geral II*. Trad. GUIMARÃES, E. et al. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BIASSOTO, M. *Para uma gramática da produção: análise da marca mesmo sob o enfoque da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2012.
- CAMARA, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.
- CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E.R. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____; et al. O advérbio. In: ILARI, R; NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008.
- _____. Para uma análise multissistêmica das preposições. In: *História do português paulista*. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.

CARROL, L. *Alice no País das Maravilhas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Corpus do Português. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CORREIO, S. R. S. Usos da expressão de repente em dados do século XXI. In: *Revista dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras – UFF*. Disponível em: <<http://www.revistaicarahy.uff.br>> Acesso em: 12 ag. 2016.

_____. A multifuncionalidade de *de repente*: persistência e gramaticalização. In: *Entretextos*, Londrina, v.15, n.1, p.157-179, jan./jul. 2015.

CULIOLI, A. *Cognition and representation in linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. La communication verbale. In: *L'Homme et les autres*. Encyclopédie des sciences de l'homme: l'aventure humaine. Paris: Grange Batelière, 1967, v. 4, p. 65-73.

_____. Linguistique du discours e et discours sur la linguistique. In: *Revue philosophique*. Paris, n. 4, p. 481- 488, 1978.

_____. *Notes du séminaire de D.E.A .-* 1983-1984. Paris: Poitiers, 1985.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. Tomo 1.

_____. *Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culioli*. “Recherche em linguistique: theorie des operations enonciatives”. Paris : Departement de Recherches Linguistiques, Universite Paris VII, 1976.

_____. Valeurs modales et opérations énonciatives: à propos de certains emplois de “bien” et “fort bien”. In: *Le français moderne*, Paris, v. 46, n. 4, p. 300-317, 1978.

_____. *Variations sur la linguistique*. Entretiens avec Frédéric Fau. Préfaces et notes de Michel Viel. Paris: Klincksieck, 2002.

CUMPRI, M. L. A noção: entre o empírico e o formal. IN: PRIA, A. D. et al. (Org.). *Linguagem e línguas: invariância e variação*. Campinas: SP. Pontes Editores, 2014.

CUNHA, C. F. *Gramática de base*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1981.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

DAHLET, V. M. B. Prefácio. In: ZAVAGLIA, A. *Pequena introdução à teoria das operações enunciativas*. 2. ed. São Paulo: Humanistas, 2016.

FLORES, V. do N. et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FRAGOSO, L.C. P. L. A Gramática Funcional e o Processo de Gramaticalização. In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. v. 2, n. 6, jul./set. 2003.

FRANCKEL, J. J, PAILLARD, D. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Introdução. In: VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FUCHS, C. A paráfrase linguística – equivalência, sinonímia ou reformulação? In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.8, p.129-134, 1985.

_____. O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 7, p. 77-85, 1984.

GULLAR, F. *Muitas Vozes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

HAROCHE, C. *Fazer dizer, querer dizer*. Tradução ORLANDI, E. P. et al. São Paulo: Hucitec, 1992.

JUCÁ, G. Os argumentos de Bertrand Russell contra a noção de causa. In: *O que nos faz pensar*. p.89-110, n. 28, dez. 2010.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

LEMISKI, P. O bom da poesia fácil. In: *Ensaio e anseios crípticos*. Curitiba: Polo Editorial, 1997.

LIMA, M. A. F. De que modo a gramática pode contribuir para a funcionalidade do ensino de língua materna? In: *Revista do GELNE*, Natal: RN, vol. 18, n. 2, 2016.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 47. ed. ret. e enriq. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

LYONS, J. *Semântica I*. São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1977.

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico*. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

MORAES, V. *Os melhores poemas de Vinícius de Moraes*. 5. ed. São Paulo: Global, 1987.

NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. 1997. A Gramática Funcional. Martins Fontes. In: TRAUGOTT, E. Meaning-change in the development of grammatical markers. *Language Science* 2, p.44-61, 1980.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NORMAND, C. A teoria de Antoine Culioli: uma poética. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUC-RS, v.44, jan. mar. 2009, p. 9-11.

ONOFRE, S. G. *Atividade de linguagem: a criatividade em confluências de planos enunciativos temporais no ensino de produção e interpretação de textos*. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: SP, 2013.

PAILLARD, D. Entrevistadores: Márcia Romero e Valdir do Nascimento Flores. In: *Linguasagem*, São Carlos: SP, v. 27, n. 1, 2016.

PIAGET, J. *O estruturalismo*. Trad. AMORIM, M. R. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

PRIA, Albano. D. A atividade de tradução e a articulação da invariância com a variância. In: Pria, A. D. et al. (Orgs.) *Linguagem e língua: invariância e variação*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2014.

_____. A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade de linguagem. In: *Signo*, v. 38, n. 64, p. 50-65, 2013.

_____. O diálogo, a significação e a enunciação na articulação da linguagem com as línguas naturais. In: PRIA, A. D. et al. *Linguagem, escrita e tecnologia*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

_____. *Para um redimensionamento do estudo do adjetivo: os processos enunciativos de variação semântica de “falso”*. 124 f. Doutorado (Tese em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2009.

QUINTANA, M. *Os melhores poemas de Mário Quintana*. 9. ed. São Paulo: Global, 1995.

RAMOS, M. A. B.; SILVA, C. R. Hipotaxe adverbial e gramaticalização: a função conjunta de advérbios e preposições em artigos de opinião. In: *ReVEL*, v. 12, n. 22, 2014. p.80-97.

RAUBER, A. L.; DEFENDI, C. L. A categoria advérbio e a interface gramática e gramaticalização na aula de Língua Portuguesa. In: *Anais do SIELP*. v. 1, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 131-141.

REZENDE, L. M. A indeterminação da linguagem e a instabilidade-estabilidade dos valores gramaticais. In: *Estudos Linguísticos* (São Paulo), Taubaté - SP, v. 32, n. XXXII, p. 1, 2003.

_____. A indeterminação da linguagem: sintaxe e léxico. In: *Alfa*, São Paulo, n.34, 2000.

_____. A relação entre o sujeito e objeto de conhecimento: a formação do professor de línguas. In: *Estudos Linguísticos* (São Paulo), Taubaté - SP, v. 41, n.2, maio-ago. 2012, p. 562-571.

_____. Atividade Epilinguística e o Ensino de Língua Portuguesa. In: *Revista do GEL*, São José do Rio Preto, v.5, n.1, p.95-108, 2008.

_____. Causalidade, propriedade diferencial e construção de domínios nocionais. In: *Alfa*, São Paulo, v. 47, p. 21-39, 2003.

_____. Contribuições da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas para o ensino de línguas. *Versão Beta: Sob o signo da palavra*, São Carlos, ano VIII, n. VIII, p.7-28, 2010.

_____. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. 320 f. Tese (Livre docência) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2000.

_____. Nominalização e valores referenciais. In: *Estudos Linguísticos*, XXXVI(1), janeiro-abril, p. 234-240, 2007.

_____. Operações da linguagem e algumas construções nominais. In: *Alfa*. São Paulo, 46: p.111-127, 2002.

_____. Variação e invariância na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. In: Priia, A. D. et al. (Orgs.) *Linguagem e língua: invariância e variação*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2014.

ROMERO-LOPES, M. C. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. In: *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

_____. *Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada*. 342 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ROSA, A. R. *Antologia poética*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. CHELINI, A. et al. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SILVA, T. J. B. *Processos enunciativos e gramática operatória: o espaço semântico-enunciativo dos marcadores ser e estar*. 144 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2011.

THOM, R. *Stabilité structurelle et morphogénèse*. Essai d'une théorie générale des modèles. Massachusetts: W.A, INC. Advanced Book Program. 1972.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de Gramática no 1º e 2º graus*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VALENTIM, H. T. *Predicação de existência e operações enunciativas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

VIGNAUX, G. Entre linguistique et cognition: des problématiques de l'énonciation a certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli. In: BOUSCAREN, et al. (Orgs.) *Langues e langage*. Problèmes et raisonnement en linguistique: mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995.

VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, integração. In: VOGÜÉ, S. de; et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Prefácio. In: VOGÜÉ, S. de; et al. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

ZAVAGLIA, A. *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2002.

_____. *Pequena introdução à teoria das operações enunciativas*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2016.